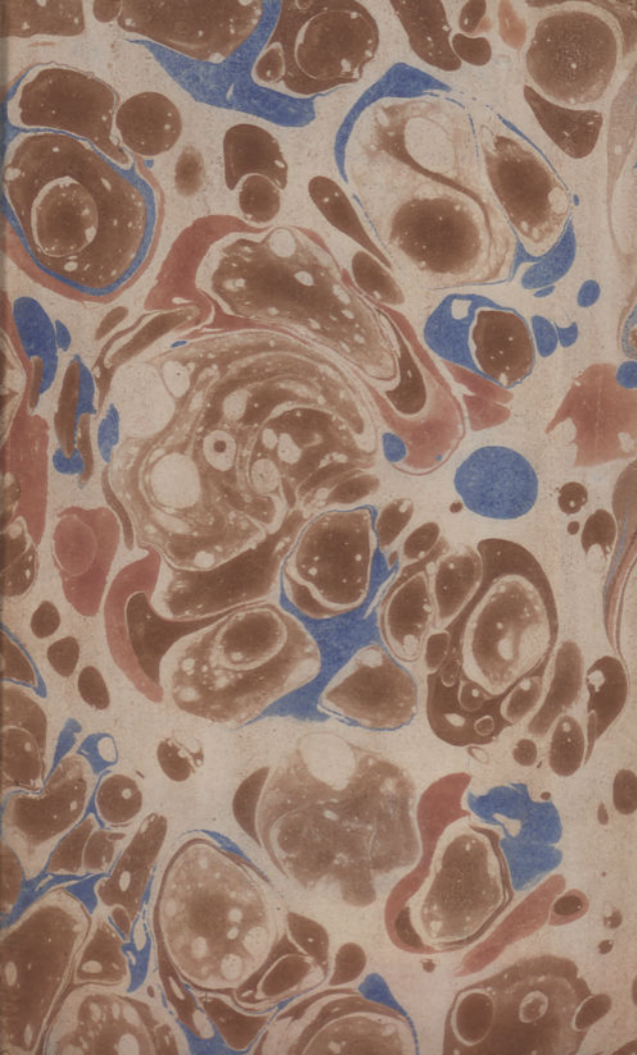


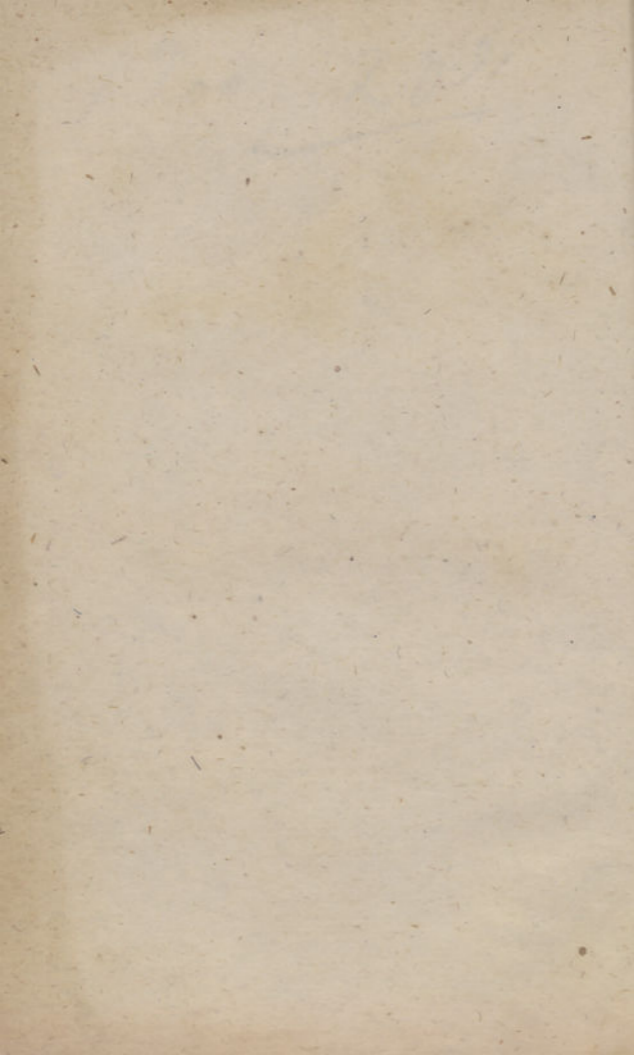
Sala 27

Est. 27

Tab. 27

N.º 27



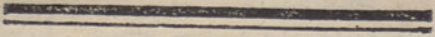


FILOZOFIA  
DE  
PRINCIPES  
APANHADA DAS OBRAS  
DE  
NOSSOS PORTUGUEZES

2838

POR  
BENTO JOZÉ DE SOUZA  
FARINHA

Professor Regio de Filozofia, e Socio da  
Academia das Sciencias de Lisboa.



TOMO I.



RC  
MNCT  
(La)

1  
FAR

LISBOA

NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.

MDCCLXXXVI.

Com licençã da Real Meza Censoria.

*Assi o bom Rey que em tuas maõs se cria  
( S'aprovas do Philosopho o dezejo  
Que dezejava ao Rey Philosophia )  
Grande , prudente , e justo por ti o vejo.*

Ferreira, Carta a Luiz Gonçalves da  
Camara.

# PROLOGO.

**A** Obrigação de nosso cargo , e officio publico nos força a dar algum testemunho de nossa applicaçam , e huma prova de que o recebemos com prazer , e o vamos agoentando como permitem as forças , a quem as tem tam limitadas. E tendo cuidado muito nesta satisfaçam que deviamos ao publico , e nam nos podendo escuzar de pôr em memoria alguma couza do que encontrassemos , e colheassemos por fruto de nossos livros ; nam achamos em nossa pouquidade tanto cabedal que abastasse a matar tamanha divida ; e por isso nos acorremos aos estudos e cabedaes de nossos Authores , que muy abondosos , e ricos foram em todo o communal saber. E certo eu nam ouzaria a escrever de mi tam alta Filozofia , posto que muito aguilhoadado , e apertado me tenha a obrigaçam : que segundo Deos fez aos Principes grandes nam temos cã os baixos affi prestes os talentos , e força de dizer ,

zer, que, sem nos mandarem fallar, fizéssimos obra que lhes fosse aceita: e mormente na Filosofia que se emprega toda em taxar, e governar vontades, couza em que todos fomos muy affidalgados, e caprichosos. E porem afforrado com tamanha authoridade como a dos sabios que a escreveram, e tam assentado, e defenganado modo de filozofar como elles tiveram; e ajuntando a isto a antiguidade, que lá tem sua graça e magestade porque se faz ter em reverencia, e estima por todos, nam ha para que recear de sahir com esta obra: na qual como levamos pouco do nosso, pouco será o mão que nella se encontre. E ainda que os que pertencem à nossa repartiçam, e vem tomar de nós o estillo de filozofar ficam muito à quem dos Principes; nam tolhe isto que lhe façamos algum serviço, e paguemos o tributo que lhe devemos: pois sò com o ensino e proveito de seus Vassallos, parece que nam temos cumprido tudo; e que cada hum deve da veiga ou jardim de sua arte e sciencia es-



colher as flores de mais primor e graça para lhe tecer a capella e ramallete: Coufa de que se tem encarregado, e em que se tem esmerado muitos assi de nossa Naçam como das outras, que com seus estudos, e cos alheos tem trabalhado para o uzo dos Principes. E assi caminhando pelas pegadas delles vamos recolhendo, de toda a Filozofia que nos deixaram, o que melhor nos parece, e por amostra damos este tomo, que contem as obras que vam na seguinte taboada.

---

## T A B O A D A

Do que se contem no Tom. I.

- D** *Outrina de Lourenço de Caceres ao Infante D. Luiz.* pag. 1.
- Voto de D. Aleixo de Menezes acerca do Mestre do Senbor Rey D. Sebastiam.* pag. 67.
- Fala de D. Aleixo de Menezes à Senhora Rainha D. Catherina, e ao Cardeal D. Henrique sobre a edu-*

*educaçam do Senhor Rey D. Sebastiam.* pag. 72.

*Fala de D. Aleixo de Menezes ao Senhor Rey D. Sebastiam antes de tomar o governo do Reyno.* pag. 85.

*Dialogo V. das condiçoens, e partes do bom Principe, de D. Fr. Amador Arraiz, Bispo de Portalegre.* pag. 95.

Do que se contem no Tom. II.

*Carta de D. Alvaro de Castro ao Cardeal D. Henrique sobre o Governo do Reyno.*

*Carta de D. Rodrigo Pinheiro, Bispo do Porto, à Senhora Rainha D. Catherina sobre a regencia do Reino.*

*Carta de D. Fr. Gaspar do Casal, Bispo de Leyria à Senhora Rainha D. Catherina sobre a regencia do Reyno.*

*Carta de D. Jeronymo Osorio, Bispo de Silvez, à Senhora Rainha D. Catherina sobre a regencia do Reyno.*

*Carta do mesmo ao Senhor Rey D. Sebastiam sobre casamento &c.*

*Car-*

*Carta do mesmo ao Senhor Rey D. Sebastiam sobre a passada de Africa &c.*

*Carta do mesmo ao Cardeal D. Henrique sobre a successam da Monarquia.*

*Carta do Dezembargador Gonçalo Dias de Carvalho ao Senhor Rey D. Sebastiam sobre o officio, e qualidades de hum Rey.*

Do que se contem no Tom. III.

*Ensinança de Principes, de Fr. Antonio de Beja Monge de S. Jeronymo.*

*Pratica que fez hum Lavrador a el-Rey Arsano de Persia tirada do Latim por Fr. Jeronymo de S. Bernardo Monge de Cister, e dedicado ao Senhor Rey D. Sancho.*

*Trabalhos dos Reys de Lourenço de Caceres.*

Do que se contem no Tom. IIII.

*Summa Politica de D. Sebastiam Cezar de Menezes Bispo de Coimbra.*

*Doutrina para Principes, Dialogo III. de Martim Affonso de Miranda.*

Do

Do que se contem no Tom. V.

*Romance de Gil Vicente pela Acclamação do Senhor Rey D. Joam III.*

*Sentenças de Diogo de Teive ao Senhor Rey D. Sebastiam.*

*Instituição do Senhor Rey D. Sebastiam feita por Diogo de Teyve, e tirada em lingoagem por Francisco d' Andrada Choronista mor do Reyno.*

*Carta de Francisco de Saa de Miranda ao Senhor Rey D. Joam III.*

*Carta do Doutor Antonio Ferreira ao Senhor Rey D. Joam III.*

*Carta do mesmo ao Cardeal D. Henrique.*

*Carta do mesmo ao Senhor Rey D. Sebastiam.*

*Carta do mesmo ao Secretario de Estado Pedro d'Alcaçova Carneiro.*

*Carta do mesmo a Luiz Gonçalves da Camara Mestre do Senhor Rey D. Sebastiam.*

*Carta do mesmo a D. Constantino indo governar a India.*

*Carta do mesmo ao Conde do Redondo, Regedor das Justças.*



# DOUTRINA

DE

LOURENÇO DE CACEREZ

A O

INFANTE D. LUIZ.



LLUSTRISSIMO Principe,  
e Serenissimo Senhor Infan-  
te D. Luiz. Mandoume V.  
A. chamar ao Algarve es-  
tando em Coimbra pera comigo es-  
tudar este inverno, que, como me  
escreveo, pela dispoziçam da terra,  
com a que em sy achava pera if-  
so, esperava aproveitar muito em  
pouco tempo. E certo taes dezej-  
sam, e bem respondem ao esclare-  
cido do sangue, e Real Avoengo,  
perque V. A. de antiquissimos Reys

de Espanha vem decendo ; e tambem fatisfazem aa commum oppiniã que todo este Reyno delle tem affentada : e nam he outra couza nefã idade dezejar de mais faber , fe nam faber , mais do que por nenhum dezejo se alcança.

Porém agora pela mudança del-Rey noſſo Senhor para Almeyrim , como a terra em ſy he mais aprazivel , e tem ao perto totalas caças , e montes , juntamente com a diſpoziçã do tempo ſer mais conveniente de todo o anno ; pareceme que nam haverã lugar , o pera que V. A. me manda chamar , e eu trazia cuidado. Mas por nam ficar affi o Inverno ſem officio , quiz-me fazer huma vez Mestre per qualquer via ; que ſe de todo o nam ſerviſſe no para que vim , ao menos em alguma couza do meſter , lhe aproveitaffe a minha vinda.

Aſſi que em quanto V. A. gaſtar os dias melhores no exercicio da caça , eſcrever-lhe-hey alguns conſelhos da doutrina colhida dos livros que  
achey ,

achey , como liçam feita em caza ,  
 os dias que o tempo lhe nam der  
 lugar pera o campo.

E posto que alguem queira re-  
 prender isto como atrevimento ,  
 ou estranha-lo como couza nova : eu  
 faço o que muitos Escriptores fize-  
 ram com seus discipulos , e com  
 grandes Senhores da sua idade. E  
 pois a gloria da invençam nam po-  
 de ser minha , nam o deve ser a cul-  
 pa da reprehensam ; que de Pitha-  
 goras se lee dar conselho a muitos  
 Princepes de Italia : e Solon à Cresso  
 de Lidia : e Socrates à Alcebiades :  
 e Isocrates à Niocles : e Plutarcho à  
 Antiocho : e Platam escreve à Dio-  
 nizio Siracuzano : e Seneca à Nero :  
 e outros muitos Philosophos à Prin-  
 cepes de seu tempo.

E ainda que o meu nome nam  
 possa hir antre estes , escrevendo lo-  
 go a V. A. , que em clareza de  
 sangue , e limpeza de vida se pode  
 comparar com os melhores , e pre-  
 ceder a muitos que nome-ey ; nam  
 deixarei porisso cometer de seguil-  
 los ,

los, por fogir a mingoa de os nam poder igualar, e como diz hum verso: Nas couzas grandes o quere-las he affaz. Quanto mais ainda que exemplos me fallecessem pera escuzar o atrevimento, abastaria por desculpa da ouzadia conhecer a quem escrevo.

Bem se abria aqui lugar para tomar antre maõs louvores de V. A.: mas eu por isso dixi que o conhecia, que sey quanto mais quer merece-los, que ouvi-los. E certo sendo os louvores muy vivas esporas da virtude; des que os Lizongeiros se adiantaram a louvar sobejamente os Princepes, começaram os que sam excellentes a haver por sospeitos todos os louvores. Porém como respondeo Platam aos Cyrenenses, quando pediram que lhes escrevesse Leys, pelas quaes governassem a sua Republica: disse-lhes, que o nam queria fazer: e nam lhe deu outra rezam, se nam que eram muito ricos, e muito prosperos.

Assi crea V. A. que nenhuma couza he mais difficil, que escrever ley a homem, que huma vez he cingi-



gido de opiniaõ de sua prosperidade; porque as honras, e riquezas communmente criam huma prezumpçam tam confiada, que cuida cada hum ter igual a prudencia com a fortuna. E como pode, e val mais que os outros, assi cuida entender melhor o que ha de fazer. Mas como o Principe o pior vicio, e derradeiro mal que pode ter, serà fazer profissam em maõs alheas; assi he perigoso enganar-se com a confiança de seu mesmo saber. Pello qual, como outra vez disse, saber a quem escrevo, me daa ouzadia escrever-lhe conselhos, que sómente se dam a quem os sabe tomar; e nam os sabe outrem, se nam quem he muito pera os dar.

## C A P. I.

### *Da diminuiçaõ das Idades.*

**E** Screve Moyfes, fiel Secretario dos mysterios divinos, que perguntado Jacob por ElRei Pharaõ que idade era a sua; respondeo-

deo-lhe : *Cento , e trinta annos poucos , e maos , e ja nam chegarã aos de meus antepassados.* No que craramente se mostra quanta diminuição hi haja em a geraçã humana daquellas idades primeiras , em que os homens viviam por muitos centos de annos. E depois da hy à muito tempo , David sapientissimo Pay do moor sabedor de todos os mortaes fez maes estreitamente este queixume por que *do nosso viver* , diz , *sessenta annos , e nos de forte compreicã athe outenta , e da hy por diante trabalho , e dor.* E dos Escriptores gentios Virgilio por outro grande intervallo de tempo o significou neste verso :

*Qualia nunc hominũ producit corpora tellus.*

E Juvenal diz : que a terra cria ja agora os homens meãos , e pequenos.

Pois nos agora que ( como diz S. Paulo , somos aquelles aos quacs he chegado o fim das idades ; quam mingoados , e diminuidos devemos cuidar que sam os nossos annos das

ida-

idades primeiras, que como diz Tullio: *Qualquer breve tempo affaz he grande para quem todo honradamente viver bem.* Mas trouxe isto assi de longe para o fim de lembrar a V. A. que desta tam curta vida, havendo-a ainda de viver toda, tem ja passado quazi hum terço da sua.

## C A P. II.

*Da cobiça da gloria, e trabalho das virtudes.*

**C**Ontasse em tragedias, que sendo Hercules da idade de V. A. cobiçozo em grande maneira de honra, e de gloria; sahio-se soo a hum deserto, cuydozo muito em altos pençamentos de sua vida, e achou dous caminhos, hum muito largo de prados verdes, e sombras deleitozas, que guiava a todos os prazeres das couzas deste mundo, e hia acabar nos arrependimentos delle, e nas trevas, e escuridades do esquecimento. O outro muito estreito, e pouco seguido, ingrime, e fragozo, cheyo de aspe-

perezas de todos os trabalhos; mas hia ter em cima a huma fermoza veiga de flores muy inteiras, vestida de toda luz muy serena, de resplandecente gloria, que por fama das excellentes obras se alcança; pello qual despois de muitos pensamentos, escolheo antes a ventura dos trabalhos, que os afagos da deliciaçam.

E deste tam cuydozo Herculles em principio se fez depois aquelle Herculles que venceo Geriam de Hespanha, e Antheo de Africa, e Caco de Itallia. E deixando as mais façanhas que fez, finalmente foi tal, que perdeu a lembrança de quanto viveo, e do mesmo tempo, quanto ha que foi, sabemos-lhe todos o nome, e as aventuras que acabou; e podesse dizer que a memoria de seus feitos gastou o mesmo tempo gastador de todas as memorias.

Estes sam aquelles dous caminhos que Pithagoras sabio ( de cuja espantoza sabedoria todos os antigos se maravilharam ) significou no Y que

acrecentou no A. B. C. dos Gregos. Aqueste defícil caminho de virtudes reprezentou o Poeta Homero, nos errores de Vlixes; e Virgilio, que em tudo o seguio, nas guerras, e trabalhos de Eneas. Finalmente está tudo isto muy bem recolhido em huma soo sentença de Esiodo, que diz: *Alem do trabalho, e suor, está a virtude.*

## C A P. III.

*Dos cazos sobjeitos aos tempos, e que na paz he mais difícil a virtude.*

**E**Rra por certo, e muito longe vay da minha opiniam, quem pela rellaçam destes que foram muito guerreyros, cuida logo que aconselho a V. A. vestir huma pele de leam, e tomar a maça de Herculles às costas, e perigrinar pello mundo, amançando as terras; ou navegar os mares de Vlixes; ou buscar a conquista de Eneas; que estas taes occasio-

cazioens fã mais dos tempos, quazi necessitados pellos fados que as offerecem, que dos homens que as buscam. E como diz Tullio: *o louvor dos grandes Capitaens pello meyo se deve aos tempos em que acertaram de ser*: E em quanto se nam abrem caminhos de couzas mayores, muy bem pode o coraçam, e valentia com que os grandes feitos se emprendem, estar em bainha com a mesma espada, pera quando os cazos pedirem as mãs para às armas.

Mas trouxe a antiguidade de Baroës tam nomeados pera apoz isto dizer a V. A. que no proprio foccego do Estado pacifico aquelle mesmo trabalho he caminho de virtudes, que Herculles achou no dezerto da perigrinaçãõ deste mundo; se nam quando cuida que mor virtude se requiere pera livrar a vida de culpas no estado da paz, que pera a encher de Titulos no tempo da guerra: porque o pezo das armas, e fadiga dos trabalhos, e mingoa dos mantimentos, e o sentido occupado na fortale-

za alheya, fazem ( sem o nôs sentirmos ) passar a mesma dureza do ferro aos costumes; e assi deve todo o viver virtuozo a propria virtude aos inimigos.

Pello qual he muy celebrado aquelle ditto de Scipiam Nassica, que outros dam ao Metello, quando veyo nova ao Senado, que Carthago era destruida de todo; disse, que nam sabia quanto com aquillo deviam de folgar, pois nam ficava ja mais aos Romanos de que podessem haver medo, nem vergonha: no tempo da paz, quando todas as couzas convidam a delleitaçam, guardar, e conservar aqui huma firme dureza de virtudes, e levar a propria maça de Herculles erguida per toda diversidade de naçoës, e costumes, sem mudar o trajo da pelle de Leam que trazia vestida.

## C A P. III.

*Louvores da paz , e da guerra  
contra os Infieis.*

**E** Ainda que V. A. des a primeira sua idade athe agora tenha mostrado em todos os exercicios de Montaria, Justas, e Torneos quanta destreza, e dezentura, e quanto atura, e incançavel spirito lhe Deos quiz dar para soffrer quaesquer esquivos trabalhos das armas; folga muito, e repouza de ouvir os louvores, e artes da paz, em quanto as couzas da guerra se lhe nam offereçem.

E certo vendo como toda a Christandade arde em furiozas chamas de guerra, eu nam sey quem fosse tam desconhecido, primeiramente a Deos, que outra herança nam leixou aos Christãos em seu Testamento, se nam a paz: e depois tam ingrato ao muy alto, e muy poderozo Principe, e Excellentissimo Rey D. Joam vosso Irmam, e Senhor por cuja  
Di-



Divina Providencia, e alto Conselho, des que reynou athé agora nos faz fer herdeyros neste pacifico testamento de Christo; que nam ouza nomear, nem louvar nenhuma guerra, se nam a que todolos Reys Christaõs fazem aos inimigos da Santa fee Catholica.

E assi por esta inteira Religiam, e sancto zello vam os seus vassallos, e naturaes com as bandeyras de Christo passando o zodiaco além dos caminhos do Sol, e do nosso anno, debaixo de novos Ceos, e novas estrellas, navegar mares estranhos, e conquistar Naçoës nam conhecidas; onde nunca em seus mesmos tempos chegou a fama de Herculles, nem de Vlixes, nem de Eneas, que escolhidamente nome-ey por mais afamados. Nem das taes terras houveram noticias os mesmos Authores, que dellas escreveram. Mas em tam sobidos, e acabados louvores minha tençam nam he tocar nelles como em couzas Sagradas.

## CAP. V.

*A differença da obrigaçam nos  
Principes.*

**E** Pois V. A. pela magnifica liberalidade, e singular amor de tam excellente Senhor, e Irmam, começa em seus Reynos ter Rendas, Villas, e Vassallos de sua Jurisdiçam; muy conveniente me pareceo a my, assy pella rezam de meu officio, como pella incrinaçam, que V. A. sempre teve a lhe parecerem bem as couzas das letras, tirar dos livros algumas sentenças que à sua pessoa, e estado convinham. E ainque eu muitas couzas conselhe a V. A. as quaes per sy ja faça, sem pe-  
 ra isso haver mister conselho, assi ò tome, que quem amoesta fazer ò que se já faz, nam quer al dizer, se nam louvar o feito sem lizonjaria: que na vida ordenada ( como diz Isocrates ) nam se querem novos conselhos, se nam certos.

Assi

Affi Senhor, que athé aqui V. A. levaffe tal eftilo de vida per todos os numeros, qual podia dar muy famozo principio á muy honrada Cornelia; ha de cuidar que vay muito a ter cuidado de fy foo, a te-lo de muitos; e de reger fua caza prezente com a palavra, a governar abfente o povo per justiça. E que he couza deficil ( porém neceffaria ) conhecer merecimentos, igualar serviços, temperar opinioes, e saber fer liberal nas mercès, largo nas honras, prodigo nos favores. E sobre tudo saber fazer isto a tempo, e cazo que venha jufto, e igual à neceffidade de tantas, e tam diferentes vontades. Por que onde ao homem fe lhe começam os negocios, ahi ha de cuidar que fe lhe acabam as moftas, e finaes que todos tinham delle: e da hy por diante, fem nenhuma remiffam tudo fam vicios, ou virtudes.

E nam fomente convem ao Principe entregar fua fama, fua vida fem nenhuma culpa; mas ainda ha de

de procurar que o nam culpem de nam emendar (podendo) a infancia alhea. E porque na provizam disto muyto vay no saber, muito vay nos conselhos, e muito nos costumes dos Reys; direy hum pouco de cada huma destas couzas.

## C A P. VI.

*Do saber das couzas divinas necessarias ao Principe, e como o Amor precede ao entendimento.*

O Saber logo, cujo principio (como diz Salamam) he temor de Deos, o qual he tambem fim de toda-las couzas, nam deve, nem pode ser outro melhor no Principe Christam, que crer com muita firmeza, e confessar puramente os artigos da fee Catholica; e daqui com muita firmeza, sem outra speculaçam nenhuma, guardar fielmente os mandamentos, e ceremonias, e virtudes Ecclesiasticas.

Mas

Mas nisto pela mayor parte ( como em muitas couzas ) ha hy hum erro defcil em os mortaes: que dando nosso Senhor poder para o amarmos, e a ninguem saber para o comprehender; e querer antes de nós que o amemos, o que facilmente podemos fazer, que nam que o entendamos, pois he impossivel. Toda via muitos poem mais sua imaginaçam em trabalhar de entender a Deos, que a vontade em o amar. O qual ainda que pudesse ser entendido, em balde o entenderiamos se nam o amassemos.

Affi que assentado este ser o principio, e fim de toda a sabedoria, o Principe Christam, muito deve ser devoto; que muy direitos vem os pensamentos da Religiam à justiça. E assi dis Platam em Alcebiades, que os Reys dos Persas ensinavam seus filhos a magica, que era sciencia dos segredos da natureza; pera que com a sciencia da Republica mundana soubessem governar a humana. Elle mesmo nam a qualquer do Povo, se

nam soo ao Principe chama discipulo de Deos. E certo sombra, e semelhança tem muita da potencia divina no Imperio dos homens.

## C A P. VII.

*Do saber humano, e juntamente de todo, e como segue o poder.*

**E** Stoutro saber das Letras humanas, muitos sam em opiniam de ser pouco nessario aos Princeses, e so em trazer de Salamam authoridades, nas quaes chama ao saber muito má occupaçam, na qual ha trabalho, e presumçam: e allegar hum ditto de Neutolemo: que *o philosophar ha de ser pouco, ou nada;* e Cayo Mario que duas vezes triumphou, e sete foi Consul de todo menos prezou o estudo. E reprovando de todo o saber, se querem mostrar mais sabedores. Notam muito ser lançado Adam do Parayzo terreal soo porque quiz saber o bem, e o mal. E aquillo tambem de S. Pau-

Paulo que diz: *O saber deste mundo he sandice a cerca de Deos. E o Eccleziastes: Nam queiras ser muito justo, nem de saber mais do que he necessario.*

Mas os que sobre isto escrevem seguindo todos aquella Sentença de Platam o qual diz: *Que entam será bemaventurada a Republica quando o Regimento della acontecer a Philozopho, ou seu Regedor começar a philozophar.* E o mesmo Salamam outra nenhuma couza escolheo para sy, de quantas lhe Deos offereceo se nam a sabedoria, grande sabedor em tal escolha; pois o peccado de Adam a mesma Sagrada Escripura o attribue nam a saber, se nam a nam entender, e ignorancia, que diz por elle: *O homem como estivesse em honra nam entendeo, foi comparacão a bestas ignorantes, e semelhavel feito a ellas.* E S. Paulo em dizer deste mundo, tacha, nam o saber, se nam a presumçam, e confiança delle: como o Ecclesiastes, a curiozidade em defender o saber desnecessario.

Antes nenhuma couza se louva mais nos Princepes que a sabedoria . como ella per sy diz nos Proverbios: *Por my os Reys reinam, e os Princepes senhoream.* E aquillo do mes- Ecclesiastes: *Isto tem mais a erudiçam, e saber que dam a vida a quem os possue.* E depois diz: *Que melhor he o saber, que a fortaleza, e que as armas da guerra.* E no Livro da Sapiencia se lee da sabedoria do Rey, e firmeza do povo: e depois de muitos louvores affirma, que he comparada á luz, e ainda melhor, porque àquella succede à noute; e assi está na lembrança de toda a antiguidade, os que mais neste mundo de mando, e senhorio alcançaram, assi serem grandes sabedores, que Bacco que dizem haver sobjugado quazi todo o mundo, contam estarem em os seus sacrificios, que *Orgia* se chama- vam, todos os mysterios da anti- ga Philosophia. E Hercules que tan- tas terras sobjugou, nam por al se finge foster o Ceo aos hombros, se nam



nam pella Philosophia , e Astrologia que soube , que quasi igual foy nas guerras , e nas victorias : por tanto que dizem , que trocou as azas de Mercurio , e o escudo de Pallas com que acabou todas as suas aventuras por o saber , e elloquencia que teve.

E porque falle em historias mais conhecidas , Alexandre , que conquistou toda a Asia , nam fomite foy grande Philosopho , mas escaço ainda , e avarento da Philozophia ; que se aqueixava a Aristoteles por huma Carta , perque publicou huns Livros de Metaphyzica que com elle soo os tinha communicados. Julio Cesar cume , e altura nas armas dos Romaõs , quando em Hespanha os seus mesmos o quizeram dezemparrar , nenhuma cousa lhe mais valleo , que o pezo , e forca da sua elloquencia : e como diz Tullio , tinha hum generozo , e muy escolhido estillo de dizer.

E o mesmo Imperio Romam , nunca teve mayores Capitaes , que quando grandes Letrados , e Oradores.

res. E he couza notada por muitos, as armas nelles juntamente crecerem, e florecerem com as Letras. E o Senhorio do povo de Israel nunca mais grande, que em tempo de ElRei Salamam, moor sabedor de todos os nascidos. Assi que sempre grande poder andou junto com a mesma Sabedoria, e as armas com os Letrados. E cuydo que porisso pintavam os antigos Palas armada, e a Apolo com arco, e setas, que elles haviam por Deozes da sabedoria.

### C A P. VIII.

*Quam necessario he o saber nos  
Prinçepes, e que o verdadeiro  
saber he por obras.*

**V**erdadeiramente he necessario em qualquer arte mecanica por muitos annos, e contino uzo apren-della, e ainda de muito bom Mestre. Pera reger, e governar os homens, que se requiere moor saber, e mais arte, quem duvida haver-se mister  
mais

mais estudada dilligencia, e muy attentada consideraçam? E pois isto donde melhor se pode tomar que dos Livros, nos quaes ha por exemplos, e por regras de doutrina Louvores das couzas bem feitas, e reprehençaõ de todos os vicios? Mas porque vemos quam excellentes Reys, e louvados Princepes houve em nossas Chronicas, que occupados sempre na guerra dos infieis, e na governança do Reyno, nam puderam ter tanto conhecimento das Letras; assi queria que se entendesse o que digo, que louvando a sciencia, nam louvo o saber que fica nos Livros: nem fomento aquelle pello qual o entendimento se fãz conhecedor de mais couzas, e nam o que dos Livros se tira para à vida, e aquelle ao qual depois de adquerido per meyo da rezam a vontade obedece.

Que certo hy nam ha outro saber, se nam daquelle que soube philozophar com as obras, E como o fim da Philozophia, que todos concer-

certaram ser necessaria aos Princepes, seja enfrear, e athe subjugar o medo, temperar as partes, guardar sua justiça, procurar a paz; quem isto consigo acaba, eu diria que sem nenhuns Livros tem a verdadeira Philozophia mais apurada, e melhor sabida, que os muitos carregados de Letras, quando melhor a entendem como per conversaçam peor a guardam. E em verdade mais aproveita a execuçam dos preceitos da doutrina sem lhe saber os nomes, que a delgada disputa, e examinaçam delles sem curar de guardallos.

E nesta sentença costumava dizer o Bemaventurado S. Francisco, que tanto sabia o homem, quanto obrava. E nosso Senhor Jezu Christo, nam do saber, nem das Letras, se nam das obras, e de frutos manda conhecer a cada hum. Esta confiança porém nam abre caminho para desprezar o estudo da sabedoria; que muy muito atalho he para à Prudencia, mesturar as regras da doutrina com o uzo das couzas: que, como di-

diziam os antigos, muy mizaro he o sabedor das virtudes, que nasce soo da experiencia, pois nam pode vir, se nam de cahir, e arrepender a meude de muitos vicios. He nesta maneira logo necessario o saber das couzas Divinas, e humanas.

Se vemos que às peffoas baixas, e de fama muy louvada poem em espanto, e maravilha dos outros homés; que farà aos Princepes, cujos dittos, e feitos soem a ser acrescentadamente rellatados? Noutros agora nom fallo: porém V. A. aquem eu por muitas mercês, e singulares beneficios devo quanto posso servir, lhe peço, que como de mão pagador, nisto que posso se acabe de entregar da doutrina, que com tam divino engenho, quazi sem nenhum trabalho alcança. E para as gastar neste, furte algum tempo aos outros cuydados, que ainda que serem mayores, este pode la caber por hum dos melhores.

## C A P. VIII.

*Como os Princeses sam incertos dos amigos.*

**M**As porque nem soo por sy pode o Principe despachar a moor parte dos negocios, nem sempre acertar em todos, prometi tambem de dizer a necessidade que tem do saber alheyo, o qual pela mayor he dos Privados, e dos Amigos; que taes soem fer os Confelheiros. Mas aqui he muito de notar o retto arteficio da divina Providencia, a qual como receoza, se todalas couzas desse a hum soo estado, ou a hum soo homem, nam lhe ficava novamente que dar aos outros; de tal maneira reparte os bens da fortuna, e as graças da natureza por todas as pessoas, e vidas, que ninguem fica sem dotes, e contentamentos, e tambem sem mingoas, e queixumes.

A qual depois de dar aos Princese-

cepes, e grandes Senhores serviços, gentes, jurifdiçoës absolutas, riquezas sobejas, e estados mayores; descontou-lhe tudo isto na amizade (que despois da Religiam he a melhor, e a mais divina parte que ha nas couzas humanas) que apénas porém sabem se a tem, nem quem he seu verdadeiro amigo. Porque como cada hum o queira ser, e fomite por seu interesse, e huns se isto vem aos outros, a inveja dantre todas, que o odio da competencia tenham secretamente ao Senhor de quem pendem, por nam poderem lançar aos outros, ou arreceyo de poderem ser lançados.

Pello qual como antre estas duvidas cada hum queira rodear ao seu proveito, e assi cuide que o melhor pode fazer, se mais aceito for ao Principe; nam cura ninguem de lhe dizer couzas mais proveitozas, se nam que possam comprazer amizades; dizendo-lhe polla moor parte muy baixas, e muy derribadas lizonjarias; de maneira que vem a  
ter

ter neteffidade de outro confelho pe-  
ra os mefmos Confelheiros.

## C A P. X.

### *Do Mexerico, Lizonjaria, e Amizade.*

**C**omo nas cazas dos Princepes  
andem commumente dous Ca-  
pitaes pestillenciaes, *Mexerico, e*  
*Lizonjaria*; mais prejudicial he, e  
mais penetra a lizonjaria: que o  
mexerico aparta fomite, e faz ca-  
hir alguns da graça, e vontade do  
Senhor: Mas o lizongeiro transtorna,  
enlea, e quasi encanta os Princepes;  
e faz-lhe que nam conheçam em fy  
meffimo, o que todos os outros co-  
nhecem nelles. Como contam de El-  
Rey Anthiocho, que errado dos feus  
em huma montaria, fobrevindo a  
noyte, acolheu-fe affi desconhecido  
nos trajos do monte à caza de hum  
pobre Lavrador: e depois fobre  
cea vindo a fallar em ElRey, o  
Hospede fem o conhecer, dixe al-  
gu-



gumas couzas que mandava fazer muy injustamente; nas quas elle por as rezoës, que para isso lhe davam os seus Conselheiros, cuidava saamente que acertava. Pella menhaã vindo os seus ter com elle, e lhe traziam outros vestidos, revolveo-se para às insignias Reaes, e dixe: vinde ca minha purpura, que, des que vos eu vesti, ainda ontem comecey a ouvir a verdade.

Mas como o arteficio dos Lizongeiros seja comprazerem sempre em tudo, e nam lhe darem nenhuma pena: assi nam ha Ley, nem Princepe que lha de; como nenhum malleficio seja peor, e que mereça mais castigo. Porque se alguem lançasse peçonha em alguma fonte publica, ou poço de que todos bebessem, quem lhe nam daria tormentos, e mortes novas? Pois quem empeçonhenta ao Princepe, e enche de vaõs louvores; e erradas opinioës, e mãos conselhos. de quem todos como de fonte limpa ham de beber a administraçam da justiça, que tormentos, ou que mortes

tes merece? Porém ( como diz Thucide ) que nas guerras, e discenfoês civis se muda a verdadeira significação, e dignidade dos vocabulos, que em vez de os attribuirem às couzas que devem, attribuem-se às que se fazem.

Affi que digo, que nas conversações dos Princepes, como os vicios sejam vezinhos das virtudes, fazem-lhe nam conhecer os seus defeitos com nomes corados dos bons feitos. Porque ao sanguinario, e cruel quem lhe nam diz, que affi ha de ser o Principe temido, e justigozo? Se he soberbo, e desprezador, louvam-no de livre, e inzento: se baixo, e pera pouco, chamam-lhe humano, põem-lhe nome prudente, e cautellozo. E affi em todas as outras couzas, usurpando a vezinhança, e semelhança dos nomes, nam procuram desviallo de qual he, se nam qual o acham, tal o ajudam em sua opiniam.

Nem por isto se haja de entender, que o verdadeiro amigo haja de ser espirito de contradicam, appare-

lha-

lhado sempre a reprehender todas as couzas; que a amizade nam he aspera, nem dura, nem intolleravel, mas branda, macia, e doce; e porque assi o diga, da mesma propriedade do mel, que morde, e he doce fomite em quanto cura. E assi Agelilao prudente Capitam nam queria (como diz Xenophonte) que ninguem o louvasse, se nam quem dos erros o sabia emendar. E verdadeiramente aquelle he bom amigo, que sabe reprehender sem doesto, e louvar sem lizongeria.

Mas porque os lizongeiros, como moeda falsa, tem os mesmos cunhos, e cruces dos amigos, que dissimullando os grandes erros costumados, ou os feytos muy errados, reprehendem tambem as couzinhas leves, que muito nam magoam: e mais nam se podem provar, se nam no toque da fortuna, levam entretanto na bonança os merecimentos dos homens de bem, os outros nam taes.

## C A P. XI.

*Dos Conselheiros.*

**M**As porque toda via de saõs, ou podres o Princepe tem necessidade de tomar conselho ; o meu seria , que fosse dos mais antigos , e de melhor viver , com tanto que haja prudencia. Quem bem vive , tem prezumpçam per sy , que aconselhará o que deve: e nam he defícil couza saber se he boa , ou maa a vida alhea , que essa conhecemos todos melhor , que a nossa.

E dixeram tambem os antigos , que os longos dias esfriam aquelles supptitos movimentos dos mancebos : e tambem descobre muitas couzas a experiencia. E como singularmente dixe Ofranio: *Ouze a ser Pay da sabedoria , e sua May a Memoria.* E certo a experiencia das couzas passadas , junto com a lembrança dellas he muy grande tocha da rezam , acenza com a prudencia , que vay allumando , e quazi vendo as que estam  
por

por vir. E a esta significacão os Lacedemonios pintavam a Apollo ( que elles honravam por Deos da sabedoria ) com quatro maons , e outras tantas orelhas : dando a entender , que aquelle deve ser havido por prudente que fez , e ouvio dobradas couzas dos outros homens.

Mas porque nem so o bem viver abasta , nem por sy os muitos annos : pedi tambem prudencia , sem a qual nenhuma vida , nem idade pode bem aconselhar , e ella por muitas vezes supre o defeito dos annos , como diz Aristoteles , que nam faz differença ser algum mancebo nos dias , ou nos costumes. E a Sagrada Escriptura mal diz o moço de cem annos , a saber , o velho ignorante. Pelo contrario S. Paulo louva a prudencia dos mancebos , escrevendo a Thimoteo : *Ninguem despreze a tua mocidade.*

E pode mui bem aqui entrar huma questam : Qual será melhor , o conselheiro discreto , e maliciozo , ou o virtuozo ignorante ? E podia-se di-

zer: como o aconselhar nam seja outra couza se nam julgar, e interpretar o que està por vir, e consultar referindo humas couzas às outras, pronosticando o que de tudo pode acontecer; que parece ser officio do juizo, e entendimento; que melhor o farà o sabido, por mão que seja, que o virtuozo se nam for discreto: Que a virtude aproveitar-lhe hà para se apartar do que entender que he vicio, mais que a prudencia; e ainda que queira nam poderà aproveitar a outrem com o conselho: que, como diz S. Hieronymo, *a santa rusticidade pera sy so aproveita.*

Porém como em cada hum destes sejam mui grandes defeitos, ou o do saber, ou o da bondade; eu diria, que mais se deve perguntar qual era peor, que qual melhor. Porém o que me a my parece he, que os conhecidamente julgados por boças, ainda que sejam bons homens, ou nunca sam chamados a conselho, ou quando o sam, vem ja sospeitos da ignorancia, de forte que poucas

vezes se aventura nelles perigo do que consulta. Mas quem se fiarà, ou quem se poderà guardar da antiga malicia, authorizada com opiniam de saber, que tanto pode mais enganar, quanto melhor, e mais certamente sabe persuadir o que quer? Geralmente acontece homens manhosos, e fingidores serem conselheiros, e privados.

Em verdade o digo, e assi o entendo, que nenhuma couza mais sobverte grandes Imperios, que conselheiros velhos maliciozos, diffimulados, e interesseiros; feitos, e favorecidos per prezumpçam de saber; como logo de nenhuma couza tenham menos, que verdadeira prudencia; que com muita verdade se diz: *na Alma malicioza nam entrarà sabedoria*. Porque além das contas, e medidas, que elles lançam, jazem outros tempos, e mudanças, que lhe Deos nam revella, ou, que trocam, e desfazem quanto elles por odio, e afeição, ou inveja, ou competencia; ou por perguiça, ou por cobiça

ça diffimulladamente aconselham.

E a virtude simpres, ou lhe luz logo, que nam pode empecer, ou com boa tençam as mais vezes acerta: ao menos està seguro o Principe de se valer de conselheiro virtuozo. Ja se a virtude acontece ajuntar-se com a sabedoria, o que athe agora nesta materia buscamos, nam fomite digo dos conselheiros de Princepes, mas de reger, e governar grandes Principados. Assi que conhecidas deve escolher o Principe as pessoas conformes à materia que no conselho se trata: e nas couzas da guerra perguntar aos Cavalleiros, e nos tratos aos Mercadores: na governaçam aos Letrados, e assi em cada couza aos prudentes, e experimentados naquelle mester.

Porém he muito de notar à cerca dos conselheiros, que na moor parte dos homens tam junto anda sempre o Entendimento com a Vontade, e a Vontade com o Costume, que aos mais aquillo lhe parece rezam, que elles dezejam; e dezeja commumente cada



cada hum o que costuma seguir. Pello qual o covardo em todo o conselho facilmente dispensa com a honra, e todas as condiçoës accepta ainda que nam sejam honestas, pera as escuzar. Agora pello contrario o afouto, e atrevido com qualquer leve cauza, sem muita consideraçam, tudo lhe parece bem que se aventure por armas: e assi o cubiçozo nos conselhos mede, e guiza o que se pode tirar de proveito, e quanto se perde de interesse.

Pello semelhante em totalas outras inclinaçoës, he muy certa regra aconselhar cada hum, conforme a sua condiçam. Ja se o Principe conhecidamente he fugeito à alguns defeitos destes, deixa cada hum o feu, por se conformar no que lhe fente, que cuida fazer nisso sua mercadoria. Pella qual rezam sobre tudo he necessario ser o Principe prudente nos conselhos, nam somente pera escolher de diversos o mais sam, e de muitos o melhor; mas porque conhecendo-o por tal, emmendasse aos  
mes-

mesmos conselheiros , e ser constante , e animozo para consultar o bem aconselhado.

Nam deixarei assi mesmo de dizer camanha ventura , e perigo me parece aconselhar qualquer Princepe : porque como o conselho seja sempre nas couzas que estam por vir : cujo acontecimento pela mayor parte està na mam da fortuna ; se bem succede dam-se as graças a Deos , como he muita rezam ; se mal acontece , a culpa toda ao conselheiro , que muitas vezes a nam merece.

## C A P. XII.

*Quam necessario he no Princepe os  
bons costumes para exemplo  
dos seus.*

**A** Ssi que tocados brevemente os lizongeiros , direi como prometti dos costumes : e porque costumes virtuozos , nam sam outra couza , que habitos adqueridos pera muitos contos de virtudes ; para cumprir

a promessa, seria necessario rellatar quanto nos Livros se trata, da moral Philozophia. Mas minha tençam aqui nam he mais, que dizer poucas couzas em soma, que mais pareçam fazer ao tempo.

Nenhuma romaria logo, nem nenhuma oraçam, nem sacrificio mais accepto a Deos pode fazer o Princepe, que fazer-se a sy mesmo exemplo aos seus de que mais se edificuem. Que os bons, ou maòs costumes dos Principes aos seus subditos se communicam; que os homens commumente folgam de remedar, e seguir as manhas daquelles a que obedecem. Affi que o Senhor nam pode ser bom sem muito proveito, nem maò sem grande prejuizo de seu Povo: cujos costumes nam samente tingem a todos, mas procuram os homens de passar em sy mesmos quaesquer geitos, que conhecem na pessoa do Senhor. Que como diz Plutarcho, os familiares de Alexandre inclinavam o pescoço a huma parte, como elle trazia, e trabalhavam de o arremedar na

voz aspera: e os de Dionizio Siracuzano, que era mal visto, se faziam todos cegos.

Muy obrigado he logo a viver o Principe antre os seus honestamente, pois todos ham de andar doentes delle. E como o mais das couzas este em costumes, quem huma vez se bem costumar, pode muy facilmente conservar-se; que por uzo as mesmas couzas costumadas trazem deleitaçam. E por esta rezam os Cretenfes quando queriam praguejar, ou mal dizer hum homem, rogavam a Deos, que lhe desse deleitaçam em alguma couza deshonesta.

E nam he ainda este o peor mal, levarem os Principes apos sy em os seus erros toda vulgar opiniam de ignorantes, ou lizongeiros: mas poem os que o nam sam em perigo de menos vallias, por os nam seguirem, ou em outra peor necessidade de os contrafazerem.

E porque dixi bons costumes nam serem al, que virtudes guardadas, he de saber, que ainda que muitos

Phi-

Philozophos, principalmente os Estoycos, assi as punham por fuzis encadeadas, que huma nam possa estar, sem muitas; assentado estaa de quatro, que sam principaes Prudencia, Temperança, Justiça, Fortaleza: as duas porque sam executores dos negocios, sam as que moor lustro dam aos Princepes. s. Justiça, e Fortaleza. E porque as outras se podem comprehender no que assima dixee do saber, e costumes: destas direi agora, pouco samente de cada huma.

## C A P. XIII.

*Da Fortaleza, e Origem dos Principados: e que he melhor a herança, que a Elleiçam.*

**P** Artes da Fortaleza sam defender a sy, e os seus de toda injuria, e em qualquer justa cauza desprezar a morte por honra, e honestidade da vida. E como o povo se offerece com as vidas, e fazendas pello seu Princepe, assi elle pello povo nam ha

ha de estimar a vida, nem poupar os dinheiros, se nam quando he huma empreza perigoza a qual nam pode justamente acceptar por seu soo particular interesse. Que em verdade nam he mais Senhor dos homens, que por rezam do officio.

Que esse commum consentimento porque os homens concedem haver hum soo, que tenha poder da morte, e da vida sobre sy mesmos, nam nasce da honra, nem do sangue, nem do merecimento de nenhum homem, se nam procede da propria necessidade das gentes, que por evitarem as injurias, que os forçozos fariam aos que menos podessem, se cada hum per sy se regesse: conveyo attribuir a hum homem soo tanto poder, que facilmente podesse rezistir às injurias, e sem rezoens de todos, e por esta necessidade de todos, consentiram em hum soo que os governe.

Em alguãs partes se faz por elleiçam, e nas mais por herança. A elleiçam ha de ser por votos de muitos, e quasi nunca se concertam,

recebe as mais das vezes a Republica grandes damnos, sobre a differença de enleger, e nem porisso se proveo melhor a governaçam, porque nem a elleiçam se faz sem affeiçoens, e parcialidades; nem os ellegidos soem aguardar nos senhorios aquellas artes, e costumes por onde os adquiriram.

Pello qual mais seguro he o estado dos Princepes quando o senhorio pertence a legitimos herdeiros, e tambem o da Republica, onde nam ha nenhuns debates pela morte do Senhor. Affi he mais recebido antre os Christaõs nos Princepes seculares a herança, que a eleiçam do Regimento; que melhor he ao povo herdar o Principe em nascendo, que morrendo deixar guerras por herança.

Porém affi tem esta moor obrigaçam o nascido Principe, que o ellegido, que pois sem o merecer ainda, os homens em nascendo o receberam por Senhor, deve-lhe ser por obras tal, qual fora muita rezam elle-

legerem-no se herdeiro nam nascera:

Mas porque a Fortaleza no tempo da paz ( qual Deos nos deixe lograr ) nam serve tanto geralmente, e menos a V. A. porque cuberto, e amparado do amor, e poder del-Rey seu Irmam, e Senhor, nam tem que esperar de todos, se nam o muito serviço. Ficalhe a Fortaleza guardada pera o tempo do mester, que em virtude nam he mayor, nem mais apurada no tempo da guerra, que na paz. Que posto se nam descobre, e mostra mais, que entam; entre tanto pode servir muito, e mais que nunca, como a todos, em vencer, e subjugar a sy mesmo: que se affirma ser mais dura, e mais duvidoza batalha, que a dos inimigos armados.

### C A P. XIII.

#### *Da Justiça.*

**O** Officio da Justiça he nam tomar o alheyo, e fazer que cada hum viva com o seu. E ainda que



que a Fortaleza seja virtude muy principal: porém a Justiça como a agoa, e o fogo nam ha hora, nem couza em que nam sirva. E assi anda em Proverbio *ser melhor a terra sem pam, que sem Justiça*. Na qual sentença se soe muito louvar o excellente Capitam Agefilão que disse: *Se tivessemos Justiça, para nenhuma couza haveriamos mester a Fortaleza*. Porque justificando-se os homens de nam querer cada hum, se nam o seu, nam haveria quazi sobre que ninguem se mataffe, nem injuria que houvesse mister rezistencia.

E pois a necessidade da Justiça foi soo o que deu principio ao Imperio, e à governaçam dos Princeses sobre os homens; assi della se deve tomar carregó, que cuidem estar nelles a paz do seu povo, e segurança do seu estado: e nam levarem a honra do Senhorio, e as rendas das terras, e a obediencia dos homens por este soo respeito, e o cuidado de entenderem nisso lançarem-no de sy, como occupaçam desnecessaria.

Assi que a maneira do Regimento, e universal cuidado da Justiça nam se ha de encomendar a outrem: e os officios, e administraçoens della a homens prudentes, e bem julgados: aos quaes o povo dee conta de seus feitos, e elles ao Principe boa do que fazem: e o Principe de sy mesmo por tanto ainda melhor, pois podendo-a tomar a todos, fomite a ha de dar a Deos.

E nos officios da justiça ter grande provizam, que se nam façam por honra, nem alvitre de ninguem, nem se comprem, nem se vendam: que presumido estaa vender a justiça, quem compra o officio della. E cuidar antes quaes officios se podem escuzar, que quaes se devem criar de novo. E sobre tudo ( como diz Platam na sua Republica ) evitar a confuzam das Leys.

E tambem he mui prejudicial o fobejo numero dos officios, fomite aquelles pelos quaes com brevidade as Leys se possiam dar à execuçam: que de serem mais que os mesmos

mos litigantes, nascem os carcereos perpetuos, e as demandas eternas, e mayores as custas, que a soma que se pede em juizo. De sorte, que se vem a cumprir o proverbio, que pel-lo mesmo direito se disse nos officios d'elle: *Que nam ha moor sem justiça, que muita justiça.*

E porque acabe na propria Philozophia; fingiram os antigos que a Justiça era huma Virgem filha de Astiaco, que perseguida pelos homens se acolhera ao Ceo. E a Sagra-Scriptura diz: *Que do Ceo nos olhou.* E em verdade a Justiça assi hade ser Virgem muito honesta, que nam tome recados, nem emprezas, nem cartas de rogo; e sem nenhuma corrupçam de odios, nem affeiçoens; e filha do mesmo Princepe muy favorecida, que se a elle desprezar, nam a conheceram os subditos por sua herdeira, e seraa fogir da terra para o Ceo donde procede.

E Xenophonte na historia de Cyro conta, que os Persas antigamente nos Templos, e altares da justiça

nam

nam lhe punham outras imagens , se nam a vara branca por estatua , significando nella qual havia de ser á direiteza , e preço da Justiça. E eu cuido que daquelle uzo antigo se tirou os officiaes della trazerem ainda agora varas brancas nas mãos.

## C A P. XV.

### *Da Liberalidade.*

**L**iberalidade ainda que nam aproveite , he Virtude muy lustroza , e procede de coraçam magnifico , a qual como em qualquer estado seja louvada , no Principe em toda maneira he necessaria. É posto que eu houvera de uzar della em seus mesmos louvores pello que lhe per V. A devo , parece mào conselho pagar com palavras a huma virtude que està toda em obras.

A liberalidade ha de nascer (como diz Vallerio Maximo) do verdadeiro , juizo , e honesta afeição : o que se cumpre quando se respeita

a pessoa, o tempo, e o lugar; excedendo na mercê o merecimento, que pezado igualmente seria mais paga de justiça, que obra de liberalidade.

O modo tambem de dar aduba, e aformozenta muito, e faz mayor aquillo que se dà. A contraria da liberalidade he a Avareza, a qual ainda que contra toda rezam, porém vemos geralmente ser commum mal da velhice; por que o mancebo que com melhor cauza pode ter esperança de viver, despreza mais as riquezas necessarias pera à vida, que o velho; o qual as devia menos estimar, pois está mais perto de as deixar.

Mas estando ja a natureza nisto creada, muito mais erraria o Principe mancebo, que por escaço peccasse contra ella. Porém huma cautella he necessaria no fazer das mercês, s. nam leixar nenhum Principe levar a outrem as graças de sua liberalidade. Que melhor he antes cuidar a parte que o enganou no negocio; que presumir que negoceou bem o

engano; porque ganha no credito, e fama de uzar de seu juizo, e descançar os homens em saberem, que o que merecem a elle, nam ham de pedir, nem devem a outrem.

## C A P. XVI.

*Dos cuidados dos Princepes, e dos passatempos.*

O Princepe logo assi virtuozo, nunca cessarà, comedindo como acrecente o bem da sua Republica, e a gloria da sua fama, que a estes dois fins ha de endereçar todos seus pensamentos: que nam convem ter pouco cuidado, quem sabe que todos ham de cuidar nelle. E trazem muy bem de Homero huma Sentença: *Nam ser de Princepe dormir a noite inteira.* Pello qual Scipiam dizia por sy: *nunca estar menos ociozo que quando soo.*

Mas porque he necessario terem os Princepes passatempos, como remanços a que se acolham da furia,

é corrente dos negocios pera com mayor força tornarem a entrar nelles; fora lugar aqui para dizer quantos, e quaes deviam ter.

Porém como contando dístico Socrates, que mais o estorvava do que era bem que fizesse, do que o provocava, nem incitava a fazer nenhuma couza; assi eu nam convidando V. A. pera nenhuma abastará por ditto concedellos por necessarios. Com esta condiçam, que entendamos, que nam havendo couza mais honrada que nam passar o tempo em vam, por isso he necessaria a perda no nome aos passatempos. E porque vejo geralmente os que se uzam antre os Princepes serem jogo, ou caça destes dois direi alguma couza.

## C A P. XVII.

### *Do Jogo.*

**O** Jogo primeiramente que por al os Princepes o nam deixassem, se nam pois o defendem por

Leys, e Ordenaçoẽs em suas terras, se deviam apartar d'elle: que entam he a terra bem governada quando os vassallos obedecem ao Senhor, e elle ás Leys, e ás Leys à Rezam. E nam he outra couza, jugar, e defendello, que reprehender o povo da mor virtude que ha nelle, em arremedar, e seguir o Principe a quem obedece.

E verdadeiramente com nenhuma pennas o joguo se podia melhor defender, que sabendo todos que desferviam ao Senhor em o jugar. Quanto mais os que joguam com os prudentes, perdem fomite o dinheiro que ham mister, e elles posto que ganhem, perdem o tempo, que todos ham mister. E ainda que muitos reprehendam o joguo, e Virgilio disso faça hum tratado, aquella soo rezam que ouvi a V. A. abastara para nenhum homem de primor querer mais jugar: que falando nisso hum dia comigo, me disse singular, e agudamente: *que huma hora de joguo descobria mais tachas em hum*  
ho-



*homem, que hum anno de conversa-  
çam.* E mais he muito para lembrar,  
que ja jugou, e quando anda frio,  
e esquecido do joguo, por quam  
perdidos ha os que jégua.

Deixo por contar os dezares,  
descontentamentos, e porfias, e as  
iras, e odios, que muitas vezes ha  
no joguo, e as tençoens com que  
todos se assentam, e as magoas com  
que se levantam. sómente fallo no  
que mais se perde, e menos alem-  
bra; as invençoës das heregias, e as  
diferenças de arrenegar, que do joguo  
nascem pera toda a outra vida. Assi  
que allém de ser tachado em todos,  
he muito feyo nos Princepes Chris-  
taõs.

Nam deixarei de contar aquella  
Sentença de Platam muito digna so-  
bre o joguo, que elle disse a hum  
fidalguo muito seu amigo, rico, e  
jugador; e porém que jugava sempre  
muy pouco dinheiro; que achando-o  
hum dia jugando, reprehendendo-o  
muito, respondeo-lhe o outro: *Eu jo-  
guo por meu passatempo, e tam leve*  
cou-

*couza, que nam perco minha fazenda a isto; mas nam sei porque reprehendeis couzas tam poucas? tornou-lhe Platam: Amigo nam he pequena couza o costume. Assi que segundo esta Sentença de Platam mais he ainda o que se perde no joguo, que o preço que vai a elle.*

Isto porém nam se entenda naquelles joguos que servem ao exercicio do engenho, e à soltura dos membros; que por serem honestos, e quazi semente de virtudes, por todo o direito sam concedidos: guardando-se nelles aquella temperança que em todas as couzas se requiere; e ainda que a elles vâ algum preço, fica mais em premio de competencia de virtudes, que em perda de joguo.

## C A P. XVIII.

### *Louvor do exercicio da Caça.*

**O** Outro exercicio da Caça que disse, como V. A. desde o principio de sua idade, assi o haja seguindo

do athe agora , que despois da muzica , nam tenha couza em que mais se delleite ; he a my necessario sentir bem della no que escrevo , ou nam escrever o que sinto. E porque o hum seria força , que ao entendimento se nam pode fazer , e o outro arreceyo que V. A. me nam confin-tiria , tirar-me-ey desta necessidade partindo pello meyo o louvor com a reprehensam : porque tenha a que me acolher de qualquer das fortes que V. A. o tomar.

Assi que a Caça , a dos Falcoés , e outras Aves , como os antigos , nenhum conhecimento tiveram della , nenhuma couza dos Authores se pode tirar que sobre ella se diga ; mas quanto a nós para se julgar por vicio , ou virtude medir-se-ha pella outra. Porém o montar , ou outra Caça , se correndo a tras pello tempo lhe quizermos buscar o principio , e tirarlhe o nascimento , acharemos ser a primeira , e mais antiga arte que os homens necessariamente inventaram.

Que ( como diz Plutarcho ) os pri-

primeiros homens recebendo grande danno das alimarias, primeiro que nenhuma fosse mansa, buscaram arte de as matar, tomar, e amansar. De forte que além de se segurarem do danno, receberam tanto proveito das carnes, laans, e serviço dos gados, que estaria a nossa vida em condição de ser fera, se nam houvesse arte de nos aproveita-mos das bestas feras. E por tanto louvando o exercicio, houveram sempre que Xenophonte, por nam nomear outros mais graves, e antigos Philosophos, teve por bem de fazer hum grande tratado da arte de montar.

E Estacio faz a Achilles monteyro no monte Peleo, estando ainda debaixo da criação, e disciplina de seu Mestre Chiron; que disso o tirara, se fora couza digna de reprehensão. E o Eneas Virgiliano a primeira couza que fez na terra de Africa, assi foi montar. E Afcanio seu filho na Caça de Elisa Dido, deixando passar os Veados, e Cervos; dezejava que algum porco,  
ou

ou leam lhe viesse cahir na lança pera nelles provar suas forças. Ja Hercules de quantas façanhas fez, nenhuma pôs sobre sy, nem trouxe às costas, se nam a pelle do Leam da matta Nemea que matou, com que todos o pintam.

Affi que por antiguidade da arte, como por credito dos Authores da Montaria, que escreveram, como tambem pella authoridade dos Principes, e pessoas de alto fangue a quem todos a attribuiram; muy honrado, e muy generoso, e tambem muy de Cavalleiros he o exercicio de montar: que além da deleitação com que se faz, tem outras meudas particularidades muy secretas de notar.

Quem nam folga-de ver o distincto com que hum bruto animal, segundo diversos tempos do anno, sabe buscar de comer em lugares convenientes; e as cautellas com que dalli se recolhe, e as abrigadas que toma de Inverno, e as sombras no Veram; e o conhecimento que tem  
mais

mais que os homens dos ventos que ham de correr, e de qualquer mudança de tempo que ha de vir? E além disso a sagacidade, e differença dos caens de monte, huns de busca, outros de seguir, outros de fi-lhar, e todos de conhecer cada hum o seu mester?

E mais he a montaria huma expressa, e sinificante pintura da disciplina militar, que tem Espias: Atalayas: ciladas: corridas: e ordenar e repartir a gente: e as mesmas duvidas, e conselhos, e chegadas, e encubertas; e finalmente peleja, e batalha, e sobre tudo victoria, practica, e contentamento como na verdadeira guerra.

## C A P. XVIII.

### *Reprehençam da Caça.*

**P**Orém como novamente antre os homens Prometheu novamente achou fogo tam proveitozo pera a vida

da humana, contam que hum fatyro, a primeira vez que o vio, quizera com prazer abraçar, e beijar o lume: disselhe entam Prometheu: fatyro se vos nam arredaes doer-vos ha a barba, que nam he para isso o fogo, se nam para dar Luz, e quentura, e para ser instrumento de todas as artes sabendo uzar delle. Assi digo que a Caça, e Montaria tam antiga, e tam louvada ( como acima contei ) em tal maneira he proveitoza, se os Princepes sambem uzar della nas idades convenientes, e nos tempos, e fazoens.

E pois he boa fomite pera relaxar os cuidados, nam se hade tomar tanto a cargo, que se faça della outro cuidado, e muito peor he ja, se todos os outros se deixam por ella. Que os Princepes cujos pensamentos ham de andar occupados na governança de suas terras, e na policia de sua caza, e no atavio de pessoas, e na doutrina dos seus, e sobre tudo na virtude de seus costumes, e na cobiza de sua fama, e nos

titulos de sua honra, ham de ter a Caça por exercicio, e nam por officio: e com tal temperança, que o gosto della nam ocupe mais nas suas rendas, do que ella com rezam deve occupar nos seus cuidados.

E como nas outras partes da vida, assi muito mais ainda nos passatempos, se deve guardar aquella letra do templo de Apollo que dizia: *Nenhuma couza muito*. E pois o muito he defezo, quanto mais daquellas que qualquer couza he muito? E se bem attentarmos, quantos louvores atraz disse, nam contradizem, mas ajudam muito o que digo: porque o louvor que lhe dei na antiguidade, de todo agora cessa, pois nam estamos naquella necessidade.

E Xenophonte na sua arte nam a mandou tomar a ninguem por principal occupaçam. E Achilles, e Acanio nam lhe louvaram a Caça, se nam na idade em que V. A. athé agora viveo, antes de terem outros cuidados. E Eneas se monteou em Afri-



Africa foy sahindo do mar, primeiro que tivesse negocio, nem conhecimento com a gente da terra: antes hum cervo que seu filho Ascanio matou em Italia deu começo a todas as guerras que teve com Turno. E o leam de Hercules tem outro mais alto, e mais fundo entendimento, que acima comecei, e agora deixo.

E porque finalmente se acabe de entender quanto os antigos sabedores condemnaram em os Princepes os gastos demaziados, e occupações na Caça, está muito claro por aquella notoria fabula de Antheon Principe Trebano da geraçam de Cady-mo, que monteando hum dia, como sempre costumava fazer, a Deoza Diana o converteo em cervo, o qual como espantado de sua figura começasse a fugir, saltaram os seus mesmo Caens com elle, e o mataram.

A qual fabula ( como declara Euzebio ) nam quer outra couza dizer, se nam que Antheon, sendo Principe muy rico, podendo gastar o seu tempo, e sua renda em couzas  
de

de honra , e gloriã , quiz antes des-  
pender tudo em caens , e Caçadores :  
por darem avizo , e doutrina nelle  
aos outros Princepes , fingiram que os  
seus caens o mataram , e comeram.

E como a melhor , e mais di-  
vina parte que ha em nós seja o En-  
tendimento , e a contemplaçam da  
alma , pela qual he feito o homem  
à imagem , e semelhança de Deos ,  
fingiram que se convertera em cervo ;  
porque naquellas couzas que o ho-  
mem sempre cuida , e tras no pen-  
famento , pôdesse muy acertadamente  
dizer , que naquillo se converte pella  
doutrina Pythagorica.

E porque nam sejam tudo sen-  
tenças , e authoridades de Gentios ,  
a mesma sagrada Escripura isto nos  
significa : Que Esau por hir à Caça ,  
que era grande monteirõ , perdeu o  
morgado , e a bençam de seu Pay  
Isaac , sendo elle filho mais velho. E  
pois tudo na Biblia ( como diz S.  
Paulo ) acontecia a elles em figura  
perã nossa doutrina ; claramente se  
prova quam significada esteo nisto soo

a perda de todas as outras couzas.

Assi que por muy verdadeiras rezoens, e grandes authoridades, tenho mostrado quam pouco proveito, e quam manifesto damno, assi das fazendas, como da fama se segue do gof-to demaziado, e sobeja continuçam della: principalmente nos Princepes nascidos pera mayores couzas, que que-rem antes dissimular a obrigaçam de-seus nascimentos, e tomar a Caça por derradeiro fundamento de sua vida.

## C A P XX.

### *Concruzam e fim do Tratado.*

**I** Sto que digo acima do jogo, e da Caça assi queria que fosse julgado, que nam cuidem mãos entendedores, que fosse necessario escrever-se por reprehença, o que em nome de V. A. dixee para exemplo de todos. Que nem os preceitos mo-raes ( ainda que os Escriptores quei-ram ) se podem tanto subjugar, que sirvam a huma soo pessoa; porque  
de

de sua natureza assi são geraes , como os pezos , e medidas , que depois de feitos nam servem pera hum soo , se nam pera igualar qualquer mercadoria.

Quanto mais quem particularmente conhece V. A. saberà bem quanto sem cauza lhe podia dar ninguem reprehensão no joguo , de que he tam mão devoto , que quando o faz he sempre em tempo , que escuzando-se disso , feria com muita reza reprehendido , em lugares onde se ganham mais vontades , do que se podem perder dinheiros.

Porque no mesmo exame de doutrina moral , muitos vicios ha hi deste genero , que os tempos , e lugares convertem em virtudes ; e pelo contrario virtudes em vicios. Que todos concedem haver a hy mentiras virtuozas , e furtos honestos , e enganos justos , e outras couzas assi desta linhagem , que por a occasiam sem prejuizo se mudam ; porque muito se hade despenfar à cortezia , muito à conversação , muito à amizade.

As quaes couzas, e outras assi obrigam necessariamente, nam soo a jogar ( que quem quer o faz sem penna, e muitos com grande delleitacão ) mas a outras muitas couzas fora da mesma condiçã, e vontade, que por cumprimento he necessario fazerem-se como tambem a Caça, de que V. A. he mais cobizo. Quem ha hy de tam pouco saber nas couzas do Reyno, que notoriamente nam veja nam lhe haver succedido ainda athe agora caso, pera que fosse necessario leixalla; nem negocio de importancia que por caçar o perdesse.

Mas eu, porque quazi todas as couzas se podem disputar por huma parte, e por outra, quiz louvar por muitas rezoens, e reprehender por outras tantas a Caça: pera nisto em que V. A. tem gosto experimentar o estillo, se podia na Lingoa Portuguezza tratar huma mesma couza estreitamente per partes contrarias, o que os bons authores muy doutamente, e com grande arteficio fazem no latim.

Nam porque eu dentro em my nam dee muitas infindas graças a Deos, que de tam estremados dottes de sua pessoa, e tam conhecidas virtudes de sua vida o dottou nesta vida. Que se severamente o quizesse reprehender nam acharia de que fazer culpa: que o caçar como disse naquelle he muito de culpar, que como fez Antheon, deixados todos os caminhos da virtude, segue samente a vida sylvestre, e embrenhada.

Nam em V. A. que vivendo em continuo serviço de ElRey seu Irmam, e Senhor gasta os tempos em artes honestas; dando tanta parte aa Muzica, como aa Caça; e às armas, como às Letras; e fora cumprimentos outros, occupaçoens, e negocios, que necessariamente levam sua parte dos dias: fazendo todas as couzas a seus tempos, e com tanta ordem, quanta sua condiçam me nam deixa louvar. Principalmente sentindo quam occupados traz sempre os sentidos em cuidar sanctos, e honestos fundamentos de sua vida. Que nosso  
Se-

Senhor prospere, e acrefcente com novos Titulos de honra, e justos triumphos de victorias a feu serviço.

---

## V O T O

D E

D. ALEIXO DE MENEZES

A CERCA DO MESTRE

DO SENHOR REY

DOM SEBASTIAM.

**Q**ue a elle ( pelo que conhecia da natureza, e condiçam del-Rey, em quem se imprimia com facilidade tudo aquillo, que com capa de virtude se lhe representava ) lhe parecia, que o Mestre d'ElRey não fosse Religioso, nem Secular: mas que se buscasse hum Sacerdote douto, e virtuozo, que juntamente fosse Fidalgo, e de nobres, e honrados costumes; que sem

os dizer em palavra, os mostrasse em sua vida. E que lhe não parecia Religiozo, porque como o mando, e obediencia entre elles era em tam grande extremo, e fora da mediania politica, com que os Reys mandam, e os vassallos obedecem, e nelles por serem obrigados com votos, era tudo com excessõ, mandando, ou obedecendo, que apoderandosse a doutrina d'ElRey, teriam hum Principe imperiozo, e intoleravel em mandar, e por outra parte na execuçaõ das couzas fogeito, e cativo ao gosto, e conselho de seus privados; porque não podiam acertar nestas duas cousas aquelles, que mandando, ou obedecendo chegavam sempre aos extremos. Que como ElRey tinha o animo tam facil a se lhe imprimir tudo aquillo, que com a capa da Religiam se lhe persuadissee, nenhuma couza quereriam assi do governo publico, como do particular da pessoa d'ElRey, que a não conseguissem por esta via. E que assi como seria perigozo na inclinaçam d'ElRey ha-

ver



ver quem lhe distraisse o animo, e o inclinasse à incontinencia: assi poderia haver prejuizo em ter quem com demazia lhe tirasse o brio juvenil, e inclinado ao que dentro dos limites da Nobreza, e Christandade se permittia aos Principes; porque da inclinaçam d'ElRey entendia, que se a madureza de quem o guiasse nam foubesse ter meyo, elle sempre se inclinaria a hum dos extremos, pela efficacia com que apprehendia as couzas. Que convinha entre aquellas primeiras letras ir-lhe lembrando exemplos de guerra, e governo, tirados dos successos dos livros, e historias, que lhe lessem: para nenhuma das quaes couzas lhe parecia accommodado Religioso; porque o modo da sua creaçã, e governo hia fundado em huns termos tam diferentes, do que importava para huma Republica, que nunca seu voto podia ser muy importante ao Estado do Reyno; e nas couzas da guerra, como tam alheyas da sua profissam, ou as ignoravam de todo, ou lhes conhe-

ciam só os effeitos de vencer, ou ser vencido, sem medirem as causas, e meynos, porque se vinha a estes fins. E tinha a experiencia mostrado de poucos annos a esta parte no Reyno de Ungria, e na Transilvania, como trataram dous Religiozos materia de guerra, ou aconselharaõ os Reys nella, meter aquelle Reyno na sujeiçam do Turco; porque guiados de hum bom zello da exaltaçam da Fé, e por ventura cuidando, que só esta piedade basta, medem mal os meynos humanos, e a força, e Estado do Principe a quem aconselham. Advertia, que dado huma vez o Mestre, e começando a ter conhecimento da natureza d'ElRey, e apoderado huma vez de seu animo, nam seria possível apartarem-no d'elle, por mais diligencias, que fizessem; porque em amar, e aborrecer nam sabia ter meyo. E que sendo hum Fidalgo de virtude, letras e madureza, e conhecimento das couzas do mundo, tinha tudo o que hum Rey havia  
mis-

mister para seu Mestre ; e cessavam as couzas , que faltavam no Religiozo. E que as fatisfaçoës deste cargo , quando mais , paravam em hum Bispado , que esta pessoa por suas letras , e capacidade merecia sem esta occupaçam: o que tambem militava no Religiozo , e nas continuas pertençaões pera a sua Ordem , que podiam vir a ser de grande consideraçam no Estado , e fazenda de tam pequeno Reyno. E concluia , que qualquer , que o Mestre fosse , se tivesse advertencia em nam ter mam com ElRey , mais que nas couzas tocantes a seu cargo ; porque algumas vezes ouvira dizer ao Emperador , que os Principes instruidos nas artes de governo , e guerra tinham sciencia bastante em sabendo rezar por humas Horas.

---

F A L A  
 DE  
 D. ALEIXO DE MENEZES  
 A' SENHORA  
 DONA CATHERINA,  
 E AO  
 CARDEAL D. HENRIQUE,  
 SOBRE A EDUCACAM  
 DO SENHOR REY  
 DOM SEBASTIAM.

**D** Esde o tempo que por nomea-  
 çam d'ElRey nosso Senhor, que  
 Deos tem em sua gloria, e appro-  
 vaçam de vossas Altezas me foy en-  
 comendada a creaçam d'ElRey nosso  
 Senhor, tratey sempre de correspon-  
 der da minha parte à grande con-  
 fiança deste cargo, e do tempo, e  
 conjunçam em que me foy entregue,  
 atalhando quanto em mi foy possi-  
 vel as occasioens de trabalhos, e  
 per-

perturbações tam temidas, e choradas nos Reynos; em que os Principes ficam de tam pouca idade. E sem buscar exemplos em Reynos estranhos alcancey, que nos de Castella, e Portugal foram, entre outras menores, sete cauzas as principaes, com que os Aynos, e guardas dos Principes os dezenaminharam a elles, e perturbaram a paz, e quietado povo, e cauzaram discordias, e mortes entre a Nobreza. A todas as quaes procurey o remedio em mi proprio, cortando pelo poder, e authoridade, licitos a meu cargo, tudo o que podia de algum modo inclinar a estes taes extremos.

A primeira cauza de males publicos, e fundamento de valias, e privanças particulares, foy criarem os Principes em defamor, e pouca obediencia de seus parentes; persuadindo-os, que o verdadeiro modo de Reynar consistia em nam reconhecer fogeçam a pessoa alguma: E que o respeito de mays, tias, e avòs, e mais pessoas de sangue, he hum certo  
ge-

genero de cativoiro, e indigno da grandeza, e liberalidade Real; por que em quanto com esta arte alie- nam a vontade d'ElRey daquelles, que por razam da sua grandeza o podem com authoridade aconselhar nas couzas, o trazem com mais afrontozo cativoiro fogeito aos seus intentos, e proveitos particulares. Deste extremo tam perigozo está ElRey nosso Senhor tam fóra, como a experiencia tem mostrado a Vossas Altezas, a cuja obediencia, e conselho o criei sempre tam fogeito, que nunca me ouvio tratar das grandezas de feu Estado, sem que juntamente entendesse, que as nam tinha absolutas, mas subordinadas ao parecer, e dispoziçam de Vossas Altezas: E fendo assi, que a authoridade deste cargo que sirvo, e a largueza das comissoens, que se me tem dado, se extendem a prohibir, e conceder a ElRey muitas couzas do feu gosto; ja mais lhas concedi, ou neguey, sem mostrar, que consultava primeiro a Rainha nossa Senhora; porque a-

le-

legrandosse com a licença , e liberdade , tivesse conhecimento , agradecimento , e amor , a quem lha dava , e atalhando-se os excessos de seu appetite , reconhecesse , e venerasse quem o podia mandar.

A segunda cauza , que desterrou sempre a paz dos Reynos , e alterou a Nobreza delles , foy quererem-se os Ayos sustentar no favor , e graça dos Principes , apartando de sua communicaçam as pessoas de Estado , valor , e conselho ; occupando os lugares principaes de seu serviço com seus parentes , e amigos ; que attentos a louvar o governo , e felicidade de quem os accrescenta , e vituperar os de quem se reccam , fervem de humas espias ordinarias das accoens , pensamentos , e palavras do Principe , e dos que falam com elle , atalhando os caminhos todos por onde lhe pode chegar a verdade , e de zengano do estado em que vive. Neste cazo , como tam perigoso me portey , e houve de modo , que nunca pedi cargo , nem officio para pa-  
ren-

rente meu, posto que a muitos delles por capazes, e benemeritos, se podiam dar alguns, que solicitey para estranhos; e se alguns por eleição de Vossas Altezas entraram na guarda, e serviço d'ElRey, nam foy por negoceaçam, nem industria minha. Nem eu (podendo bem fazello) os avantajey nunca aos mais da guarda, communaçam, e serviço d'ElRey nosso Senhor; mas com huma igualdade commua a todos, assistiam sempre ao que lhes tocava; evitando com isto o pensamento, que podiam ter de valerem mais por minha via, e a queixa dos outros Fidalgos, quando pela mesma se vissem menos favorecidos. E a ElRey persuado sempre, que aa imitaçam de Deos seja no amor, e favores igual, e indifferente a todos os seus: e que só tenham melhoria ante elle os que se aventajarem em virtudes, e merecimentos proprios.

O terceiro fundamento de discordia foy a cobiça, e grande ambiçam dos que tem os Principes em seu



seu poder, que uzando mal da conjunção do tempo, e daquella vontade fogeita pela creação, e pouca experiencia a tudo o que pedem, e lhe aconselham, costumam accrescentar suas cazas, e pessoas com Estados, e titulos, e rendas, que as mais das vezes ou se tiram a quem melhor as tem merecido, ou ao patrimonio Real, que consideram pobre para merecimentos alheos, e muy rico para os seus proprios. De meu procedimento neste particular daa bom testemunho o estado da minha fazenda, a que depois que entrey neste cargo, se nam accrescentou couza alguma, e me acho no fim do serviço, e idade tam pobre, como entrey nelle. Nam que desconheça com isto a vontade, que em ElRey nosso Senhor, e Vossas Altezas achey muitas vezes para o meu accrescentamento, e de meus filhos; mas quiz guardar estas mercês para tempo, que entregue ElRey nosso Senhor do governo dos seus Estados, e livre da minha guarda, e administraçam  
se

se veja, que nascem todas mais do seu animo, e vontade, que de minha cobiça, e negociaçam.

O quarto fundamento, que muitos tomaram para accrescentar a sua estimaçam, e valia foy apartarem os Principes da affabilidade, e communicaçam dos seus vassallos, em particular dos Nobres, persuadindolhes, que a verdadeira grandeza consiste em dar pouca parte de si ao povo, e accrescentar com severidade o respeito, e veneraçam proprio da Magestade Real, que nunca he bem respeitada, sem ser em alguma maneira temida: attendendo nisto a converter em si a graça, e favor popular, que tiram ao Principe, em quanto (como Internuncios) dam repostas, e dispensam mercês, que os Reys houveram de fazer por si mesmos. Deste mal tam nocivo, e prejudicial para quem ha de senhorear animos Portuguezes, em que podem mais os favores dos Principes, que todos os interesses da vida, trabalhhey por apartar a sua A. tanto com  
ma-

mayor cuidado , quanto mais conheci sempre em seu animo huma grandeza , e pensamentos altivos , mostrando-lhe com vivas razoes , que a propriedade , e forças de seus Reynos , e conservaçam da sua Coroa consistia no bom tratamento dos Nobres de Portugal.

O quinto defeito dos Ayo's , que com evidencia se deixa conhecer nas pessoas dos Principes , he em tudo contraposto ao inconveniente passado , em quanto com affabilidade , ou familiaridade , e continua conversaçam dos Reys , com as licenças da sua pouca idade descuidando-se nas ceremonias , e tratamento da Magestade Real em forma , que de descuidados quando mayores da gravidade , e termos necessarios aa sua grandeza , ou faltam nellas em occasioens , e tempos devidos , ou as uzam impropriamente , e como emprestadas : erros que costumam causar dezestimaçam , e pouco respeito do Principe no animo de seus Vassallos. Sobre o que me desveley de

de maneira, que antes que ElRey nosso Senhor chegasse ao perfeito uzo da razam, e depois velando, e dormindo, só, e acompanhado o trayey, e venerey sempre com às salvas, e ceremonias, que fizera a ElRey seu Avo, se fora vivo: attendendo nam só a crear hum Principe de costumes correspondentes ao seu Estado, mas a ensinar com meu exemplo aos Fidalgos da sua criação, que nam viram a Magestade dos Reys passados, a submissam, e respeito com que sempre foram venerados os Reys Portuguezes.

A sexta cauza de males publicos consiste em inclinarem aos Principes com demazia a exercios de guerras, caça, jogos, e festas, e outras, que em mediania sam virtudes, e nos extremos, vicios; porque em quanto os Reys occupados em qualquer delles, a que seu natural mais os inclina, se descuidam do Estado, e governo politico, para que possam, os que assi os tem em seu poder, meter a mam com mayor liber-

berdade no Regimento do Reyno ; e avocar a si tudo aquillo , que os Principes dezamparam ; como a experiencia me tem mostrado na grande vehemencia , com que ElRei nosso Senhor aprehende qualquer couza a que o inclinam : e como em tudo aquillo , que começa , busca logo extremos , trabalhey nam só de o apartar de vicios , que em sua natureza os nam ha , mas de temperar , e dar modo em seu animo aàs virtudes ; porque postas no extremo nam venham a perder sua natureza , e compor-nos hum Rey viciozo por excesso de virtude ; que erros na inclinaçam d'ElRey nunca acharàm lugar , se nam com pretextos de bons intentos , que excedam a mediania , e igualdade necessaria a quem ha de Reynar.

De inclinar o animo Real , ou inclinado naturalmente lhe permittir costumes viciozos , que he a setima , e mais propinqua cauza de sua perdiçam , por onde alguns abriram illicito caminho aa sua privança nam trato , porque nem o fogeito , e Real

natureza deste Principe he capaz delles, nem he justo, que eu pertenda louvor dos erros, que nam cometteo, quando attenta a obrigaçam da minha pessoa, e cargo, ainda pelas virtudes se me nam devem graças. Assi que mediante o bom natural, que Deos foy servido dar aa S. A. e alguma pouca industria, que puz para o apartar dos inconvenientes referidos, tem Portugal thé o presente hum Principe de claro, e maravilhoso entendimento, temerozo de Deos, e por extremo zelozo da exaltaçam da Fee Catholica, de animo liberal, inclinado aa misericordia, dezejozo de fama, e nome honroso; e de tam grandes pensamentos, que medidos com seu Estado parecem nascidos para mayores Imperios; e finalmente tal, que se estas perfeicoens nam subirem a grande extremo, ou novas communicacoens o nam mudarem pelo discurço do tempo, do estado, em que o temos agora, gozaraa Portugal do mais excellente Principe, que teve de muitos annos a esta parte.

Tudo o qual me pareceo justo conferir com Vossas Altezas, nam por querer agradecimentos, ou satisfacçam de cumprir com o que devia; nem por imaginar, que alguma couza destas lhe seja occulta; mas como com as liçoens, e novos exercicios de Estado ha de ter ElRey nosso Senhor mais communicacçam, que a minha; de que se lhe pode seguir affeicam, que o guie por differente caminho, do que lhe eu tenho mostrado: quiz fazer a Vossas Altezas esta lembrança; e pedir-lhe, que attendam ao estado, em que de presente temos a ElRey, para se medir com o do tempo ao diante, que duvido ser tam melhorado em tudo, quanto a capacidade, e mayores conhecimentos das couzas sam avantajadas em S. A. Do qual assi como nam he justo, que úzurpe eu a gloria, sendo o fruto de trabalho, e industria alheya; assi nam queria que se me roubasse a que mereci com tanta vigilancia, e trabalho do pensamento, que nam he tam pequena

na honra , antes a tenho por igual a qualquer das que herdey de meus antepassados. E como muito minha idade, acompanhada de algumas indisposições , nam daa lugar a tam continua assistencia , como até agora fiz com a pessoa d'ElRey nosso Senhor, he justo, que Vossas Altezas supram com o seu cuidado onde nam abranger o meu, e ajudem a sustentar a Portugal hum Principe ornado de partes tam merecedoras do Imperio ; porque se nam perca em poucos dias o trabalho de muitos annos , e chorem os seus Vassallos para sempre a mudança de tam excellente natural , onde os mayores vicios tememos que venham a ser os excessos de virtude.



## F A L A

D E

D. ALEIXO DE MENEZES  
AO SENHOR REY  
DOM SEBASTIAM

ANTES DE SUA ACCLAMAÇAM.

**D**Ez annos ha , Senhor , que por falecimento d'ElRey D. Joam meu Senhor , que Deos tem em Gloria , e por voto , e nomeaçam sua me foy entregue a guarda da criaçam , e pessoa de V. A. em idade de quatro annos , e com ella os animos , e as esperanças de todo este Reyno , que como a unico successor dos Reys , que tantos annos o governaram , e o alcançaram por meyo de oraçoës , e lagrimas , vos ama , e venera com mayor affecto , que todos os mais. A vigilancia , e cuidado com que assisti a este cargo , e procurey responder ao pezo delle ,  
nam

nam encareço ; porque por grande que fosse , nunca podia igualar aa grandeza do depozito , e da confiança , que de mi se fez ; e pareceria arguir a V. A. de pouco lembrado , referindo-lhe serviços de que V. A. he a mayor , e mais intima testemunha ; dos quaes , e do animo com que os fiz , me mostrou Deos o fructo , e satisfacção que dezejava , vendo antes de minha morte a V. A. em idade de tomar o governo dos seus Reynos , e ornado de entendimento , partes , e inclinaçoens dignas , nam só deste Imperio , mas de outros muito mayores , a que Deos , e a grandeza de seu animo , e as occasioes do tempo abriram cedo caminho. E porque os muitos annos que tenho , e a nova forma do governo nam daram ao diante lugar a tam continuas , e particulares advertencias , como athegora sohia fazer a V. A. me pareceo , que devia ao contentamento deste dia , e ao amor , e lealdade com que criei , e servi a V. A. fazer-lhe algumas lembranças ,

ças, que por serem feitas em tal tempo, e com tal animo, e em tal idade merecem ser bem ouvidas, e estimadas em lugar do ultimo, e mayor serviço, que em minha vida fiz a V. A.

Entrais Senhor neste incomparavel trabalho de governar vosso Reyno, em idade, que com nome de liberdade, e supremo Senhorio, temo que vos persuadam, que até nam fugirdes da companhia, e conselho da Rainha vossa avo, e do Cardeal vosso tio, nam sois verdadeiro Rey: que he a traça por onde os que se querem apoderar de vossa liberdade, fiam de abrir caminho aa sua privança. E como estes attendem aa sua grandeza, e proveito particular, procuram, approvando por justo qualquer dezejo dos Principes, e nam lhe contradizendo couza licita, ou illicita, que intentem, mostrarlhes que o tempo que viviam fogeitos aos bons conselhos de quem com elles procurava sua estimaçam, e acrescentamento, foy huma fogeçam,

e cativoiro indigno de sua dignidade: donde se seguiria , que apartados de vòs aquelles , que com verdadeiro amor vos podem dezenganar das faltas , que ha no governo; e cercando de quem , por se sustentar na privança , approva por justos os erros de vosso gosto , padeça o Reynò grandes trabalhos , e o animo de vossos vassallos nam seja para V. A. o que sohia ser para com os Reys vossos antepassados. E como Deos dotou a V. A. de hum animo generoso , inclinado a emprender couzas grandes , temo , que uzando deste bom fundamento , vos inclinem a emprezas ( se bem menores que vosso animo , e coraçam ) mayores do que permitem as forças de vossos Reynos. E como os que seguem este caminho , medem as couzas , nam pelo que sam , se nam pelo que querem que ellas pareçam aos Reys , encobrando-vos a industria , trabalho , e miudeza com que vossos antecessores sustentavam com limitada fazenda a reputaçam de seu Estado; vos engrandeceram

as

as riquezas , e forças de vosso Reyno, donde se seguiraa meterem-vos em emprezas , donde , ou sahireis com pouca honra , ou aventurareis vossos Estados, e vida sem conhecerdes o engano, se nam quando lhe faltar o remedio. E porque nem a piedade , e animo religiozo dos Reys estaa seguro de inconvenientes, lembro a V. A. como quem desde tam pouca idade conhece sua inclinação santa , e zelo da exaltaçam da Fee Catholica, que nunca temi faltas na pessoa de V. A. por costumes , e obras viciozas , se nam por algum excesso , ou demazia , que passe os limites da virtude. Porque muitas couzas ha com que huma pessoa particular pode ganhar gloria , que sirvam de condemnação a hum Principe: tanto vay na differença dos Estados. E porque em materias semelhantes se nam podem dizer mais particularidades , torno a lembrar a V. A. que no que se lhe persuadir com pretexto de Religiam , e consciencia, tenha singular attenção ;

çam; porque se (o que Deos nam permitta) houver alguns trabalhos, e alteraçõs em sua pessoa, e Reynos, por este caminho ham de ter entrada.

No tratamento de vossa Real Pessoa vos lembro, que nam percais hum ponto da Magestade com os que mais intimamente vos servirem, e seja sempre o favor, e a privança dentro da veneraçam devida à vossa grandeza; porque os Reys vossos antepassados extenderam o seu Imperio pelas mais remotas partes do Oriente sendo Pays ao povo, e aos nobres Principes clementes; porque como dos grandes a ElRey ha menor differença, que do Rey ao povo, convem darse-lhe o favor acompanhado da Magestade necessaria para os manter em respeito: o que nam melita na gente popular, onde o excesso da affabilidade nam aventura a authoridade do Principe, antes cativa os animos daquelles que o consideram tam clemente; e evita com isto hum erro, em que cahiram muitos

tos Reys, que entregando suas pessoas, e authoridade nas mãos de seus validos, e guardando o fausto, grandeza, e trato altivo para seu povo, vieram a ser aborrecidos de huns, e destemidos de outros: que nestes extremos vem a dar os Principes, que defacertam os meynos da conservação, e authoridade.

Nam vos direy eu Senhor, que nesta idade, em que estais, deixeis a companhia, e communicação dos Fidalgos de vossa criação; e de ter com elles os honestos passatempos, que requerem os vossos poucos annos, que isto fora violentar as condições da natureza: só vos lembro, que estes sirvam para às honras da conversação, jogos, caça, e passatempos; porém que nas materias de Estado, fazenda, e governo deis em tudo a mam aos Fidalgos antigos, criados nas escolas dos Reys D. Manoel, e D. Joam da gloriosa memoria, vossos Avòs; com cuja experiencia, e conselho sustentareis vossos Reynos na paz, e prosperidade em  
que

que elles volos deixaram. Porque assi como feraa improprio entremeterem-se estes nos exercicios, e mocidades, que hoje vee o Mundo, assi seria preverter a ordem delle, e expor vosso estado a huma ruina manifesta, metendo couzas de tanta consideraçam em maõs de pessoas faltas de annos, e experiencia.

E porque com a nova intrancia no Reyno pertenderam alguns de V. A. mercês exorbitantes, medidas mais pela grandeza de seu animo, e condiçam, que pelo que pede o estylo, e possibilidade deste Reyno, e por ventura o merecimento dos pertencfores; remediaraa V. A. os inconvenientes de tacs pertençaens, remetendo tudo a seu Conselho, e nam despachando petiçoens por via extraordinaria; porque a liberalidade excessiva feita em principio do governo, como se nam pode estender a todos, contenta aos menos, e agrava aos mais, a que nam chega; e serve isto de hum continuo arrependimento aos Reys, depois que  
com



com o discurso do tempo cahem no erro que fizeram.

Nas couzas em que V. A. se poder servir de Ministros seculares, nam dee a mam a Eccleziasticos, tirando-os de seu proprio instituto, com o supposto de que fervem mais, e se lhe paga com menos: porque de mais de nam se darem nunca bem couzas profanas tratadas por maõs sagradas; com qualquer das couzas que o Eccleziastico pertende pera sua Religiam, e com cada huma das mercês, que V. A. lhe faz pera ella, se poderã pagar os serviços de muitos Ministros seculares. Porque he muito differente a pertença de huma Communidade, em cujo respeito o muito parece pouco, do particular de huma pessoa, onde o pouco a satisfaz, e paga grandes serviços.

Se por ventura aconselharem a V. A. que convem reformar em seu Reyno trajas, e costumes, pezos, e medidas, ou qualquer outra couza uzada, e introduzida de tempo im-

me-

memoriavel, ainda que o conselho seja justo, e a reformaçam necessaria, vos peço, e aconselho que o nam façais nos primeiros annos de vosso governo; porque tem tal aceitaçam no povo os seus costumes antigos, que até para melhoria sua sentem qualquer alteraçam, que se faça; e mais em conjunçam de novo governo, a cuja pouca experiencia attribuem antes a novidade, que a virtude, que só a esse fim a ordenam: donde se segue suspirarem pelo tempo, e memoria dos Reys passados, e começarem a dezamar, e temer o presente, e a tello por estranho.

Muito me alargou, e muito detenho a V. A. mas como este he o testamento de minha lealdade, e por ventura o ultimo attrevimento de meu amor, conceda V. A. perdam aa liberdade, e extensam de meus conselhos, pois o merecem estas lagrimas de contentamento, e o zelo das caãs, que nasceram em serviço de vossos avos, e vam do vosso aa sepultura, deixando-vos em meu lugar tres filhos,

lhos, herdeiros de minha lealdade, em que ficaraa o meu sangue continuando a servidam, que ja nam pode a pessoa: e nelles podereis mostrar ao Mundo a opiniam, em que rivestes os serviços de quem os gerou.

---

D E

D. FR. AMADOR ARRAIZ.

D I A L O G O V.

Das condiçoens, e partes do bom Principe.

I N T E R L O C U T O R E S

*Antiocho enfermo.**Justiniano Doutor Legista.*

C A P. I.

*Que o Rey ha de ser clemente.*

*Justiniano.* D Eos vos salvê Antiocho.

*Antiocho.* Como Doutor tanto madru-

drugaes? Mas perdoay-me, entolhou-se-me que vinha já algum desses medicos, que me visitam. Dcos venha com vosco.

*Just.* Nam madrugam só os medicos, a tomar o pulso às bolsas, tambem madrugam amigos a saber da faude dos amigos. Como vos foy esta noite?

*Ant.* Como ordinariamente em todas: mil vezes no meio de seu curso quando vay mais sossegada me espanto, como dando ella descanso aos montes feros, e mares bravos, o nega a meu peito, e a meus olhos. Nam sei porque foge o sono de hũa cabeça taõ desvelada como a minha. Ditofo eu se fora purgatorio de minhas culpas esta longa, e prolixa doença. Trasportei-me hum pouco, e no pensamento forgei hum Principe melhor composto, e qualificado que o Cyro de Xenophonte. Estas imagens me ficaram na fantasia, do colloquio que hontem tive co esforçado cavaleyro Herculano, e muito folgo de vos ter presente por  
juiz,

juiz, e censor deste argumento nam improprio pera os tempos em que fomos.

*Just.* Ouvinte si, muito prompto, censor nam.

*Ant.* Imaginando que pregava, fundava o sermam naquellas palavras do sabio (1): *Bemaventurada a terra, cujo Rey he nobre.* O qual entam o he quando nam tem vassallos vis, e afrontados. He verdade que os Reys della sam às vezes forçados a poer nota, e fazer afronta aos seus; como no corpo natural conuem muitas vezes maltratar huma parte, pera que as demais nam percam a saude. E quanto a isto nam sam dignos de reprehensam, mas de compaixão, pois por esta via vem a ser forçosamente Senhores de vis, e ruins vassallos. E tanto morlastima se lhe deve, quanto he mais preciza esta necessidade.

*Just.* E os que cuidaõ que entaõ sam Senhores quando procuram apoucar, e afrontar os seus, que taes vos parecem?

Tom. I. G *Ant.*

(1) Eccles. 10. v. 17.

*Ant.* Esses, nenhuma couza sam menos que Reys, porque o fim a que se dirige o officio dos Reys he fazer seus vassallos bemaventurados. E a si mesmo se danificam na honra, pois se fazem cabeças de civeis, e desformes corpos, e pastores de ro-nhoso gado. Bella couza he mandar entre os illustres. Perjudicam tambem a seus interesses, e poem em manifesto perigo a paz, e conservação de seus Reinos. Como o corpo que em suas partes he maltratado, e nos humores desconcertado, está muy ocasionado a infirmitades, e riscos de morte: assi o Reyno onde muitas fortes de homens, e muitas cas-fas particulares estão como sentidas, e feridas, não se pode ter por se-guro de enfermar, e vir às armas, e se perder; porque a propria lastima, e dor da injuria enferrada no peito, desperta os homens, e os faz vo-lar, e dezejar occasiam de vingança, e nam passar por ella quando se lhe offerece. O bom Prin-cipe he hũa imagem de Deos, e nam er-

errarà quem differ que he hum animal celeste, dado por Deos pera bem de muitos. Julio Pollux que intituiu a puericia de Commodo Cesar, disse disto muitas couzas: mas eu queria que o Rey christam tevesse estas qualidades. Primeiramente que concebesse animo, e entranhas de pay para os seus. Isto significava a antiga purpura, insignia dos Reitores da Republica, hum amor encendido pera os subditos, couza que muito segura os altos Estados, e grandes Imperios.

*Just.* A veste esplendida, e candida tenho eu por insignia de Rey, pois que Herodes zombando do Reyno de Christo, vestido della o remetto à Pilato. E o Apostolo Jacobo querendo significar hum varaõ nobilissimo, diz (1) que *traz anel douro em veste candida.*

*Ant.* De Josepho (2) se mostra que a purpura he o indumento real; e parece que nam acertam os que querem entender que o Apostolo Ja-

G ii

co

(1) Cap. 2. (2) Antiq. l. 14. cap. 17.

cobo chamou nobilissimo o homem que trazia no dedo anel douro, como singular insignia de nobreza, e andava vestido de branco: porque he claro que nam fala do anel que orna a maõ, mas do que orna a veste. E anel em vestido esplendido era naquelle tempo extremo douro com que elle se apertava, provase isto daquellas palavras do Exodo (1) *Stringebat rationale annulis suis*. O que mais expressamente declara Josepho, que diz (2) ser costume entre os Hebreos, os affins, e parentes do Rey, e outras pessoas illustres de mercê sua especial, trazerem anulo de ouro. Era este ornamento quasi o mesmo com o *latus clavus* que os Romanos illustrissimos uzavam. E ffi quiz finaliar o Apostolo por varaõ real aquelle a quem era licito trazer este ornamento de extremo de ouro, ao modo de dentes de ferra em veste candida, qual foy aquella de que Herodes vestio a christo por escarneo. Mas voltando ao proposito, e-

(1) Cap. 28. (2) Antiq. l. 13. cap. 6.



legantemente disse o Poeta Claudiano :

*Non sic excubiae ; nec circumstantia tela  
Quam tutatur amor.*

*Nam seguram tanto os Princepes ,  
as roldas , e guardas de homens ar-  
mados ; quanto os defende o amor  
dos seus.*

Em o artigo da morte disse Cyro a seus filhos , que o septro de ouro não conservava o Reyno , mas o amor dos amigos era o que o assegurava. Em Tito Livio estão escriptas estas palavras : (1) *Aquelle por certo he firmissimo Imperio com que os subditos se alegam , e contentes obedecem.* E na verdade nam deve fer outra couza o Rey , se nam hum pay commum de toda sua Republica. sendo este não lhe faltará clemencia , nam ferá tyrano ; antes castigará os deliquentes como quem corta por suas entranhas ; e se os soffrear com justos preceitos , curar-lhe-á os erros com brandos medicamentos , o que

(1) Decad. 1. lib. 8.

que disse Tito Livio de Scipiam; e fermosamente Claudiano :

*Qui fruitur poena ferus est, legumque videtur.*

*Vindictam prestare sibi, Diis proximus ille est.*

*Quem ratio non ira movet.*

O legislador que se recrea co a execuçam das penas, he fero, e parece que faz sua a vingança das leys. Aquelle he proximo a Deos que se move pela razaõ, e nam pela ira.

O musico nam corta logo as cordas dissonantes, mas brandamente as traz à consonancia. Plato ensinou que devia o Principe tentar todas as cousas antes de chegar ao derradeyro castigo. E Salamaõ disse (1): *A misericordia, e verdade guardam o Rey, e com clemencia se fortalece o seu Throno.* Os antigos pintavaõ no alto do septro hũa cegonha, e em baixo a unha do Hippopetamo; avisando os Reys que estimassem a clemencia, e moderassem a violencia. He o Hippopetamo animal impio,

e

(1) Prov. 20. ψ. 28.

e cruel que mata o pay , e nefariamente se junta co a may , se cremos a Pierio Val. nos seus Hieroglyphicos. Té aos animaes que sam mansos , e tractaveis temos amor , estes chegamos para nós , e consentimos em nossos braços , e regaços , estes favorecemos pela imagem da mansidão , e brandura que nelles se enxerga. Compara o Espírito santo (1) a ira , e braveza do Rey , ao bramido do Leão , que faz tremer os animaes , e a sua clemencia à chui-va ferodea que fecunda os campos : isto he que promete a seus vassallos todas as couzas faultas , e prosperas. As insignias dos grandes da terra sam Leoens , Tygres , Uffos , Dragoes , Serpentes , e outras feras semilhantes ; mas as do Rey do Ceo , e as dos Reys da terra que o imitam sam piedade , mansidam , e sofrimento que incitam a amor , e não a terror. Rey manso prometeo Zacharias aos Judeus , e Moyfes que os governou de seu mandado foi o mais man-

(1) Prov. 2.

manso dos homens do seu tempo. Esta virtude dezejam os vassallos no seu Rey : esta o faz bem quisto de todos , co esta se roborá o seu Throno. Quando o Apostolo queria com instancia , e efficacia pedir algo aos christãos tomava por medianeira a mansidam de Christo. *Fratres obsecro vos per mansuetudinem Christi.* (1) Officio he proprio dos Reys embotar o cutello das leys. Impropria , e temerosa he em o peito do Rey a furia das bestas feras , a coraje dos Javaris , o collo iracundo das Serpentes , a braveza dos Leoés , a crueldade dos Tygres. Defarmado criou a natureza o Rey das abelhas , e com menores azas ; denotando que devia o Rey ser clemente , andar entre seus vassallos , e nam voar longe delles para os montes , e soedades. He relógio , fonte , e coração de seu povo , por tanto convem que este em meio dos seus , que sam corpo seu mystico ; e que se communique a grandes , e pequenos , e para

ou-

(1) Corinth. 1. 10.

ouvir a todos tenha tempos, e entradas faceis. Seja retrato de Antonio Pio, que condenando à morte certo homem por justa cauza, gemeo entranhavelmente porque nam acabara os annos de seu Imperio sem mandar derramar sangue humano. Halhe de quadrar o que disse Claudiano por Stilio Vandallo :

*Non odium terrore moves, nec frena  
resolvis,*

*Gratis diligimus pariter, pariterque ti-  
memus,*

*Ipse metus te noster amat.*

*Nam te fazes odioso com terrores,  
nem te desenfreas com ira, de gra-  
ça te amamos, e igualmente te te-  
memos, e amamos; o nosso mesmo  
medo te ama. E em outra parte  
canta*

*..... Peragit tranquilla potestas*

*Quod violenta nequit, mandataque for-  
tius urget*

*Imperiosa quies.*

*O governo suave acaba o que nam  
pode o violento : a serenidade, e  
quie-*

*quietaçam no que governa, he mais forte, e urgente para ser obedido.* Documento he de S. Agostinho (1) que procurem os Principes ser amados, e entendam que doutra maneyra por muytos beneficios que fação aos seus, nunca estabeleceraõ seu Imperio, se forem temidos, e tidos por tyrannos.

*Just.* Nunca ratos, e lebres se amañam, porque sam animaes timidissimos: e ninguem ama aquelles de que se teme. Do temor procede a crueldade, e d'elle vem tirar a vida à outrem, o que quer segurar a sua. Daqui nascem as cruezas dos Tyrannos, cuja morte sendo de hum só, da a muitos vida. Plato vendo a Dionizio tyranno rodeado de muitos soldados de sua guarda, disse-lhe: *Que males tens feito tam grandes, que tanto te temes, e a ssi te guardas?* Em Xenophonte dizia Chrisantes: *Que o bom Principe nada diffiria do bom pay.*

*Ant.* E de Eliachim disse o Prophete

(1) De Civit. Dei. lib. 5. cap. 24.

pheta Ifaias (1) Que *seria como pay dos moradores de Hierusalem.* Castigue o Rey por obrigaçam, e faça mercês por gofsto, e fera fervido com amor, querido de todos em a vida, e dezejado em a morte. Livre-o Deos de ser lifonjado em presença, e murmurado em abfencia, e defamado dos feus; coufa de que os Principes se devem muyto guardar. Porque se os vassallos sam criados em odio, e senhoreados com violencia, como o amor os nam obrigue, e as obras de feu Rey os escandalizem, abrindo-lhe o tempo algum caminho de liberdade, segue-o com danada tençam. Quem deixa de fazer o que dezeja porque teme, nam deixa a malicia, mas sómente a encobre: o temor nam arranca de todo os mãos desejos, mas só os enfrea por algum tempo. O lobo que os brados do pastor, ou ladros dos rafeiros solta a prea, nam perde o appetite de a tragar, inda he lobo, e tal se mostra perdido o medo. Conserve pois o Rey  
 feu

(1) Cap. 22. v. 31.

feu Reyno limpo de insultos , escandalos , e crimes publicos ; e toda via seja compassivo , e castigue como pay. O compadecer-se dos condemnados he proprio de animo justo , como castiga-los com gosto , he final de animo riguroso , se nam tem outro peor nome. A verdadeyra justiça diz S. Gregorio tem anexa a compayxam , e tambem a misericordia he justiça quando por ella se alcança o fim que per esta se pretende. Hà brandura que parece severidade , e hà gente que melhor se dobra com affabilidade , e amor , que com aspereza , e temor : e em tal caso mais merece a misericordia , e suavidade nome de justiça , que a austeriza , e rigor. Entre os louvores que S. Ambrozio reconta do Imperador Theodosio os de que faz mais cazo sam estes. Parecia-lhe que recebia beneficio de quem lhe pedia que perdoasse ; e então estava mais perto de perdoar quando a sua ira era mayor. Dezejava-se nelle o que em os outros se temia, A sua colera fer-



fervia de boa esperança aos culpados, segundo aquillo que o Prophe-  
ta teve por certo em Deos: *Cum iratus fueris misericordia recordaberis.* É posto que tevesse poder sobre todos, antes queria emendalos como pay, que castigalos como poderoso. A clemencia de que uzou em a terra, lhe negoceou a misericordia que alcançou no Ceo. Desconhece-se de homem, o que nam sabe perdoar. A abelha mestra que governando as outras nam tem aguilham com que lastime, femelha o Rey cujo septro deve ter severidade sem rigor, gravidade com clemencia, e suavidade de mel em a governança de seus vassallos, os quaes entam se lhe rendem de boa vontade, e à competencia lhe obedecem, quando d'elle se vem governados com brandura, e amor. Com declaração, que por temer o odio de seus vassallos, e conservar amigos nam deixa de castigar seus vicios. Dito he digno de Seneca: *Odia qui nimium timet, regnare nescit. Nescio he no*  
*reg-*

*regnar, o que he nimio no temer.*  
 O mefimo Philofopho diz que nam ferà pelo processo do tempo difficul- toza a clemencia ao Principe que nos annos pueris aprendeo fervir à piedade. Aquelle direito tem os Principes sobre os feus subditos, que o Pay tem sobre feus filhos. O Principe jufto, e pio pay he da patria, e este foy o mais aceito de todos os titulos à Augusto Cezar Principe dos Principes gentios.

*Just.* Muy impropria he ao Rey a vingança. Adriano Imperador tendo antes de o fer hum inimigo mortal, tanto que se vio co imperio, lhe disse: *Nan tens que temer, ja me escapaste, bem podes andar seguro.* Palavras dignas de todo Imperador. Nada he menos proprio do verdadeiro Rey que a vingança, e nenhuma coufa lhe quadra mais que a clemencia. Nam sómente ha de fer defarmado como o Rey das abelhas, mas nem ha de deixar o aguilhaõ em a chaga como fazem estes pequeninos animaes. Como nam merece fer  
 Rey

Rey se nam faz justiça, assi tambem não deve regnar se não vfa de clemencia, nem se deve ter por homem se he cruel, mas por leam coroadado. Ay do tyranno, e do seu povo, pois igual medo os atormenta de continuo. Não menos teme os seus o tyranno, do que elles o temem. Só esta differença ha entre elles, que a miseria do povo se vê, e a do tyranno está escondida. Porém nam doe menos a chaga por estar cuberta de purpura, nem afligem menos os grilhoês de ouro, que os de ferro. Se o vestido do tyranno he de fora dourado, de dentro he afogueado. A serenidade do inverno, a frescura do estio, o repouzo do mar, o foccego da lua, e o amor do povo, se se cotejam, todos sam igoaes. E se os perversos nam sam fieis à Deos, nem ao Rey justo, quanto menos seram taes ao tyranno? Tira o tyranno aos seus a liberdade, e a si a seguridade, e a elles, e a si o repouzo. E muitas vezes despoja das riquezas aos que devera manter, e

en-

enriquece aos que devera despojar. Teme aquelles de que se ouvera de fiar, e fiasse dos que se ouvera de guardar. Faz injurias aos bons, e mercês aos mãos. Aos inimigos tem por amigos, e aos amigos por inimigos. Vivem com temor, e turbaçam do animo; nenhum manjar comem sem suspeita, e nenhum sono dormem sem espanto, moram em cazas fundadas sobre area, tem a cama entre espinhas, e o assento entre barrancos. Finalmente aonde quer que vam, e aonde quer que estam, onde quer que dormem, e em todo o tempo que vivem, està dependurada sobre sua cerviz, a espada que mostrou Dionyzio ao amigo que de suas riquezas, e prosperidade se maravilhava. Tyranno era Dionysio com saber quam grande perigo era felo. Forçado he que tema a muitos, aquelle a quem muitos temem.

*Ant.* Os Reys pera reger, e fazer bem a todos subiram ao Reyno, e de reger tomaram o appellido. Convem que sejam de seus vassallos  
pays,

pays, e delles honrados, e amados. O contrario vſam os tyrannos, que como algozes, e ladroẽs publicos, ſam dos ſeus temidos, e avorrecidos. Arte he ſua, ſerem liberaes com poucos, do deſpojo de muitos, e tratarem os vaſſallos, nam como pays, mas como rigorosos ſenhores, e cruéis verdugos. Tam longe estava Auguſto Cezar, ſendo ſenhor da terra, e do mar, de ſer do numero deſtes, que por edicto publicou, e deu ſob graves penas que ninguem lhe chamaffe ſenhor, e lhe nam faltou mais que reconhecer ao Filho de Deos ſómente por Senhor, e por hum ſó altiffimo. Guardou o grande Deos de todos os Deoses, ſua Mageſtade, em querer que lhe chamaſſem Senhor as creaturas do Ceo, e da terra: e o dito Imperador della guardou ſua modestia em nam querer que por tal o intitulaſſem. O que com justiça rege, e ſe rege, eſſe he o verdãdeyro Rey, mas o que do mais alto Throno naõ pertende a ſaude publica, ſe nam ſeu particular goſto,

interesse, e vingança, obedecendo em tudo redea solta a seu deleite, ira, e cobiça, e dando lugar aos rebatados, e defenfreados movimentos, e impetos de seu coração, nam he senhor, nem he Rey, nem deve reynar, mas he servo de mãos senhores, inda que pareça mais alto que todos, e ande muito ancho, e soberano com o septro de ouro, e roupa de Lurpura. O perdoar, e esquecer-se das offensas esclareceo a Julio Cesar sobre todos os Principes: innumeraveis, e grandes sam as victorias, e gloriosos os seus tryumphos, e nam tem comparaçam a sua excellencia na arte da cavallaria, seu altissimo ingenho, sua clara eloquencia, a nobreza de sua linaje, a disposiçam de seu corpo, a grandeza de seu invicto animo, e quando recopilar-mos todos seus louvores, nenhũa cousa acharemos nelle mais sublime, e realemga que a clemencia, e esquecimento das offensas. E estas partes teve em tam alto grão, que justamente se pode cantar em sua sepul-

pultura o que disse Pacuvio : *Guardai minha condiçam inda que fosse cauza de minha morte.* A ira do varam, mormente a do Rey , nam obra justiça de Deos, como està escripto. He hum breve furor que se nam ha de executar, mas refrear, porque nam leve o coraçam o que nam he justo. Grande poder he o nam poder fazer mal, e he proprio de Deos todo poderoso. Bemaventurada he a impotencia que nam pode fazer o que dana. Muytos com seus mortaes odios, e desejos de vingança, fizeram mais mal a si, que aos outros.

## C A P. II.

*Que o Rei hade ser justo, e zeloso da justiça.*

*Just* **D**E tal maneira porém sejam os Reys piadosos, que nam façam contra justiça cousa algũa : pois esta he a que fez os primeiros Reys. Temam aquella reprehensam de David: *Vusquequo iudi-*

*catis iniquitatem, et facies peccatorum summitis?* (1) Convem que seja o Rey norte constante a quem nam cheguem agoas, nem ventos, isto he que nem por odio, nem por graça torça o teor das leys. Cambyfes Rey dos Perfas severamente exercitou as penas estatutas pelas suas leys; mandando esfolar Sisanes juiz que por dinheyro violava a justiça; e com sua pelle cubrir o Tribunal em que se assentava Otanes seu filho que na judicatura lhe succedeo. Certo he que todos os Imperios, e senhorios se sustentam em duas columnas que sam justiça, e verdadeira Religiam: e que todos os Reys da terra sam Lugar-tenentes do Rey do Ceo, e que reynam por elle, e que nam durará mais seu imperio, e felicidade, que em quanto lhe agradarem, e forem justos. Assi o contestam os livros dos Reys em muitos lugares. Como corrupta a raiz nam podem rebentar nem frutificar os ramos: assi violada a justiça nam pode florecer a paz, nem dar fru-

(1) Pf. 81 v. 2.



fructo de bem commum. Quando se nam guarda proporçam no tocar das cordas da justiça , e na summa das leys que sam premios , e penas , se guem-se muitas dissonancias , e desordens na Republica. Por Deoses se intitulam na sagrada Escriptura os Juizes , porque devem em seu modo representar na terra o justo juizo do Ceo. He a justiça fim da ley , e a ley obra do Juiz , e este he hũa imagem de Deos , que governa o universo , a qual se representa , nam per industria de Phidias , ou arte de Policleto , mas pelo exercicio da justiça. A cegonha espedaça as serpentes , tira das covas os bichos venozos , e os mata , e traga ; sustenta seus progenitores gastados da velhice , e os traz sobre seus hombros quando nam podem voar. Hieroglyfico de justiça , e symbolo significador de piedade. Dizem aver hum lugar em Asia chamado Pytho-niscomen , em o qual todas as vezes que as cegonhas se ajuntam despedaçam a que vem derradeyra de

todas, castigando em hũa a ociosidade das outras. Assi se devem punir os escandalos de toda huma Republica co castigo exemplar em algum dos visinhos. O Governador da Republica deve vsar de justiça, e misericordia, beneficiando os virtuosos, e punindo os vicios, que com o veneno de sua maldade empeçonhentam os outros. E nam basta mostrarem-se os Principes justos nas couzas alheas, mas he necessario que sejam exemplares, e se mostrem taes em as suas. Nam vem pouco a este proposito hũa finesa dignissima de El-Rey D. Joam o Terceyro verdadeyro pay de seus vassallos. Estando presente no feyto de hum Capitam da Ilha da Madeyra, requerido, e demandado pelo Procurador de S. Alteza ( como herdeyro de El-Rey D. Manoel seu padre ) por quarenta mil cruzados que lhe emprestara: e tendo já tres votos por si, favoreceo o primeiro Dezembargador que votou em contrario, e foy à maõ ao seu Procurador que pedia licença para-

ra contrariar o tal voto. E finalmente de nove Dezembargadores que eram, teve S. A. quatro por si, e todos os outros seguirão o voto contrario, que foy em favor do Capitaõ. O que visto fez logo escrever a sentença perante si, e ao outro dia mandou chamar o Dezembargador que primeyro votara contra elle, e lhe gabou seu voto, e lho agradeceo muito, mandando-lhe que o fizesse assi sempre, posto que as causas fossem suas. Bastava para confirmação do zelo da justiça deste sancto Rey ordenar novamente Mesa do despacho das causas de sua consciencia, e eleger para isto letrados Theologos, e Juristas, onde se tratava, e trata ainda agora dos descargos das almas dos Principes destes Reynos. Nam basta fer o Principe zelozo da justiça, se os seus ministros o nam sam. Cahio em terra, e desfez-se a estatua de Nabuchodonosor tendo a cabeça de ouro, porque os pees eram de barro, e foram tocados da pedra: assi cay muitas vezes

zes a justiça porque dado que o Principe que he cabeça seja justo, e sancto os seus officiaes sam terra, e barro por sua cobiça, e com o toque de qualquer peita daõ com a justiça davesso. ElRey D. Pedro cognominado crû fez ley que nenhum official de justiça recebesse couza alguma de pessoa que com elle tivesse negocio sob penna de morte, e confiscação de todos seus bens para à Coroa. Informesse o Rey a meude de como se administram os officios da Republica, e per si conheça das couzas como faziaõ Philippo, e Alexandre seu filho. O sobre dito Rey D. Joaõ o Terceyro destes Reynos costumava achar-se cos seus Dezembargadores ao Despacho de todos os casos que eraõ de qualidade, e em especial dos feitos crimes dos vassallos poderosos, cujos insultos, e exorbitancias reprimia, e castigava com rigor, inda que fossem aparentados cos grandes, assi dos seus Reynos como dos de Castella seus vezinhos. Sam Luiz Rey de França duas vezes

zes em a somana subia ao Tribunal pera ouvir as cauzas dos pobres, e viuvras. Tenha o Rey faciles entradas, e portas abertas para ouvir a todos, e dè ordem pera que nam gastem os pobres o cabedal primeyro que sejam admitidos à sua presença. Os antigos Reys de Persia viviaõ escondidos, porque vistos poucas vezes fossem mais estimados, o que deve ser muito alheo dos Principes christaõs. Hũa velha pobre requerendo a Philippo Rey de Macedonia que a ouvisse, e respondendo elle que nam tinha tempo; replicou-lhe a velha: *Pois naõ tendes Senhor tempo para ouvir partes, nam queyrais ser Rei.* Despertado Philippo com estas palavras, ouviu a velha, e a quantos lhe quizeram falar. Outro tanto dizem que aconteceu a Adriano Cesar. O meſmo Rey D. Joaõ Terceyro Senhor nosso, era em muito estremo facile, e suffrido em ouvir os aggravantes, e partes que lhe queriaõ falar, e em dissimular suas desconcertadas falas, e despropositados

dos requerimentos. Deve temer muito o Rey que por nam serem os pequenos , e pobres facilmente ouvidos , deixem suas cauzas a Deos , e apellem pera o graõ juizo final , vendo-se opprimidos dos que mais podem , e nam achando quem lhes valha , e os console. Miseria que lamentou Salomon no seu Ecclesiast. (1) Sarà escandalizada de Agar sua ferva soberba , assombrou Abraham com aquellas palavras : *Julgue o Senbor entre mim , e ti.* (2) O sol he common a todos , nem tem particularidade com pobre , nem com rico : assi o Rey nam ha de respeitar pessoas , se nam os momentos das cauzas , e negocios , posto que sempre deve ser mais inclinado a mitigar as penas , quanto a justiça o soffrer. E isto ferà quando a parte lesa desistir da accusaçãõ ; que entam fica no arbitrio do Juiz supremo relaxar , ou commutar a pena do direito , com tanto que o delinquente nam seja vzei-ro em semelhantes delictos , nem per-  
ni-

(1) Cap. 4. (2) Genes. cap. 16. v. 5.

nicioso à Republica. Antes quando a parte remite o direito que tem contra o reo, deve advertir o Juiz, e prover de modo que nam fique lesa a justiça, e injuriada a Republica. Muitos ha que com misericordia inconsiderada favorecem peccadores, e os livram das mãos dos Juizes, fazendo manifesta violencia às leys sanctas, e justas. Os Philosophos antigos assemelhavaõ o Rey ao sol que com seu movimento rodea toda a terra, e alumia; no que denotavam o cuydado, e vigilancia que o Rey deve ter sobre seu povo. Metiam-lhe na mão hum septro, sem tortura, sem folhas, sem naos, nem esgalhos, significando que a sua justiça devia ser muy recta, e nua de afeições, e payxoens. E pera significar a firmeza, e constancia della, pintaraõ Marte (pelo qual significavaõ o Principe) vestido de huma tunica adamantina, e querendo dar a entender quanto se devia presar de verdadeyro, poseraõ sua estatua, no lugar onde estava sepultado ElRey Simandio,

dio, que tinha pendurada ao collo a verdade como joya preciosa em que o Rey pregava os olhos. Isto deyxou em memoria Diodoro Siculo. Entendaõ daqui os Reys a obrigaçam que tem a nam se moverem em o governo per payxam, e vontade danada, nem se entregarem a appetites desordenados, mas pretenderem tudo o que pede a rezam, e verdade, e nam o que dezeja sua solta vontade. Ha muitos que fazem da ley recta, regra lesbia de que fala Aristoteles, a qual sendo de chumbo se deyxam regular das paredes, avendo-as ella de regular. Taes sam os que com titulo de justiça executã suas vinganças, e per odio, ou amor se inclinaõ a huma parte ou outra: dos quaes fazia pouco cazo S. Hieronymo que dizia em hum dos Prologos sobre a Biblia: *Praesentium iudicium parum me movet, quoniam in alteram partem aut amore labuntur, aut odio.* Tenhome eu com o Tribunal daquelle eterno Juiz onde està salva a appellaçam do justo, e



onde se dam as sentenças verdadeyras, e as falsas se soem romper, e ninguem he condemnado nem absolvido contra o que pede a razam e justiça, mas a innocencia se premea, e a culpa se castiga. No vicio castigado, junta anda a justiça com o peccado, e com hum grande mal, anda hum grande bem; mas no vicio nam punido, andam juntos o peccado, e a soltura pera peccar, que he raiz de muitos males. E devesse advertir que muito mais toleravel he, ser condemnado sem culpa que com ella, porque ao innocente sómente o tormento he penoso, e ao culpado, o tormento, e a causa delle. Queyxandose Xantipe molher de Socrates que feu marido morria sem culpa, elle lhe respondeo : *Como? e querias tu que fosse eu condemnado por minhas culpas?* Grande final he de innocencia que os culpados nos condenem. Nam ha animal mais peçonhento que o juiz injusto, e o Rey tyranno, cujos ouvidos andaõ desemparrados da verdade, e cujo coração está sempre acom-

acompanhado de sobrefaltos, dos quaes nunca vive isenta a consciencia daquelles que nam fazem o que devem. Guarde-nos Deos de vermos embalancada a balança da justiça por odio, por amor, por ira, vingança, e cobiça; e de sermos governados por Principes dados ao sono, e entregues ao descuido, cuja vontade manda mais, que a justiça, e que a verdade.

### C A P. III

#### *Que deve vigiar o Rey.*

*Ant.* **Q**Uando os Povos roncaõ devem velar os Reys, e os Capitaes quando o exercito mais dorme. Os vigilantes cuidados, dos governadores pendem. De Augusto Cesar se diz, que era de pouco sono, e muitas vezes interrompido. Muito necessario he ao Rey velar, e desvelar-se sobre seus officiaes para boa administração da justiça. Que ser Rey, he cousa divina disse Aristoteles, e  
naõ

naõ se compadece com ella dormir sono alto, e seguro, fazendo conta que velam seus Dezembargadores. Vele o dragaõ que guarda o velo de ouro. Silio Italico introduz Jupiter, dizendo a Anibal:

*Turpe duci totam somno consummere noctem.*  
*O rector Libia vigili stant bella magistro.*  
*Torpeza he no Capitaõ gastar toda a noite em sono. As guerras entam tem bons successos quando os Capitaes vigiam.* Deve-se pintar o Principe à maneira de pensativo, pois he proprio seu cuidar por todos os seus, e ser sua sobre rolda. O fim a que ha de tirar ha de ser fazer seus subditos bons, e encaminha-los para à felicidade segundo resolve S. Thomas, (1) Nam merecem o imperio quaesquer Principes, se nam os que gemem de baixo da prefectura, como Moyfes que queixando-se de Deos dizia: (2) *Porque posestes Senhor sobre mi o grande pezo da governança de todo este povo?* Donde se

(1) 1.2. Quæst. 92. Art. 1. (2) Num. c. vi.

se segue a verdade do que Aristoteles escreveu (1) *que nam era a Republica melhor por ser mayor, mas tanto della se devia encarregar a hum Principe, quanto elle per si, ou pelos seus podesse commodamente governar.* Obrigados sam os Principes a velar mais por melhorar seu imperio, que pelo ampliar. Dizia Theopompo *que pouco hia em deixar o Rey mayor Reyno a seu successor, com tanto que lho deixasse melhor.* E Sancto Agustinho, (2) *que dilatar o Reyno domando as gentes parecia aos maos felicidade, e aos bons necessidade, porque a sem rezam dos inimigos obriga os bons a que os sometam sob seu imperio.* Deos nos livre de Principes buliçosos, que nam cabem em seu Estado, nem tratam de o ornar, se nam de lhe espassar, e estender os terminos, e tudo querem abraçar.

*Just.* Gravemente disse hum legado de Dario a Alexandre Magno :  
Pe-

(1) Lib. 7. Polit. cap. 4 (2) Lib. 4 de Civit. Dei. cap. 15.

Perigoso he o grande Imperio, difficuloso he ter com firmeza o que nam cabe em ti. Os navios que exceedem o modo, e medida nam se podem bem governar: e já pode fer que o mesmo Rey Dario perdesse seus Reynos, e thesouro, porque as demazias abrem portas a grandes perdas. Mais facil he vencer algumas cousas que conservalas, e sabido he que as nossas mãos rebataõ mais do que retém, e que quando querem abarcar muitas cousas, apertaõ, e recadaõ poucas. Homero chamou ao Rey pastor de povos, e com muita rezam, porque o pastor mais he das ovelhas, que seu proprio, e tal convenem seja o Rey. Servo he de todos seus subditos o Rey, ha se de esquecer de suas cousas, e de si mesmo, e acordarse do seu povo. Começando a ser Rey, juntamente ha de começar a morrer para si, e viver para os seus, inda que desagradecidos. Costume he do povo avorrecer o presente, cobiçar o vindouro, e honrar o passado. Por onde se a mi-

feria do Rey fosse bem conhecida, nam contenderiam tam ameude dous sobre hum Reyno, antes averia mais Reynos que Reys. Conforme a isto disse Platam *que ninguem tinha menor parte em o bom Rey, que elle mesmo*. He olho que sempre ha de vigiar para seus vassallos poderem seguramente dormir.

*Ant.* Seguras dos lobos andavaõ as ovelhas de Labam quando o sono fugia dos olhos de Jacob: tal pastor como este convem ser o Rey, que vigie, vele, e se desvele na guarda de suas ovelhas, que nam reparta, exercite o cuidado dellas per muitos ministros sem ser parte nelle, que seja mais dellas, que de si mesmo, e sendo-lhe possivel elle per si as guie, reja, paste, abrigue, cure, trofque, e empare. Recolhe o bom pastor as ovelhas espargidas, encaminha, e traz ao seu rebanho as descarriadas, e assi as trata, guarda, apassenta, e defende que se nam pode dizer dellas, parecem ovelhas sem dono, que nam tem pastor, nem quem

quem olhe por ellas. Os Egypcios pera representar a obrigação do Rey punhaõ sobre o septro hum olho pintado, dando a entender que o que faõ os olhos no corpo, ha de ser o Principe na Republica. Deve ser o Rey húa imagem viva de Deos que he poderoso: tudo ve, nam se corrompe com affectos, faz bem a todos, castiga como forçado, administra o Universo para nós, e naõ para si, e o premio que pertende dístico he aproveitar-nos. Nam basta para ser bom Rey, nascer Rey. Em Homero chamou Achilles a Agame-non tragador, e consumidor dos povos. Se naõ somos tam perdidos como outros: e se a terra naõ està tam esfragada como outras naçoens està, he pela misericordia do Senhor, que nos deu Principes catholicos, que tem maõ na Religiaõ, e favorecem a sanctidade, que se isso nam fora por ventura que naõ faltara quem fizera seu officio com tanta soltura como se faz em Inglaterra.

*Just.* Quantos ministros, e officiaes

aes dos Reys por se mostrarem fervidores da Coroa, embarçaõ a justiça da Igreja? Religiaõ, e justiça, e não sombra de interesse falso confirmaõ o Estado real; fortalecem os Reynos, daõ illustres victorias, acrescentaõ os verdadeyros bens, quaes sam os spirituaes, e nos provem dos temporaes; ellas amansam a furia do mar; quebrantaõ as forças dos cofarrios, e finalmente tem sempre a Deos em sua companhia, Pelo que he forçado que todo o Principe justo, e Religioso seja glorioso, e bema Venturao nesta vida, e na outra, em que muito mais nos vai, pois he divina, e sempre dura. Pelo contrario a injustiça, e falta de Religiam tudo arruina, consume, e estraga. E assi quem zela a justiça, e serviço de Deos he leal criado do Rey. E quem negocea com elle que a nam faça, he inimigo mortal de sua alma, honra, e fazenda.



## C A P. III.

*Quaes convem sejam as Leys , e os que as executam.*

*Ant.* **H**A Reys que ordenam multidaõ de leys , das quaes se naõ colhe outro fruto , se naõ viverem os bons em cerco , que nam ham mister leys , e os maõs terem mais leys que desprezar. Isto he atar as maõs aos bons , e soltalas aos maõs. Erro he multiplicar pragmaticas , e publicar cada dia leys ; nam sendo necessarias , pois para a ley ser justa como diz Isidoro , ha de ser necessaria. E de as leys serem muitas toma occasiaõ a malicia do povo para serem mal guardadas , porque sempre desejamos o que se nos nega. Nam se entende isto das leys deste Reyno , das quaes ouvi dizer a hum esclarecido Doutor , que nam vi- ra outras mais doctas , e compendio- sas , nem de mais rara prudencia. As leys que se devem abreviar , sam  
as

as que nam fervem de mais, que de occupar todo o tempo aos julgadores com as devassas que sobre ellas se tiram; e as mais que sam justas, sanctas, e honestas, possiveis, e necessarias, haja tal lugar nellas, que tenham força coerciva, e acabadas de promulgar, nam se comecem a quebrar. Nam sejam teas de Aranha, que nam prendem mais que moscas, e mosquitos, isto he que nam se executam nos grandes, e ricos, mas nos pobres, e desvalidos. O que causa a malicia, o pouco ser, e zelo dos ministros da justiça, e a facilidade com que os Principes dispensam, e perdoam aos transgressores dellas. Destas raizes nasce a multidam que ha de ladrocs nas Respublicas, as partes para injuriar, e danar, as forças, e enganos do que estam cheas as ruas, e encruzilhadas. Daqui vem estarem os caminhos atalhados de salteadores, e bandoleiros, e por temor dos quaes he hoje deshabitada gram parte da terra, e se deixam de ver muitas cousas fermosas do mundo,

do, e tudo se dissimula. He tam grande a froxesa da justiça humana, que té nas terras pacificas nam faltaõ em cada lugar roubadores, e sob color de justiça, e titulo de guardas, a que chamaõ direitos, e foros ao solcito, e cansado caminhante, carregado de cuidados, e receos o despojaõ do dinheiro que leva. Já se nam pode andar por diversas partes, e lugares a ver as cousas notaveis, que nellas ha, sem muitos enfadamentos, muitos custos, e perigos. Deste modo os Governadores injustos, por nam executarem as leys, vendem per pouco preço os bons costumes, e publica liberdade. Que direi das guardas surpefluas, e dos passos tomados, e cercados, e como tudo està cheo de suspeitas, e do interdicto que ha na communicação dos homens per cartas, refrigerio singular dos absentes? nam basta para se comprirem as leys das passagens, mandar hum Bacharel com alçada, e mero mystico imperio; pois vemos que como sam nas Comarquas se tor-

nam

nam Imperadores de Pentecoste, e nam trabalham por mais, que por aver dinheiro para cobrarem seus salarios, e tam remissamente se dam na execuçam dellas que no tempo que elles, andam pelas Comarquas andam os passadores mais desembaraçados, e se passam mais mercadorias, e ao Rey se furtam muitos mais mil cruzados, que os ordinarios, de cada anno. E Deos sabe o porque. Nam se deve cometer a guarda das leys a letrados encadaroados, e mal considerados, se nam aos que forem inteiros, que sejam temidos dos grandes, e poderosos, que encorrem nas penas dellas. E fazendose assi, sobejaram as carnes no Reyno, e as Alfandegas dos portos secos renderam muito mais. Desta maneira nam pereceram os povos per falta de carnes, havendo tantas em o Reyno. Zeleuco legislador dos Locrenses tendo publicado ley contra os adulteros, sob pena de lhe serem arrancados os olhos, sendo depois comprehendido em adulterio hum seu filho o conde-

nou

nou em privança de ambos os olhos. E pedindo-lhe o povo com muita instancia, que moderasse sua sentença, e lhe perdoasse: tomando primeyro tempo para deliberar, acordou que lhe arrancassem a elle hum olho, e ao Principe seu filho outro, mostrandosse a lapar pio pay, e juiz fevero. E assi de tal modo moderou o castigo, e modificou a ley, que ambos ficaram com huma vista, e em ambos se executou a sentença. A taes julgadores, como este, se deve encomendar o governo, e a letrados de gravidade, experiencia, e authoridade. Principios de Instituta, e o primeiro do Codigo nam bastaõ para ferventia de cargos, que pertencem a homens de honra, e consciencia. Por nossos peccados vemos que a justiça ja he de venda, e os mais arditos, que melhor a sabem vender, effes estaõ mais aproveitados, e saõ os mais ricos, e poderosos; segundo as maõs dos julgadores sam largas, ou apertadas, assi se prolongam, ou abreviam os negocios, e se res-

trin-

tringem , ou espaffam as coufas , per mais que as leys sejam poucas , e compendiofas. Passo per avogados que com fuas replicas , embargos , viftas , reviftas , e dilaçoens para fora do Reyno , caufam as demandas dos pays ficarem por heranças a feus filhos , e nunca fairem da linha como morgados : e as despezas , e gaf-tos dos feitos serem mores que os frutos , e interesses das fentenças. E o peor he que primeiro vafam as bolsas aos pobres , que rasoem , e determinem as caufas. Querendo El-Rey D. Pedro o crû atalhar a tamanho defalmamento de avogados que per vias injuftas caufam , e prolongam as demandas , e contendas , mandou que nem na fua Corte , nem em todo feo Reyno os oueffe : ordenando taes ministros , e officiaes da juftiça que as partes eram despachadas com prefteza. E tam boa ordem fe guardava em fua Corte , e Dezembargo que no mefmo dia em que as partes apresentavaõ as petiçoens , ou no fequinte haviam de fer despachadas ,

das, e suas cartas feitas, assinadas, e selladas.

*Just.* Verdade he o que disse Plauto (1) que a governança das leys escriptas nam he a melhor, porque sam humas, e nam se mudam: e os casos particulares sam muitos, e por horas se variam segundo as circumstancias; donde vem nam ser justo em particulares casos o que em commum se estabaleceo com justiça. Tratar sómente com a ley escrita, he como tratar com hum homem cabeçudo. A perfeyta governança he de ley viva que entenda sempre o melhor, e que queira sempre o bem que entende. De maneira que a ley seja o bom, e faõ juizo que governa, e se accomoda sempre ao particular de cada hum.

*Ant.* Mas este governo nam se acha em a terra, porque nenhum dos que em ella ha, he nem tam fabio, nem tam bom, que ou se naõ engane, ou nam pertenda fazer o que naõ he justo: por isso he imperfeito o governo dos homẽs, e o do filho de Deos

(1) De Legibus. lib. VII.

Deos he estremadamente perfeyto. O qual como seja perfeitamente dotado de saber, e bondade, nem erra em o justo, nem quer o que he mào. E assi sempre ve o que a cada hum convem, e como S. Paulo de si diz: a todos se fazia todas as cousas pera ganhar a todos. He a ley meyo com que se governa o Reyno, do cumprimento da qual se consegue, o Rey ou fazer se rico, se he tyrano; ou fazer bons, e prosperos os seus, se he Rey verdadeyro. Por rezam da fraqueza do homem, e da sua incendiada inclinaçam ao mal, trazem as leys pela mayor parte hum grande inconveniente consigo, e he que sendo a intençam dos que as estabelecem ensinar por ellas, o que se deve fazer, retraher o homem do que he mào, e induzilo ao que he bom: resulta dellas o contrario, porque o vedar qualquer cousa he despertar o appetite della. E assi o fazer, e dar leys he muitas vezes occasiaõ de se naõ guardarem, e se peyorarem os homẽs com aquillo que se inventou,



e ordenou pera os melhorar. Só a ley de que Christo vfa com os seus alli os ensina ser bons, que defeito os faz taes, e isto he o principal, e proprio da sua ley Evangelica: porque nam só alumia o intendimento, mas tambem affeiçoa a vontade, e ministra forças para se poder guardar. A verdade nesta materia he que mais importa aver nos Reynos, e Cidades bons Governadores, que boas leys; porque estas sam mortaes, se nam ha quem as execute; e os bons Governadores com ellas, e sem ellas, sempre sam leys vivas.

## C A P. V.

*Aviso pera os Juizes, e Dezem-  
bargadores.*

*Ant.* **Q** Veira Deos nam quadre a este Reyno a lamentaçam de Isaias sobre Hierusalem: (1) *Foi tempo que a justiça em ti morava, e agora a*

111-

(1) Cap. I. v. 21. &

*injustiça. Os teus Principes, e Governadores sam infieis e acompañhaõ com ladroẽs, todos amaõ peytas e se deixaõ levar de interesses individuos, e respeytos illicitos. Naõ fazem justiça aos orfaõs, e pupillos, nem abrem as portas àscauzas das viúvas que nam entram em suas cazas. Mas eu te restituirey os teus juyzes e conselheyros antigos ( diz Deos ) e depois disso feito seràs chamada Cidade do justo, e Republica fiel. Das quaes palavras se segue naõ ser Cidade de Deos, nem aver lealdade no Reyno onde nam ha justiça, nem se dà a cada hum o seu. Ouçaõ os Julgadores, e advirtaõ o avizo que lhes està dando o Spirito Sancto pela boca do Psalmista, que diz assi: Pos-se Deos de perto pera contemplar as operaçoẽs, e acçoẽs dos que julgaõ, (1) quis ver, e examinar, e censurar os juizos, e sentenças daquelles que tem suas vezes na terra, na junta, e congregaçãõ dos quaes està elle como primeyro, e supremo juiz.*

(1) Pf. 81.

juiz. Como Deos he Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores assi tambem he juiz dos juizes, e Dezembargador dos Dezembargadores. Entre elles està a sua magestade, com elles absolve o innocente, e condena o culpado. *O Juiz he Deos* (dizia Moyfes) (1), e ElRey Josapha fazia a mesma lembrança aos julgadores de seu povo, e lhes dizia: *Deos està com vosco em as couzas tocantes, e pertencentes à judicatura que exercitaes.* (2) Couza he divina, e nam humana a administração da justiça. E porisso tem os que julgam nomeada de Deoses, porque estabelecem, firmaõ, e defendem as leys, e juizos de Deos em a terra, e representam sua pessoa. Porém devesse advertir que se os Magistrados, e Dezembargadores julgaõ o povo, tambem Deos os julga a elles. Saibaõ que nam podem escapar de suas mãos se venderem a justiça, e nam fezerem bem seus officios. Elle os argue, acusa, e reprehende com as palavras seguintes:

(1) Deut. 1. 17. (2) 2. Paralip. cap. 19.

tes: *Usquequo judicatis iniquitatem, et facies peccatorum sumitis?* (1)

Até quando haõ de ser injustos vossos juizos, e aveis de favorecer os que nam tem justiça em o que demandam? Até quando em graça dos mãos, e poderosos aveis de condenar os bons, e os desvalidos que menos podem, respeytando nam as causas, nem o momento dellas, nem o direyto, mas as peitas, e pessoas? Julgay em favor, e commodo dos pobres, dos humildes, e pequenos opprimidos injustamente dos grandes, justificay-os, absolve-os, tend-os em vossa tutela, e sob o vosso amparo; day a sentença, defendey-os das injurias, e forças que lhes fazem os soberbos: nam permitaes que lhes roubem o seu, e façam presa em seus bens, e pessoas: julgay segundo as leys justas, nam pervertais o juizo, e nam vos deixeis cegar das dadas dos ricos, e ardis dos maliciosos, nam cobiceis rapinas. *Ego dixi Dii estis, et filii Excelsi omnes.*

(1) Pf. 81.

nes. (1) Olhay que vos ouve por dignos do meu nome, e apellido por rezam da dignidade, e excellencia de vossos officios, que vos faz parecer nam homens, mas huns Deos terrestres, e filhos daquelle Senhor, que tem o feu assento, e Real Throno em lugar muy alto, e sublime: e que em final aveis de morrer, como qualquer outro homem, e vilissimo, sem vos poder valer vossa magestade, potencia, e dignidade: e ainda que na morte ajais de ser iguaes huns, e outros, a conta que dareys de vós, e a que Deos vos ha de tomar ferà muy desigual, ferà mais estreya, e o castigo mais rigoroso. *Potentes potenter tormenta patientur.* (2) fereis precipitados no inferno como hum dos tyranos, e principes das trevas que nelle sam a tormentados, com exquisitissimos, e gravissimos tormentos, e penas infrofriveis. *Sicut unus de Principibus cadetis.*

*Just.* Correm as cousas de maneira, e ha tanta injustiça na

Tom. I.

K

ter-

(1) Ps. 61. (2) Sap. 6. v. 7.

terra, que nos convem chamar por Deos que nos acuda, e dizer-lhe com o mesmo Propheta: *Exurge Domine judica terram quoniam tu hereditabis in omnibus gentibus.* Leuantaivos Senhor, e julgay a terra, ocorrey a tantos males, e misérias humanas, sois o herdeiro legitimo das gentes, e Senhor de todos os Senhorios, e por esta rezam deveis fazer justiça na terra, e apiadar-vos do vosso povo. (1)

*Ant.* Alguns dos Hebreos mudam o verbo *Hereditabis*, desse verso em o tempo presente conforme ao sentido que seguistes. Mas a outros parece melhor nossa liçam, e que a conversam se faça ao filho de Deos, a quem seu Padre Eterno constituyo Juyz do Universo, e por quem fez os segres, e criou o Mundo, e a quem pertence a herança, e juiço de todas as gentes, pera que venha remedear suas misérias, conforme aquella prophecia de David, que em pessoa de Deos Padre disse: *Dabo tibi gentes in hereditatem tuam.* (2)

E

(1) Pf. 81. v. 8. (2) Pf. 2. v. 8.

E aquellas palavras de S. Paulo *ad Hebreos*: *Quem constituit hæredem universorum per quem fecit sæcula.*

(1) E ao que Christo de sy diz no Evangelho: *Omne iudicium dedit mihi Pater.* (2) O que se ha de perfeiçoar no seu ultimo advento, e no seu Reyno se acharà a verdadeira justiça, e constante felicidade.

*Iust.* Deve lembrar aos Reytos, e Regedores da Republica que a misericordia sem justiça he pusillanidade: e por tanto foy condenada a de Saul que contra o mandado de Deos, perdoou a ElRey Agag (3), e que a justiça sem misericordia he crueldade. A verdadeira justiça ( diz o Papa S. Gregorio ) he compassiva: e se nam tem compaixam a qual descende do coração, e das entranhas he falsa, e deshumana. Estaõ em Deos juntas a potencia, e a bondade; a verdade, e a piedade; a misericordia, e a justiça: e porisso David o louvou juntamente de ambas

K ii

ef-

(1) Cap. 1. v. 2. (2) Joan. V. v. 22.

(3) Reg. 1. cap. xv. v. 7.

estas virtudes: *Misericordiam et iudicium cantabo tibi Domine.* (1) O Poeta comico avia que era homem, porque nam tinha por alheos os trabalhos, e miserias dos homens. Ser o juiz justicozo, riguroso na condemnacão dos criminosos, e deleitar-se com as suas penas, mal he, e perversidade da natureza humana. Porém nam ferà o rigor crueldade quando procede do bom zelo: isto he de hum fervor do animo por ver as cousas malfeitas, qual era o de David quando via os mãos prosperados, e os bons acanhados. Este o compellia a que fezesse a Deos esta petiçam. *Non miserearis omnibus qui operantur iniquitatem.* (2) Este faz que o justo se alegre em a vingança dos peccadores, e lave suas mãos em seu sangue, nam com amor de vingança, nem por escarnecer dos affligidos, mas com zelo de justiça, e gloria de Deos. A charidade o faz condoer da tribulaçãõ dos mãos, e a justiça o faz folgar porque nella vê illustrada

(1) Pf. 100. v. 1. (2) Pf. 68.



da a gloria de Deos. Tal foy o zelo de Phinès quando matou o Israclita deshonesto, homicidio de que Deos se ouve por muito bem servido, que elle aprovou, e remunerou, porque se fez com zelo de sua honra, e bem commum do seu povo, que seguindo o mão exemplo fora castigado, se o peccador que o deu nam fora punido. Este bem tem a crueldade inda que contraria a nossa humanidade, que he proveitosa para gente desenfreada, e freyo, e temor pera os viciosos, e mal acostumados. Convem aos que nam sabem amar, que saibam temer. Não ha Senhor tam cruel, que nam seja muito mais o deleyte censual. Aos malfeytores he muy danosa a seguridade: perto està de cair quem nada teme. He tam grande bem para os povos a execuçaõ da justiça, que aos que a executam actualmente, nam só com palavras, mas com obras (na virtude das quaes ella consiste) dà o Propheta David o seguro que se segue: *Hereditatem suam non derelinquet, quoad-*

*quoadusque justitia convertatur in  
judicium.* (1)

*Ant.* Mas que justiça, e que equidade pode aver onde as penas das condemnações se partem entre os rendeiros que as requerem, e os juizes que lhas julgaraõ? E o peor he que se sofre, e passa sem ser punido hum mal tamanho, e taõ prejudicial ao bem commum da Republica. O qual nem per via das Residencias tem remedio, porque os que as dam, e os que as tomam se fazem as barbas huns aos outros, e nam sam livres, nem desenterefados, e incorrutos em seus officios. E nunca faltam padrinhos da iniquidade, que tomaõ as portas, e naõ deixam entrar os que vem denunciar, e se vem queixar destes, e doutros roubos, agravos, e sem rezoens; donde vem naõ aver emenda nos Juizes desfalmados, porque nem o amor da virtude os obriga, nem o temor da pena os reprime. Resta que chamemos polo Senhor que nos pode re-  
me-

(1) Pl. 93. v. 14. e 15.

medear, que recorramos a elle, e lhe peçamos que nos valha, e proveja de justiça, e use com nosco de suas infinitas misericordias por quem elle he: e que nos dê julgadores que assi julgem como se logo ouvessem de ser julgados; e se lembre que hum he o juiz de todos, hum he o tribunal sem corrupçaõ, ante o qual todos avemos de apparecer; e que se injustamente julgarem, nem lhes ha de aproveitar o dinheiro, nem graça alguma, nem testemunhas falsas, nem injustos rogos, nem vãs ameaças, nem elegantes, agudos, e facundos avogados, por mais que armem as lingoas com cautelas, e malicias. Ef-tem as portas dos juizes sempre cerradas aos serviços, e abertas aos pleitos das Viuvas, e pessoas desemparradas. E não se esqueçaõ daquelle dito do Sabio ja allegado, que se forem desobedientes à ley, e vontade de Deos, seram mais rigurosamente punidos. O que he conforme ao que David prophetizou: (1) Que no ul-

(1) Pf. 149.

timo juizo os Santos por huma parte exalçaraõ a omnipotencia, a grandeza, e bondade de Deos, honraram sua immensa magestade (o que delle fomite podem comprehender) louva-lo haõ em si mesmo fazendo-lhe graças pela magnificencia, e piedade, de que com elles uzou. Treram perpetuamente na boca preguens, e exaltaçoens de seus louvores; *Exaltationes Dei in gutture eorum*, segundo a melhor liçam. E por outra parte: *Gladii ancipites in manibus eorum*: teram em suas mãos espadas de dous gumes, e de dous cortes affiadas como navalhas para cortar, pelas carnes das naçoens, e povos que o naõ quiserãõ conhecer, e servir. E para que naõ cuidassemos que a pena dos grandes, e dos pequenos, dos Reys, e dos vassallos, dos inferiores, e superiores em o povo avia de ser geral, e igual a todos, despois de dizer que as taes espadas lhe serviram de tomar vingança dos inimigos de Deos, particularizou esta vingança addendo: *Ad*

alli-

*alligandos reges eorum in compedi-  
bus, et nobiles eorum in manicis fer-  
reis.* Fecharam os sanctos em car-  
ceres escuros, e tenebrosos, poram  
em prisoens, cadeas de ferro, e crueis  
correntes, meteram nos troncos,  
carregaram de grilhoens e algemas  
os pes, e maos dos Reys, Principes,  
nobres, e julgadores que governam  
os povos. *Ut faciant in eis iudicium  
conscriptum,* a fim de executar nelles  
com mor rigor a sentença por Deos  
dada, o juizo por elle ordenado,  
definido, e determinado. *Gloria hæc  
est omnibus sanctis ejus.* Isto teram  
os sanctos por summa gloria, e hon-  
ra, e o dia em que forem ministros  
desta vingança serà por elles honro-  
so, festival, e glorioso. Este seu gos-  
to, e prazer encareceo mais David  
em outro Psalmo quando disse: *Læ-  
tabitur justus cum viderit vindi-  
ctam, manus suas lavabit in san-  
guine peccatoris.* (1) Saltaram de  
prazer os justos quando virem a  
Deos vingado das offensas que lhe

ouve-

(1) Ps. 58. v. 11.

ouverem feito os grandes peccadores, faram festas, e lavaram suas mãos com grande alegria, e contentamento, em o seu sangue: isto he faram das suas penas, e tormentos agoas, e banhos de sangue em que se recrearam, e teram seus passatempos como zelosos da honra de Deos, e da rectidam, e inteireza de sua justiça. Nelles banharam, e lavaram suas mãos, mostrando melhor que Pilatos no lavatorio dellas sua innocencia, e que per nenhũa via se lhe pode imputar a condemnação dos mãos homens que se quizeram perder.

*Just.* Sancta he aquella ley das doze taboas: *Intercessor rei malæ salutaris civis esto. Seja tido per cidadão saudador em a Republica o que estorva os males, e vay à mam aos que mal vivem.* Da qual ley fallando Marco Tullio com sua costumada elegancia disse: *Quis Reipublicæ subvenire non cupiat, hæc tam præclara legis voce laudatus. Quem nam dezejara socorrer a Republica, e procurar sua saude por me-*  
re-

recer o louvor da voz tam esclarecida desta ley, que pregoa por saudavel varaõ o que desvia, e impede quanto nelle he os danos, e prejuizo que os mãos homens pertendem fazer na Republica? Por taõ honorifico, e glorioso tinha este excellente orador, e singular Republico, o titulo de bom cidadão, e amigo de seus naturaes, que avia elle só ser poderoso, e bastante para acabar com os homens, que ponhaõ seu estudo, vigilancia, e diligencia em atalhar as cousas malfeitas, e peccados que no povo se cometem, e se prezem muito de zeladores do commum proveito. Quem tivera aquelle zelo que fez clamar a David: *Quis consurget mihi adversus malignantes, aut quis stabit mecum adversus operantes iniquitatem? Quem se porà da minha parte contra os machinadores de malicias, e fabricadores de maldade: e me ajudará a lhe fazer rostro, e cortar por elles?* (1) Indignissimos saõ de todo o louvor, e merecedores de  
gra-

(1) Ps. 93. v. 16.

graves penas os julgadores, e pessoas da governança, que sendo obrigados a se pôr no campo, e contrapor as sem rezoens, que se ordenaõ, e fazem contra a Republica, sam cauza dellas, e fautores de malos ezemplos, e escandalos; que de nam aver justiça na terra, nem serem punidos os atrevimentos dos viciosos, se seguem, e sam cada vez mais crecidos, e perniciosos. Do que he motivo a aceitaçaõ das pessoas, e dos seus doês, que obrigam a pôr de venda a justiça, e a dissimular cos malfeitores, e favorecer cousas injustas, aos que tem as maõs abertas para tomar tudo o que lhes offerecem os peiteiros. Couza que quasi os impossibilita para fazerem o que devem em seus officios.



## C A P. VI.

*Que os Principes , e julgadores não  
devem ser avaros , nem tomar  
peitas.*

*Just.* **C**omo Deos pôs em  
Christo o verdadeyro  
conhecimento dos seus assi lhe deu  
o poder para lhes fazer mercês , e  
não só lhe concedeo que pudesse , mas  
nelle mesmo encerrou como em the-  
souro todos os bens , e riquezas que  
podem fazer ricos , e ditosos seus  
vassallos sem remitir huns a outros ,  
e sem os enfadar com largas demo-  
ras , muitos gastos , e más repostas.  
Muy verdadeira he a sentença de  
Isocrates : que mais rico he o Prin-  
cipe com ter vassallos ricos , que com  
ter muitos thesouros proprios. ElRey  
D. Pedro o justicofo lembrava mui-  
tas vezes a seus criados quando o  
vestiaõ , que lhe alargassem o cinto  
para que pudesse estender a mão à  
sua vontade. Significando que he pro-  
prio

prio do Rey ser largo, e magnifico. E mandava cada anno lavrar muitos marcos de prata em copos, taças, e outras muitas joyas de ouro, e pedras preciosas de que elle mesmo fazia mercê aquem lhe parecia: e dizia que no dia em que o Rey nam fazia bem a alguma pessoa, era indigno do nome de Rey. Entre todos os vicios que se podem achar em os governadores da terra, nenhum lhes he mais contrario que a avareza. Pelo que foy faudavel aquelle aviso do sogro de Moyses: *Escolhe de todo povo varoẽs poderosos que avorrecam a avareza, e faze-os tribunos, e magistrados.* (1) Platam queria que os Nomophylaces (que sam os que tem a cargo a guarda das Leys) fossem incorruptissimos. E Aristoteles na Politica disse, que se avia de prover como dos magistrados naõ tirassem ganho os officiaes da sua Republica. Donde se segue, segundo prudencia moral nunca ser conveniente vender officios publicos. Ao menos

Ale-

(1) Exodo. cap. 18.

Alexandre Imperador Romano não consentia vendelos, e dizia como he autor Lampridio: *Os que compram haõ de vender, e serà vergonha castigar eu os que vendem aquillo que de mim compraram.* Quanto mais que roubaõ, e esfolam seu proximo pera tirar delle o preço que os officios lhe custaram. E o peor de tudo he que não fica lugar aos pobres virtuosos para serem delles providos: e assi andam os officios nas mãos dos indignos que tem dinheiro para comprar, peste das mayores que na Republica se podem imaginar. Quanto melhor se aviam neste particular os Romanos segundo Plutarco, que nam davam os taes officios por linajem, riquezas, favor, nem affeição, se nam por mais serviços feitos à Republica. E assi os que pretendiaõ officios honrados, andavaõ vestidos de linho pera que facilmente podessem ver os que aviaõ de votar, todas as feridas que os taes aviaõ recebido nas batalhas. Competindo Paulo Aemilio com Galba, mos-

mostrou Aemilio as cutiladas, e lançadas em seu corpo que no serviço da Republica recebera, e vistas votaraõ todos por elle.

*Ant.* Não deve ser o Principe mercador, porque he baixeza de mão cheiro. Dario Rey dos Persas foy chamado Capello, que quer dizer negociador, homem questuario, e tratante porque avia partido o reino com imposiçam de certos tributos em vinte Satrapias, ou Prefecturas. Plutarcho refere que na Cidade de Thebas de Egypto ouve humas imagens sem mãos, que significavaõ não as deverem ter os julgadores para aceitar peitas, porque cegam os intendimentos conforme a pratica que ElRey Josaphat fez àquelles a que encomendou o governo, e administram da justiça em seus Reynos. Quem me dera, dizia Pontio Sannites, ser homem no tempo em que os Romanos começaram a tomar peitas, para os nam consentir senhorear mais hum dia. Entendia este fabio que não podia estar em pé a

Re-

Republica, cujos governadores, e julgadores abrem as mãos aos peiteiros, e recebem quanto lhe offerecem as partes. Mas fomos em tempo que se nòs lhas não damos, elles as pedem sem algum pejo: dizendo-lhes Deos: *Nam aceitaràs pessoa, nem dadas suas que cegam os olhos dos sabios, e mudam a linguagem dos justos.* (1) E Salamam: *O impio recebe peitas para perverter as vias reélas do juizo.* (2) *Hay dos que justificaes o injusto pelo que vos dà, e roubais a justiça ao justo,* clama Isaias. (3) As portas dos julgadores devem estar cerradas pera os presentes que lhe enviam, e abertas para os requerimentos das partes. *Perverteram os filhos de Heli o juizo, porque declinaram apos a avareza:* (4) diz a divina Escri-tura. E David affirma que aquelle descançará no monte do Senhor: *Qui munera super innocentem non accepit.* (5) Salamam disse: *Conturba sua*  
 Tom. I. L ca-

(1) Deut. 18. (2) Prov. 17. (3) Isai. 5.

(4) 1. Reg. cap. 8. (5) Pf. 14. v. 6.

caza. o que segue a avareza, e o que a avorrece viverà. (1) E Job; O fogo destruirà as moradas daquelles que de boa vontade accitam peitas. (2) Sam as dadivas chave com que se abrem coraçõens ferrolhados em odio, e se fecham lembranças de vida, e honra do Ceo, e do inferno. *Qui excutit manus suas ab omni munere, habitabit in excelsis: Habitaram nos Ceos os que sacodem as mãos dos dons que nellas lhe metem.* (3) A este proposito disseram os fabios gentios muitas verdades, elegantes. Plataõ cita aquelle verso celebrado: *Cum divis flectunt venerandos munera reges.* E Euripides disse: *Donis vel ipsos dictitant flecti Deos.* Querem dizer que as peitas dobram nam so os Reis mas tambem os Deoses. Guarde-nos Deos dos pòs de Medea que cegam dragocns de mil olhos, e lhes roubam o vello de ouro (isto he a justiça de que sam guardas), e da sepa de mel que fez o Cerbero dar as costas a Eneas, sen-

(1) Prov. 15. (2) Job. 15. (3) Isai 33. v. 27.

fendo guarda das portas do inferno. Sabido he o verso Grego.

*Auro loquente ratio quavis irrita est,  
Suadere siquidem novit et loquens nihil.*

Onde fala o ouro, cala a rezaõ ; estando o ouro calado, sabe persuadir : naõ tendo outro bem se (bem se considerasse) que carregar a quem o traz consigo, ou trata de o guardar. Quem mal o acquire, he como a fonte Caceppa onde o páo que cay primeiramente rebenta, e florece, e depois se endurece, e converte em pedra. Reverdece entre nós, o que por máo meio o ajunta ; e no inferno se obstina, e empedernece. A urtiga offende a quem a toca vagarosamente, e se a aperta com toda a maõ, nam o lastima : assi o ouro se com escasseza se trata, e poupa, he nocivo ; se com desprezo, aproveita. Achimenes Rei dos Spartanos enjeitando os doens que lhe offereciam os Messenos, disse, se os tomara, nam podera ter paz com as Leis. Phocion Principe Atheniense recusando os cem talentos, que Alexandre Magno lhe offereceo,

deu por cauza que queria ser havido por bom homem. Fundem as peitas instrumentos de ouro , e de prata , pelos quaes entra o som das palavras , e defezas dos reos nas orelhas dos julgadores. As muitas riquezas furtadas na nossa Hespanha , e repar-tidas pelos Senadores de Roma , ab-solveraõ ao infame traidor Galba , me-recendo morte crudelissima. A sede do dinheiro fez dos amigos tredores , e dos nobres fazer vilezas indignas do saugue de seus progenitores , e outras obras torpes , e feas. Ouçamos hum dos Poetas Luzitanos que no fim do seu Canto VIII. diz.

*Este rende munidas fortalezas  
Faz tredores , e falsos os amigos  
Este a mais nobres faz fazer vilezas  
É entrega Capitães aos inimigos.  
Este corrompe virginaes purezas  
Sem temor de honra , fama , ou perigos  
Este deprava às vezes as sciencias  
Os juizos cegando , e as consciencias.*

Donde se infere nam ser nova mer-cadoria de nossos tempos andar a jus-ti-



tiça posta em almoeda, como bens confiscados para a Coroa. Mal velho he. O Propheta Samuel vendo-se repudiado dos Judeos quando com muita instancia pediram Rey, e querendo mostrar sua innocencia, e clarificar sua pessoa, ouve que tinha dado boa residencia, e conta de sua judicatura, tanto que os filhos de Israel confessaram que de nenhum delles avia tomado alguma cousa. O homem honrado ha de fer de má condicam pera tomar, porque sempre o que dà começa a desprezar, e ter em menos a quem tomou del-le; e pelo contrario o que nam toma he depois mais venerado de quem lhe rogava que tomasse, como disse S. Hieronymo. (1)

*Just.* Para mim tenho que a cobiça, e o tomar de peitas sam causa principal de naõ aver ley geral nem particular que se guarde como cumpre em as povoações deste Reyno, donde vem serem os povos delle os peor governados que ne-

(1) Epist. ad. Heliodor.

nenhuns do mundo. E huma das cousas que me faz grande espanto he a muita curiozidade que os Portuguezes tem pera imitar trajos, e costumes peregrinos: e a pouca que nelles ha para imitar os estrangeiros no bom governo que entre elles se guarda. Sôs nós nam temos aveffo nem direito em a governança, nem nos deixamos governar com a ordem devida por falta da qual tudo he confusam. Humas das cousas porque Deos fez merce aos Romanos, e lhe ampliou tanto sua Republica, foy pela guarda de suas leys, e pela execuçam que dellas avia, como diz S. Agostinho. (1) Outra cousa se deseja neste Reyno, e he ver as residencias tomadas por fidalgos muito honrados, e abalifados, inteiros, e tementes a Deos, e nam por letrados, que nunca hum lobo matou outro.

*Ant.* Tornemos a nosso proposito. Nam convem que o Principe seja mercenario, mas que graciosamente reyne, podendo fer. Nenhuma cousa deve

(1) De Civitate Dei.

ve tomar por premio de sua administração, salvo a honra; e o necessario pera a decencia de seu real Estado. Que como sabiamente escreve Aristoteles o proprio premio do Principe he a honra; e o que com ella se nam contenta he tyranno. Porém os Principes Christãos devem referir esta honra à Celestial, e divina que nos Ceos lhe está guardada. Chave se diz na Escriptura a dignidade Real, porque em seu modo abre, e fecha a porta do Ceo a seus povos; mas he chave que anda sobre os hombros, porque so os esforçados podem com o peso della.

## C A P. VII.

*Que o Rey nam seja avaro,  
nem prodigo.*

*Ant.* **D**O imperio dos justos, e francos Reys dimanam grandes bens, e proveitos às Republicas; e com o dos maãos, e avaros muitos detrimentos, e desaven-

venturas : e como do eclipse do sol redundam espessas trevas em a terra : assi do seu mão governo, e corrupção de costumes procede a ruina de seus povos. E como a cabeça he affento dos sentidos, e a que dà aos membros do corpo poderem-se mover e sentir, assi o bom Rey dà ao povo ( seu corpo mystico que ao natural de cada qual de nos he proporcionado ) poder viver em tranquillidade de paz, e igualdade de justiça, que he o espirito da vida politica nelle influido por Deos pera pro, e bem de seus vassallos, que sam como membros seus, e pendem das influencias de suas mercês como de sua cabeça. Propriamente se compara o bom Rey ao sol, pois de seus rayos, a republica como lua recebe luz, e em todos seus membros hum suave calor, com que prospèra, e persevera em seu vigor. Plinio na sua eloquente Panegyris em louvor de Trajano, disse delle, que nam curava de enriquecer o fisco, antes de sua judicatura não queria outro pre-

preço, se nam aver bem julgado. Basta dizer S. Paulo que *a cobiça he raiz de todos os males* (1) principalmente em os Principes, e senhores. Mestura o sagrado com o prophano, a tẽrra com o Cco, nam tem ley com pay, nem may, nem com amigo, nem consigo mesmo, nem ainda com o mesmo Deos, pois chegou ao vender, e despojar de seus vestidos. Tudo poem em pregaõ, e almoeda, alma, vida, sangue, amizade, lealdade, fee, e verdade. A ninguem, e nunca faz bem o avaro, se nam quando morre. He a avareza hum vicio que rouba o sizo aos homẽs em tanto que se fazem inimigos de si mesmo. Sõmente aquelle avaro fez a si bem, do qual dizem, que por nam dar por hũa corda a quem lha vendia, hum patacam mais que lhe pedia, deixou de se enforçar. Vivem os avaros miseravelmente, e nam tiram das suas riquezas mais proveito, e commodidade que aquelles que carecem dellas; acrescen-

(1) Ad. Timot. cap. 6.

cendo-lhe o cuydado de as guardar, e o medo continuo que tem de as perder. Se com o dinheyro crecesse a seguridade, o prazer, e o repouso foraõ para cobiçar: mas nõs vemos que nõs sam ellas suas, mas elles sam dellas, nam se fervem dellas, mas ellas delles, nam as tem elles, mas ellas os tem, nam sam seus senhores, mas suas guardas. Aos taes condena o Propheta, chamando-lhes *Varoẽs de riquezas* (1), e nam riquezas de varoẽs. Tal he sua cobiça, e pouquidade de animo, que de senhores os faz o dinheiro fervos. As excessivas fazendas sam laços, e grilhoẽs, nam sam atavios do corpo, mas impedimentos da alma, e montoẽs de cuydados, e temores. Os averes demasiados a muitos acarretaram a morte, e quasi a todos privaraõ do repouso, corromperam os bons costumes, e enfraqueceram a fortaleza dos animos. O povo Romano em tanto foy claro, justo, e inteiro em quanto foy pobre;

(1) Pf. 75. v. 6.

bre; e o que com a pobreza foy vencedor de todas as gentes, e de si mesmo, e dos vicios domador, das riquezas foy vencido, e sopeado. Se os ricos avarentos adormecidos entre espinhas, tem o sono tam pesado que nam sentem os aguilhoens; desperte-os o que està escrito: (1) *Dormiram seu sono, e não acharam nada em suas mãos todos os varoẽs de riquezas.* Muitos seguindo a avareza padeceram naufragio em a fee, e a perderaõ; como parece nos hereges de nossos tempos, que por nam largarem as rendas das Igrejas, e mosteyros que està comendo, se levantaram com a obediencia ao sancto Padre devida. Se Pedro como timido negou trez vezes a Christo na sua payxam, o avaro o nega trezentas mil cada dia. Porque o dinheiro que tem por idolo, e aquem em tudo obedece lhe manda que jure falso, seja usurario, e venda por mais do justo preço, inda que Deos vivo lho defenda. Em fim he o seu  
Deos;

(1) Ps. 75. v. 6.

Deos; porque a obediencia mostra o Deos de cada hum. *Grande idolatria he a avareza*, como diz o mesmo Apostolo. (1) *He graça* diz S. Hieronymo, *chamar idolatra a quem poem dous graõs de incenso nas brazas sobre o altar de Mercurio, e nam pôr este nome a quem toda sua vida adora a prata, e o ouro.* De mui estreito coração he amar as riquezas, com as quaes se nam farta a cobiça, antes crece mais, como o fogo quando lhe poem mais lenha. Toda via deve o Rey cortar por gastos superfluos, que o obrigam a impor tributos intoleraveis a seus povos, e a fazer peiteiros seus vassallos. Del Rey David se lee no livro dos Reys (2) que avendo mil e setecentos ginetes fermosos, primos, e castiços do despojo de hũa victoria, e naõ faltando por ventura quem o aconselhasse, que convinha nam se tirar delles para que a sua estrevaria fosse hũa das affamadas do mundo, toda via elle como velho sezudo, dissimu-

lan-

(1) Ad Galat. 4. (2) Lib. 2. cap. 8.



lando, e calando, deu ordem com que o dia seguinte amanhecessem jarretados. A alguns pareceria isto de fatino, mas a David pareceo acerto; porque inda que os podesse sustentar, nam quis dar entrada a gastos excessivos, por nam ter ocaziam de fazer tributario o seu povo. Ouve que para moderaçam, e conservaçam de seu Estado, menos cavalos bastavam. E porque David cortou por excessos, e demazias, até por aquelles que tinham escusa licita, como he ter hum Rey muitos cavalos, deixou rico thesouro, e amplo imperio a seu filho Salamam, tam vam em seu Estado que tinha sincoenta, e duas mil cavalgadas nas suas estrebarias. E pela mesma rezam com herdar de David grossissima herança deixou a seu filho Roboam muitas dividas, e menos terra do que de seu pay lhe ficara. Deve o Rey podendo-o fazer sem detrimento da honra, e magnificencia (virtude realenga) enthesourear pera acudir a necessitados que sobrevem de repente, e defender seus

seus vassallos, principalmente dos infieis. Justas, e pias sam as armas contra Mouros per muitas rezoens. E onde pode o Rey Christaõ empregar melhor seus thesouros, e o sangue de seus vassallos, que em tal contenda? E. especial nestes tempos calamitosos, em que os Turcos trataõ de meter pee na Mauritania, cousa que pode criar grandes perigos a toda Hespanha. Conselho he dos sabios, que aos males no principio se ha de acodir. Das cousas pequenas pende o momento das grandes, como disse Tito Livio. Quando Anibal começou a combater Sagunto, mandaram os Saguntanos por Legados dizer ao Senado Romano, como he author Silio, que se aprefassem com socorro, e no principio extinguissem o fogo que começava arder, antes de o perigo fer maior, e co a tardança se lhe difficultar o remedio. Certo he que na brevidade com que se lhe atalham os males consiste a mor parte do remedio delles. Entam foy seguido, e louvado o

conselho de Quinto Fabio Maximo que moveo o Senado a que logo se tomassem armas contra Annibal, meditando em feu alto peito, e divinhando as guerras que em Hespanha se haviam de levantar. Como piloto experimentado em sua arte, que vendo do alto da poppa per sinaes o pe de vento que ha de sobrevir, recolhe primeyro as vellas, e as envolve, e aperta ao masto. O que Silio Italico, pôs em estes versos:

*Previdens hæc ritu vatis fundebat ab alto,  
Pectore præmeditans, Fabius surgentia bella  
Ut sæpe, e celsa grandævus puppe magister  
Prospiciens signis venturum in carbasa corum  
Summo jam dudum substringit lintea malo.*

Acresce a isto o cerco em que nos tem posto os cossarios, herejes, e scismaticos, de cujas vellas o mar anda colhido; e as grossas perdas, e danos que à Coroa, e povos deste Reyno tem causado, e polo tempo podem causar segundo enriquecem com os roubos, que cada dia nos fazem, se com maõ poderosa se nam rebaterem seus atrevimentos, e seus assaltos se nam rechassarem.

## C A P. VIII.

*Que o Rey deve ser liberal, mormente com os necessitados.*

*Ant.* **P** Articular obrigação tem o Rey de olhar pera vassallos necessitados, como Christo olhou para os seus em o deserto. Perguntando Vespasiano a Apolonio que faria para ser bom Rey, respondeo-lhe que tevesse em muito as riquezas para as communicar aos pobres. Os inimigos facilmente saqueão os thesouros reaes pela muralha fraca, se se nam repira; e como as pessoas pobres sam o mais fraco da Republica, se os ricos lhe nam dam remedio, perigo correm dos bens da fortuna, e dalma.

*Just.* ElRey D. Affonso vendo-se vencido, e desbaratado dos Mouros, fundou hum grande Hospital em Burgos, e fez outras obras pias, com que mereceo aver delles gloriosa victoria nas Navas de Tolosa. A libera-

ralidade , e esmolaria sam guarda mais segura para os Principes, que a dos alabardeiros, e gente de guarda. Tras a piedade consigo carta de amparo divino, e tem Deos prometido (1) livrar em o mão dia os que forem esmoleres. E eram-no tanto de veras os Principes antiguamente que enterravam consigo riquezas, porque inda depois de mortos queriam, e pretendiam que achassem nellas soccorro os necessitados, se acafo dessem em suas sepulturas. Egeffippo, e Josepho escrevem que tiraram os Judeos do sepulchro delRey David thesouro, com que se remedearam em hũa grande necessidade, e do que lhe sobejou fundaram os primeyros hospitaes que ouve no mundo. M. Tullio notou que fora Jupiter appellido *Optimo*, por razam dos beneficios que conferia, e *Maximo*, por respeito do muito que podia, e possuia. Mas que primeiro se chamava *Optimo*, isto he beneficentissimo, que *Maximo* isto he po-

Tom. I. M

(1) Pf. 40. v. 8.

derosissimo , e riquissimo : porque mor , e mais aprazivel cousa he aproveitar , e beneficiar a todos , que ter grande potencia , e muitos thesouros. E se cremos a este mesmo auctor (1) os Reys teveram principio de se acolherem os pobres perseguidos dos ricos aquem os emparasse , e reverenciando com subjeçam a quem os defendia , lhes vieram a dar sobre sy dominio , e jurdiçam. *No segre dourado* , diz Seneca , (2) *reynavam sabios por defender os fracos contra os poderosos*. Principio foy do Reyno de Romulo hũa junta de servos chegadiços , pobres , e fugitivos. De Christo disse David : (3) *Adoralo aõ Reys , e servilo aõ as gentes como a Senhor ; porque livrou o pobre da maõ do poderoso*. Parecer he de Gregorio Nysseno , que criou Deos o homem nũ , e necessitado , pera que vendo-se tal procurasse senhorear as creaturas , e as grangeasse , visto como as avia mister. Felo pobre para o

(1) Lib. 2. de Offic- (2) Seneca Epist. 2.  
 (3) Ps. 71.

fazer senhor dellas , para o fazer Rey tomou occasiaõ da pobreza , cepa , e tronco real. Nam sem mysterio se introduzio o louvavel costume dos Reys Christaõs , que no dia anniversario de feu nacimiento vestem tantos pobres, quantos sam os annos que compriram , e fazem esmolas muito aventejadas às dos outros dias , por entenderem que da esmola depende a conservaçam dos Reynos , ou para declararem que nasceram os Reys abastados para fazer bem a pessoas mingoadas.

*Ant.* Pois os Reys sam pastores , obrigados estam a prover de pastos , e alimentos as ovelhas fracas , e magras , nam com menor cuidado do que trosquiam , e ordenham as faãs , e gordas. Escassamente se acharà Rey de memoria gloriosa , entre cujas proezas se nam contem obras pias admiraveis. De Cyro exemplo , e retrato de bons Principes , diz Xenophonte que fez de sua caza botica para que nella achassem mezinhas os que dellas tivessem necessidade. (1)

M ii

Em

(1) Cyro lib. 8.

Em fim o Reyno he dominio paternal segundo Aristoteles, (1) donde se segue que o Rey ha de ter cuydado dos Vassallos como o pay de prover a seus filhos. Augusto Cesar nam consentia que lhe chamaassem Senhor em publico, nem em secreto, como refere Tertulliano, (2) o que nelle imitou Tiberio em os primeiros annos de seu Imperio: porque mais convem aos Reys nome de Pais de familias, que de Senhores. E assi os primeiros julgadores, e Governadores Romanos se cognominaram Padres parecendo-lhes que tomando os mais principaes, e poderosos sobre sua fee, e palavra, os negocios, e causas dos menores com titulo, e affecto paternal, ficariaõ os taes descansados, e seguros, como filhos debaixo do emparo de seus pays. Mais haõ de folgar os grandes de lhe virem pedir os pequenos, que de os virem servir. A excellencia do Rey consiste em ter muito que dar, e pouco que tomar. E segun-

(1) Ethic. 8. (2) Apol. c. 34.



gundo Aristoteles (1) folga o grande de dar porque he superioridade, e affrontasse de receber por ser obra de inferior. Pouco vay que os particulares sejaõ escassos, mas nos Senhores, cujo officio he fazer bem a todos, nam se podem louvar maõs apertadas. Chamou David a Deos Senhor (2) porque tem que dar, e nam tem necessidade de tomar. E S. Paulo poz à avareza nome de servidam, porque os servos grangeam, e ajuntam, mas nam distribuem. O dar he titulo de Senhor, e insignia de dominio, e o receber he de servo. Finalmente como da fermosura do sol muito mais participaõ os que uzam de seus rayos, que elle mesmo que os possue: assi das riquezas, e thezouros reaes, mor parte deve caber aos vassallos, que aos mesmos Reys. Encobre a liberalidade todas as tachas que tem os Principes, e descobre a escaceza te as que nelles nam ha. Esta faz parecer grandes as pequenas faltas, e aquella pelo contrario representen-

(1) Ethic. 4. (2) Ps. 15.

fenta como nadas vicios muito enxergados. E em especial devem os grandes exercitar sua liberalidade com os pequenos movidos da charidade Christaã, e nam da vaidade mundana. M. Tullio depois de lhe parecer coufa muy honesta, que as casas dos Varoés illustres estem abertas a illustres hospedes: acrecentou no mesmo livro que huma das principaes obras do bom varam, he quanto algum tem mais necessidade tanto mais o ajudar.

### C A P. VIII.

*Que o Rey deve ser Virtuoso.*

*Just.* **H**E tambem muy principal parte no Principe senhorear seus appetites, e soffrer contentamentos illicitos senhores brandos em o Reyno de nossa alma, que desviam a vontade do que requiere a rezam. Este Imperio he amplissimo, e ditosissimo. Cyro Mayor costumava dizer, que ninguem devia

via aceytar Principado se nam fosse  
avantejado nas virtudes aos que avia  
de governar. O Governador primey-  
ro se deve a si retificar, e depois ao  
seu povo. Que doutra maneira aver-  
se ha como quem quer endereytar a  
sombra da vara torta. O verdadeiro,  
e firme poder esta fundado sobre a  
virtude, e se se tira o fundamento,  
quanto he mayor, tanto he mais pe-  
rigoso o edificio. Aquelle he pode-  
roso Senhor que vence primeiro os  
inimigos de dentro, que os de fora,  
e os que combatem a alma, que os  
que fazem guerra ao corpo. Aquel-  
les devem os grandes vencer pri-  
meiro, e aparta-los de sy: vença o  
Rey primeiro a ira, a cobiça, a lu-  
xuria, vença a si mesmo, pois he  
inimigo de sua fama, e de sua alma,  
nam cuide que he grande poder  
vencer a outros, e ser vencido de  
suas mesmas paixoes. Excellentes  
sam aquelles versos do Poeta Clau-  
diano:

*Tu licet extremos late dominare per Indos ;  
Te Medus , te mollis Arabs , te Seres ado-  
rent ,*

*Si metuis , si prava cupis , si duceris iræ  
Servitii patiere jugum ; tolerabis iniquas  
Interius leges : tunc omnia jure tenebis  
Cum poteris Rex esse tui.*

*Inda que se jais Senhor das ultimas  
Indias , e todo o mundo te adore ; se  
teus desejos , e paixões forem desor-  
denadas , seràs servo , e dentro de  
ti subjeito a leys iniquas. Entaõ  
com rezam dominaràs sobre todas  
as cousas quando poderes ser Rey  
de ty mesmo. De servo he dar-se aos  
contentamentos , e de Principes exer-  
citar-se em os trabalhos , delle como  
de treslado haõ de imprimir os vaf-  
fallos em sy a formosura da virtude.  
Guarda-se de ser retrato feo de cou-  
sa taõ bella , e de se apresentar tal  
aos que o devem retratar em sy mes-  
mo. Guarde-nos Deos de Principes  
taes , que nos seja necessario apellar  
delles para elles , como fez outro  
que de Philippo appellou para Phi-  
lippo quando mais quietamente po-  
desse ouvir sua causa. Em a primei-  
ra ,*

ra , e mais alta regiam do ar , onde elle está mais puro , e excellente , nam ha nuvees , nem sobreventos , nem vapores alguns escuros , nam tem lugar nella relampos , nem trovoens , toda he serena , quieta , e foflegada. O Rey que tem o lugar mais alto deve ter o juizo mais claro , e o coraçam mais sereno , e livre de perturbaçoës humanas , sujeito à rezam , limpo das nevoas da ira , cobiça , e ambiçam , moderado , manso , nam temerario nem furioso , e arrebatado. Antes o Rey por ser bom , e brando seja tachado dos mãos , que por ser mão , e irado viva em odio dos bons. Advertio esta verdade Aristoteles , quando disse que era necessario ao Principe ser ornado de todas as virtudes. Porque reger he officio de prudencia , a qual sem companhia das mais virtudes nam pode ser perfeita. Que o prudente julga de tudo , e qual he cada hum , tal fim se lhe offerece. Pelo que he necessario estar bem affeyçoado , a todas as cousas de que  
ha

ha de julgar , o que defemparrado das virtudes nam pode ser. Se senhorear , e regnar sobre os outros homens he cousa formosa , e muito para desejar , porque se nam desejará que senhoreem a mais fermosa de todas as cousas , que he a virtude ? Desta se ham de fazer as coroas dos Reys , e nam de ouro , nem de Perrolas , e pedras preciosas. A Trajano disse Plinio estas gravissimas sentenças : *Nos sabemos por experiencia que a innocencia do Principe he sua fidelissima custodia. Esta he baluarte fortissimo e castello invencivel. Por demais se arma o Rey desarmado de Charidade.* Disse mais : *que a vida do Principe era o molde , e regra porque os subditos dirigiaõ seus actos , e que mais aviamos mister exemplo que imperio. O medo he infiel mestre da virtude. Tem os exemplos em sy este bem , que provam poderem-se cumprir as cousas que se mandam.* Outro louvor lhe deu singular dizendo : *nam queres para ti mais licença que pera nos ,*

● *que eu agora ouço , e aprendo novamente nam ser o Principe sobre as leys , mas as leys sobre o Principe.*

*Ant.* Proprio he do bom Rey ser tam obediente às leys de Deos quam obediente quer que o povo seja às suas. Prezida a ley de Deos em aquelle que prezide em a Republica. Entre os filhos de Israel , ao Principe eleito , com a coroa se dava juntamente a ley escrita , para que segundo ella se governasse primeiro a si , e depois aos seus. (1) Perguntado Bias Philosopho qual era o verdadeyro Principe , respondeo: *O que primeiro se subjeita à ley.* Em o paço dos Reys se devem guardar primeiro as leys , e por sua caza ha de começar a justiça. Sam eleitos per Deos em ministros , e mantenedores de igualdade , e porisso sam mais obrigados a mostrar por exemplo em si mesmo , e em seus familiares esta virtude. Se a justiça he executada em os estranhos , e negada em fa-

(1) Deut. cap. 17. v. 18.

favor dos nossos , fóra vay dos termos , e ordenança que Deos lhe daa. *Iustus Dominus & justitias dilexit &c.* (1) *Iusto he Deos em si , e ama a justiça em suas criaturas , e com o espectáculo da equidade se alegra sua vista.* Celebrada foy dos Capitães Romanos aquella sentença. repetida em a historia de Tito Livio : (2) *Se mandares alguma couza ao teu inferior primeiro a demostra em ti , e com facilidade seràs obedecido.* Este conselho daa o mesmo Livio aos poderosos. (3) *Quanto mayor he o teu poder , tanto mais moderadamente convem que uzes do Imperio.* Sentença que Claudiano pôz em estes versos :

*In commune jubes , si quid , censesque  
tenendum*

*Primus jussa sibi , tunc observantior equi  
Fit populus , nec ferre vetat , cum viderit  
ipsum*

*Ductorem parere sibi. Componitur orbis  
Regis ad exemplum , nec sic inflectere sensus  
Humanos edicta valent , quã vita regentis  
Mobile mutatur sēper cū Principe vulgus.*

*Se*

(1) Ps. 10. (2) Decad. 3. l. 6. (3) Decad. 4. l. 4.



*Se fazes alguma ley geral, a que obrigas teus vassallos, sé tu o primeyro que a cumpras. Entam o povo he mais observante das leys, e sofredor do jugo, quando ve o seu legislador obedecerlhe. O Povo rege-se pelo exemplo do Rey, e mais pode sua vida que seus edictos para dobrar os sentidos humanos. O vulgo sempre se muda co a mudança do seu Principe. Andam os Reys em os olhos de todos, e por tanto seus defeitos sam contagiosos, e causam perdiçam a muitos, e suas virtudes edificam a todos. Qual he o Reitor da Cidade, taes sam os que nella moram. (1) O mar imita tanto o ar que o rodea, que se este está quieto, tambem nelle ha quietaçam, se tempestuoso tambem nelle ha tempestade; se o Rey he justo, nam falta justiça no seu povo, se perverso logo he pervertido. He o povo sombra do Principe, e por tanto dana mais co exemplo, que co peccado. Com a mudança de seus cos-*

tu-

(1) Eccles. cap. x. v. 2.

tumes se mudam os de seus vassallos, e os vicios, e virtudes que nelle ha traspassanfe aos que lhe obedecem. Turbada a fonte, turbasse o rego que della nace. Turbado Herodes toda Hierusalém se turbou com elle. E pelo mesmo caso o que deixa de si mão exemplo, além da pena eterna que olha à omnipotencia da pessoa offendida, padece outra accidental por razão do escandalo que deu. E não só os inventores de erradas sectas, e crenças, mas também os Principes em cujos tempos ellas prevaleceram, ou os bons costumes se corromperaõ por sua culpa, descuido, ou mão exemplo, entraõ neste numero. Pelo contrario os que com sua industria deyxãõ bem acostumados seus povos, teram aqui temporal louvor, e no Ceo galardãõ eterno. Bem disse Ovidio nos seus livros sem titulo: *Eu mesmo sou atormentado com temor de meu mão exemplo.* Da virtude se haõ de fazer as Coroas dos Reys, e não do ouro, nem das perlas, as quais nem por  
ref-

resplandecerem mais , carregaõ , e atormentaõ menos. David assi tinha poder sobre todos seus vassallos , como se a todos fora subjecto , estava no throno real como preso em carcere , na purpura como no cilicio , e na cinza , e nos seus paços reaes , como nas soedades de ermo. Como nos corpos assi nos regnos he gravissima a enfermidade que procede da cabeça. Se o Rey quer subjetar tudo , subjeitese à rezam ; a muitos regerà se o reger a rezam ; rega-se a sy mesmo , e será Rey de hum grande Reyno. Não cuide que tudo lhe he licito , porque se por ser Rey quer apropriar a sy esta licença , tyranno he , e nam Rey. Menos licença tem que qualquer outra pessoa particular , e nam pode mais , que o que lhe està bem em quanto Rey.

## C A P. X.

*Que o Rey deve ser exemplar, e prudente.*

*Just.* **M**Ais deforme he a cutilada em a face que em qualquer outra parte do corpo : assi a culpa em o Principe he mais fea que em seus vassallos. He como peçonha lançada em poço publico de que bebe todo o povo. Da vida de nossos superiores tiramos os inferiores agoas de bons ou mãos costumes. Quando vem as folhas das arvores murchas , e amarelas antes de tempo , julgamos que junto da raiz tem algum peço : assi quando vemos o povo descompolto, e enfermo nos costumes temos por sem duvida que a sua cabeça não está sã. O bom anno não se ha de estimar pelos muitos fructos que a terra nelle daa , mas pelos justos Principes que nella reinam : summa felicidade he a dos povos , onde nam pode ser mais po-

poderoso o que nam he mais justo, e virtuozo. Naõ foy o Rey eleito por Deos para obedecer a seus depravados affectos ; mas para que à sua obediencia, e sombra de seu bom viver, vivaõ felicemente os que o alcançaram por Rey. Depois de aprenderes a ser regido podes reger. Assaz nescio he, dizia hum philosopho, o que naõ quer enfrear a sy mesmo ; e o que solta as redeas a seus appetites, e naõ sabe ir à maõ a suas immoderadas paixoens. Muito pode o exemplo dos maiores com os menores, assi para o bem como para o mal, e todos tem por glorioso o que com exemplo do seu Rey està acreditado. Entre os de Ethiopia valem tanto os exemplos de seus Reys, que se elles coxeam, ou tem menos huma vista, seus vassallos se privam voluntariamente do uzo dos taes membros, avendo que lhe nam està bem andar direitos, nem ter duas vistas, se o seu Rey manqueja, ou carece de huma dellas. ElRei D. Joam de Portugal o II. deste nome

tomou a salva a huma amargosa purga pela fazer beber a hum seu vasallo enfermo. Ley he natural em as abelhas , nam se apartarem de seus acolhimentos , se o seu Rey nam vay diante dellas. No que o author da natureza designou , que o officio proprio do Rey , conforme , nam à ambição humana , mas à natureza incorrupta , era preceder a seu povo , e guia-lo com sua boa vida. Cyro dizia como he autor Xenophonte , que o bom Principe era ley exemplar para os homens , aos quaes imperava com razaõ , quando lhes mostrava em sy , que sobre todos era ornado de virtudes. E nam serem os Principes subditos a suas leys , nem por ellas constringidos , nam no devem contar por privilegio singular , mas por condiçam infelice. A ley pera os inferiores he luz , e pena , e assi tem dous foccorros para à virtude , hum dos quaes falta ao Principe , porque nam ha quem o constanja , nem quem lhe mostre a verdade , e o reprehenda. E por ventura isto enten-

tendeo Salomam quando disse : *Sicut divisiones aquarum, ita cor Regis in manu Domini.* (1) como se dissera que governando Deos os coraçoes dos pequenos pelos ministros da justiça, sò o coração do Rey fica posto nas suas mãos. E como sò Deos pode mudar o curso dos Rios, caudalosos ; assi sò elle pode entreter, e mudar a vontade dos Reys. Por onde quanto elles sam mais livres e exemptos do constrangimento das leys que poem, tanto mais obedientes lhes devem ser. E convem lembrar-lhes que sejam cautos em seu viver, pois vivem na praça, e à vista do mundo. Gravemente disse Plinio a Trajano, e Salustio contra Catelina : *In maxima fortuna minima licentia est.* Tem isto a alta fortuna, que nam sofre cousa secreta, nem occulta, abre portas, camaras, e recamaras, descobre os intimos, e tudo offerece à fama pera ser pelo mundo publicado. O que pôz Claudiano nestes versos

N ii

Nam

(1) Prov. cap. 21. v. 1.

*Nam lux altissima fati  
Occultum nihil esse finit, latebrasque per  
omnes*

*Intrat, et obscuros explorat fama recessus.*

*Ant.* verdade constante he o que dissestes, ser o povo quasi sempre semelhante a quem o rege. Estando os Numantinos cercados de Scipiam Aemiliano, vendo o seu exercito differam: *As ovelhas sam as mesmas que dantes, porèm o pastor nam he o mesmo; e por tanto sam mais para temer.* Commum doctrina he dos Philosophos que trataõ da Politica que aquelles convem ser cabeças da Republica que nella sam mais prudentes. A eminencia dos Reys foy introduzida por Deos, pera que com a obediencia de seus vassallos ficasse hum entendimento e vontade de toda a Republica; e sendo o entendimento do que governa cego ou errado, mal pode acertar o povo, besta de muitas cabeças. E basta pera prova disto, constar-nos dos Prophetas ser o mòr castigo, de quantos Deos dà aos povos a cegueira dos  
que



que os regem. Grande indecencia he nam exceder aos outros em prudencia e saber o que os excede no officio, e potencia. O parecer e pensamento dos Principes ha de corresponder à obrigaçam de sua eminencia; e o seu intendimento ha de ser superior aos daquelles cujos sobre roldas sam. Para isto tem mais particulares influencias de Deos, cuja pessoa representam, pera que suas obras e conselhos sejam tanto mais acertados, quanto mais parte lhe cabe dos danos e perdas que de serem errados se seguem, e recrescem. Nam devem os Reys mandar cousas graves em prejuizo de terceiro precipitadamente, se não com muito tento, e acordo; porque ha tam pouca verdade e fidelidade entre os subditos que por pequenos interesses, se levantam grandes falsos testemunhos, e em muitas partes se acham testemunhas que encontram a verdade. David mal informado condenou por tedor a Mephiboseth filho de Jonathan pelo dito de Siba, e o privou da

da fazenda. O qual nenhuma culpa teve em nam sair com David quando fugia de Abfalon, pois era aleijado dos pes, e nam achou quem o levasse às costas. Seja pois o Rey considerado nas obras, livre nas tençoens, prudente no governo, castigue com brandura, e galardoe com liberalidade. Seja temperado na ira, moderado nos accidentes, amado dos seus, temido dos estranhos, solícito por a paz, esforçado em a guerra, justificado nos tributos, tanto que antes pareça, que os vassallos se sustentam do favor do seu Rey, que o Rey do fuor de seus vassallos, pois além de ser bom para si, obrigado he a ser bom para seu povo; e fò para o governar lhe foy dada taõ alta superioridade. Ha de occupar o mais do tempo no governo, emmendando erros alheos, fazendo taes obras que nellas tomem seus vassallos bom exemplo, e dando de mam à malsins, e lisongeiros, que sam a mayor parte dos viciosos que em os paços, e casas dos grandes  
vam

vam dar, como rios em o mar. Faça-se temer com a potencia, e com a liberalidade amar: offereça a Deos seus dezejos, e seus cuidados à sua Republica, o tempo aos negocios, e a fazenda aos que bem servem. Lembre-se que tanto he mais grave o peccado, quanto he mayor o que pecca, ou menor a causa que o move: e que nam basta ser grande e poderoso para poder fugir dos golpes da lingua e pena, e forrar-se dos juizos dos homens, antes isso os aguça, e desperta mais contra elles. O Vulgo palreiro nam perdoa às tachas dos Reys, e dado que no publico por medo calle, quando no secreto se sente seguro, vfa de sua liberdade. Semea pelos ares vozes, e pelas ruas cantares, callando clama, e por sinais fala, com os olhos ameaça, com a lingua e pena fere, e aos claros nomes acha escuros, e infames cognomes.

## C A P. XI.

*Que o Rey ha de ser sabio*

*Ant.* **A** O seu Rey dotou o Padre Eterno de hum verdadeiro, e perfeyto conhecimento de todas as cousas, assi passadas como presentes e futuras. Porque o Rey cujo officio he julgar, dando a cada hum o merecido, e repartindo o premio, e a pena, se elle por si nam conhecer a verdade, traspassara a justiça; visto como as noticias que de seus Reynos tem os Principes per relações e inquiriçoens alheas, mais os cegam muitas vezes, do que os alumiam. Além de os homens per cujos olhos, e ouvidos vem e ouvem os Reys, se enganarem, procuraõ ordinariamente enganalos por seus particulares interesses, e pretençoens. E assi por maravilha entra no paço Real a verdade. Mas o Rey de Deos, porque seu intendimento como clarissimo espelho lhe representa quanto se

se faz , e quanto se cuyda e imagina , nam julga como diz Esaias , nem castiga , nem premia pelo que lhe dizem ao ouvido , nem segundo o que à vista parece ( que ambos estes sentidos podem ser enganados ) nem tem de seus vassallos a opiniam em que os poem seus amigos , mas a que pede a verdade , que elle claramente conhece. Menos mal he saberem os pequenos enganar , que poderem os grandes per via de ignorantes ser enganados. Perder-se ha em breve o mundo , se os Principes nam forem sabios. O Rey que erra nam he digno de perdam , porque o seu erro he à custa de muitos , como o dos Ceos se declinassem de seu ordenado curso. S. Augustinho diz , que a ignorancia de quem tem por officio fazer justiça , mais se deve chamar desaventura , que ignorancia , pois vem a cair sobre a cabeça de muitos , e redunda em calamidade dos innocentes. (1) Mandava Deos que o proprio sacrificio que se offerecia  
pelo

(1) lib. 9. de Civitat.

pelo povo quando peccava por ignorancia, se offerecesse pelo Summo Sacerdote ( que muitos tempos servio de Rey ) quando commetesse algum peccado ignorantemente, (1) mostrando que nos olhos, e juizo de Deos tam grave he a ignorancia da pessoa do Rey sòmente, como a de toda a Republica: porque o que della resulta, e o fim em que para sam geraes infortunios dos subditos. Seja pois o Rey nas satisfaçoens dos serviços e merces que faz prudente e advertido, assi na qualidade dellas, como na quantidade, trabalhe por nam dar materia a scus vassallos para se agravarem do excesso, e desigualdade de humas a outras; e tenha tal prudencia que nam dee mão exemplo na repartiçam dellas. O Imperador Dioclesiano, antes de o fer, sohia dizer naõ aver negocio de maior difficuldade que governar bem. O Ecclesiastico disse (2) *que o Principado do sesudo seria estavel, e o Rey peço daria à costa com todo seu*  
im

(2) Levit. cap. 4. (3) Cap. 10. v. 1. e. 3.

*imperio.* A rezam deve ensinar o Rey, e nam o uzo. Porque a prudencia que se acquire per perigos, e danos he misera e infelice; principalmente a que se nam escarmenta em cabeça alhea. Nam moramos em Asia sobre Paphlagonia entre os Chalibes junto do Thracio Bosphoro, onde os Masinecos fazem os Reys per votos, e os tem em custodia, e tanto que erraõ no governo, ou pronunciaõ contra direito, os affligem com fome, te que perecem, segundo escreve Mela. Deviam os Reys gastar os melhores annos em revolver as leys de seus Reynos e Estados, e dar de mam a Historias e Philosophias, nam avendo tempo pera tudo. ElRey D. Joam III. de Portugal as tinha tam vistas que muitas vezes emendava os despachos de seus Desezembargadores, dizendo às partes que lhes naõ podiam aproveitar, por nam serem conformes à suas Ordenaçoens. Outras vezes respondia aos que lhe pediam o que nam era  
jus-

justo , que lhes não podia fazer a tal merce , porque seria perverter a ordem do Direito. D. Philippe N. S. costumava muitas vezes advertir seus officiaes das faltas que achava nas Provisões que passavam. Este he o ocio que convem aos Principes , e não ler por Clarimundo , ou pela Illiada de Homero que traduzio Laurencio Valla : e gastar o mais do tempo com chucarreiros , ou em musicas , danças , jogos , e caças ( além da honesta recreação ) esquecidos do estudo necessario para o bom governo em grande prejuizo dos negoceantes. O Santo Imperador Theodozio Menor ouvia partes de dia , e philosophava de noite. Excellente philosopho he o Rey que commete os magistrados e cargos publicos a varoens inteiros , e incorruptos , que com summa prudencia escusa guerras nos seus Reynos ; que nam permite os grandes e poderosos fazer violencia aos fracos , e pequenos ; que os insultos , e atrevimentos dos delinquentes castiga , com o mais pouco fangue que po-



pode; que com leys e costumes sanctos estabelece a tranquillidade e sossego da sua Republica. E toda via com ser esta a Philosophia propria dos Principes, deviaõ os seus conselheiros quando nam ouzam reprehender seus vicios, dar-lhe a ler historias graves, e leys que os sabios ordenam das virtudes, onde vissem suas culpas, e conhecessem seus erros. Porque desta maneyra se melhoram mais, que com a reprehensam da boca, e aviso de palavras. Huma das cousas porque Aristoteles definio, que melhor era governar a Republica por boas leys, que por bons homens, foy porque a ley quando poem preceito de virtude, posto que vede os peccados, a ninguem he molesta, nem odiosa, como he o juiz, do qual facilmente se sospeita estar corrupto com odio, ou outro affecto humano. Melhor sofre o Principe a censura da ley, que a nota do reprehensor. E porque ninguem lhe ouza falar verdade, antes tratam todos de lhe comprazer, e o temem descontentar, por tan-

tanto foy necessario à mesa do sacrilego Rey Balthasar na parede fronteira, estando elle bebendo, e prophanando os vasos sanctos, que seu pay trouxera de Hierusalem, apparecer-lhe dedos como de mam, que escrevia a pena que por seus peccados lhe estava aparelhada. Justo he que nos paços dos Principes as paredes falem pois os homens calam, e com huma mam caida do Ceo se lhe mostre a verdade em as leys escriptas, ja que ninguem se atreve, nem ousa notificar-lha com sua boca. Por Rey sabio teinho o que favorece a erudiçam, faz publicas Vniversidades, e orna seus Reynos de ricas livrarias. Isto pôz Plinio entre os principaes louvores de Trajano na sua Panegyris, onde diz: *Quanto estimas os Doutores da sapiencia? Sob teu Imperio respiraraõ os estudos das letras, receberam espiritos, e sangue, e foram restituídos à sua patria; sendo dantes pola barbara crueldade dos tempos passados punidos com degredo.* Que os Principes obrigados  
da

da consciencia de suas maldades , não tanto por odio , quanto por reverencia desterravam as artes inimigas dos vicios , por nam verem nellas suas deformidades. Conforme a isto dignissimo de louvor he ElRey D. Joam o III. , cuja morte nem com lagrymas de sangue serà nunca affaz chorada ; o qual vendo que em seus Reynos nam avia escolas geraes de todas as sciencias , por desterrar o barbarismo delles , criou , e perfeiçou a Universidade de Coimbra , e mandou buscar letrados estrangeiros mui doctos , e insignes em todas as faculdades que fez vir com grandes partidos de Italia , Frandes , França , e Castella à dita Cidade , onde se lem todas as Sciencias assi da sagrada Theologia , como dos sanctos Canones , Leys , Medicina , Philosophia , Artes , e varias Linguas. De maneyra que com seu favor começaram as letras e virtudes a florecer , e foram sempre em crescimento ate estes tempos , e iram com o favor divino per todos os segres. O contrario

rio usam os tyramnos que lanção de sobre seus hombros , e da vista de seus olhos os varoës de letras , e autoridade por nam terem seus vicios testemunhas de tanto credito. Guarde-nos Deos de taes Principes , e provendo-nos de Rey sabio , justo , e pio alegremo-nos , e demof-lhe muitas graças , e peçamos-lhe com muita instancia , que se nam diminua o nosso prazer presente , com o medo do futuro que lhe ha de succeder , e da roda da inconstante fortuna , que nenhuma cousa prospera permite durar muito. Deviaõ os vassallos desejar de morrer em quanto o seu bom Rey vive , porque depois não cho-rem , e se lastimem com a mudança do Reyno , e entrada do novo Rey , que muitas vezes nam imita o seu predecessor , e muy poucas traz hum bom Rey se segue outro equivalente , e muy muytas tras o mão , vem outro peor , e tras o peor , socede outro pessimo , do que Deos nos guarde por quem elle he. E em especial de Rey bellicoso , que por mal do

do seu povo he esforçado. Peçamos-lhe Rey tal, que contra sua vontade tome as armas, e assi ande armado, que sempre tenha seu animo pacifico; e assi se entremeta nas guerras como se forçado viesse a ellas, e tal que não dezeje tanto a vingança como sua gloria, e faude; e nenhuma cousa mais pretenda da guerra que paz honesta. Seja antes Pyrho que entrou por Italia com animo de vencer, que Anibal que nella fez seus assaltos a proposito de a destruir. Paz he o uso e fructo da victoria, e a este sò fim principalmente se devem enprender justissimas guerras.

## C A P. XII.

*Que o Rey seja pacifico, favoreça a virtude, e conheçasse a si mesmo.*

*Ant.* **N** Am tenho por sabios e prudentes os Principes que se presam muito de Cavalleyros; mas quisera-os curiosos

Tom. I. O zos

zos das armas e pouco guerreiros : e que assi guarnecessem seus Reynos de muniçoens para o tempo da guerra , que os regessem em paz florente. S. Augustinho diz : que he proprio de todo homem desejar contentamento , e pelo conseguinte desejar paz , sem a qual nam ha couza que contente. Levantam os Reys guerras a grande custa de suas fazendas , pondo-se a perigo de perder seus Estados , e às vezes suas proprias vidas , e sempre com dano de seus subditos pelo muito sangue que se derrama , e dinheiro que se gasta. O que deve pretender he gozar elle , e os seus de larga , e segura paz ; conformando-se com o filho de Deos , que vindo à terra , e levantando-se contra elle todo mundo , a pobreza , o frio , a fome , o cansasso , o inferno , os demonios , e os homens seus ministros , e a mesma morte , que o deixou morto em hum pão : o que pretendeo de toda esta guerra foy fazer pazes entre Deos e os homens. Eu mais dou graças a Deos porque  
deu

deu ao nosso Rey Catholico sabedoria, e virtudes dignas de seu imperio que polas victorias e triumphos que tem cõ seu favor alcançado. Ja guerras entre Principes Christãos poucas vezes carecem de escrupulos, e algumas estragam a tunica inconsutil de Christo, e nam sò estas, mas quaesquer outras se deviaõ escusar podendo ser sem nosso dano. ElRey D. Joam III. era tam amigo de paz, que movendo-se algumas occasioens pera elle a romper ( como foy a duvida das Ilhas Malucas com o Emperador Carlos V. ) tratou com elle todos os assentos de paz, e concordia, e acabou que sobrestivesse no caso, e nam ouvesse causa de rotura ate se ver melhor, e se determinar cuja era a conquista dellas. Da mesma maneyra o fez movendo-se duvida nas partes de Alemtejo sobre a demarcaçam destes Reynos com os de Castella, e sobre os pastos das terras da contenda e da ferra de Arouche, sobre que eram succedidos muitos insultos, e feitas muitas represarias, e

grandes danos que a seus vassallos eraõ feitos em o mar pelos Pyratas, tratando sempre de conservar a paz entre si, e o dito Rey, e o de Inglaterra quanto lhe foy possível. Pelo que dado que a divisa do Pelicano fosse de ElRey D. Joam o II. nam na desmereceo este Rey, antes mostrou em suas obras ser o proprio Pelicano. Teve outras partes, e inclinaçoens sanctas, e realengas; e respeito nas cousas do governo muito conveniente ao assego, e bom regimento de seu povo. E o que nelle alguns ignorantes julgavam por fraqueza era digno de muito louvor, e claro testemunho do amor que tinha a seus vassallos que sempre conservou em paz. Quando Annibal cobrio os campos Canenses dos corpos de nobres Romanos, dando Magon novas da victoria em Carthago, Hamno illustre Carthaginense aconselhou ao Senado que fizessem paz cos Romanos dizendo o que Silio pôz nos seguintes versos:



*Pax optima rerum,  
Quas homini novisse datum est. Pax una  
triumphis*

*Innumeris potior, pax custodire salutem,  
Et cives aquare potens...*

*Paz he huma das melhores cousas que vieram à noticia dos homens, nam ha triumpho que lhe chegue. He poderosa para conservar a saude, e bem das Republicas, e igualar segundo os meritos de cada hum os cidadãos dellas. Guarde-nos Deos de Reys que trazem por letra de sua divisa: O direyto està nas armas. tomando-as por juizes de suas causas. Donde vem delirarem os Principes muitas vezes, e os povos pagarem suas defordens e delirios com as vidas proprias, e extorfoens de tributos incomportaveis. Sentença he de Homero nam menos verdadeyra que antiga:*

*Quid quid delirant Reges plectuntur  
Achivi.*

Em Tito Livio està em escriptas estas palavras: (1) *Iusta he a guerra aos*  
*que*

(1) Decad. 1. lib. 2.

que ella he necessaria , e pias sam as armas dos que tem justiça , e nam tem outro remedio em que ponham suas esperanças. Por peccados do Povo , e em pena e castigo delles manda Deos Reys opiniozos e belicosos. Helias disse a ElRey Achab : (1) *Tu conturbas Israel e a casa de teu pay.* Sobre tudo affirmo que sam bemaventurados os Reys que para favorecerem os vassallos tem por norte principal a virtude , e para os lançar da privança os vicios. Xenophonte refere que Agifelão Rey de Lacedemonia folgava de ver pobres os que tratavam negocios illicitos , e enriquecia e honrava os virtuosos , porque constasse quanto mais proveitosa era a bondade , que todas as outras artes. Se taes fossem os Principes , mais seria sua çaza templo de Deos que Paço Real ; e viver sob seu Imperio seria excellente liberdade. Estes sam os Reys a que Homero chama *Amymonas* que quer dizer mayores que to-

(1) 3. Reg. cap. 18.

toda reprehensão: nos quaes Moni-  
 us filho da noute e do sono nam acha  
 que reprovar. Imensos louvores se  
 devem a Deos quando daa aos povos  
 taes Principes. Num livro dos Reys  
 está escrito este dito de hum Rey  
 Gentio: (1) *Louvado Deos que deu a*  
*David filho sabio per amor do seu*  
*povo.* Hyraõ Rey de Tyro escreveu  
 a Salomaõ: (2) *Porque Deos amou*  
*o seu povo, te fez Rey sobre elle.*  
 O mesmo lhe disse a Raynha Saba.  
 Servio Israel ao Senhor todo o tem-  
 po que Josue imperou (3). Tanto  
 aproveita o bom Principe para enca-  
 minhar os vassallos, e subditos ao  
 serviço de Deos. É pelo contrario  
 o máo, e desatinado basta pera os  
 contaminar a todos. E porque sam  
 tamanhas as obrigaçoens dos Reys,  
 ouve muitos homens de intendimen-  
 to que recusaram a purpura, e Scep-  
 tro Real, e outros depois de o te-  
 rem aceitado, o renunciaram nam po-  
 dendo co seu pezo. Quinto Curtio  
 cou-

(1) lib. 3. cap. 5. v. 7. (2) 2. Paral. cap.  
 9. (3) Josue. cap. 24.

conta que alguns Sidonios nobres en-  
 jeitaraõ o Reyno, aos quaes disse  
 Ephestion: *Accrescentados se jais em  
 virtude, que primeiro entendestes  
 quanto mayor cousa he desprezar  
 o Reyno, que aceitallo.* (1) Infinito  
 feria profeguir este argumento; do  
 qual disse outras coufas graves e  
 eruditas hum nosso Bispo. (2) Conhe-  
 çaõ-se os Principes, e avise-os aquel-  
 la lembrança que lhe faz Seneca o  
 Tragico:

*Illi mors grauis incumbit  
 Qui notus omnibus  
 Ignotus moritur sibi.*

*Penosa morte espera por aquelle;*  
*que sendo conhecido de todos morre*  
*sem se conhecer a si mesmo.* O Rey  
 ha de conhecer que he homem, cou-  
 fa que raramente na fraqueza de nos-  
 sa humanidade se acha, e ser dotado  
 de tantas perfeiçoens, que nenhum  
 discredito aja em suas obras, e co-  
 ellas se mostre merecedor de possuir  
 a governança de grandes imperios.  
 Felices sam os Principes que fazem  
 jus-

(1) Lib. 4. (2) Osorio De Regis institut.

justiça , que se lembram que sam homens , que sam amigos de paz , que procuram com sua potencia a dilataçam do culto divino , e a fazem ser-va da magestade de Deos , que sam faciles em perdoar , e tardos em se vingar , e amam mais que o da terra aquelle Reyno , onde se nam teme competencia doutro Rey. S. Augustinho fala a este proposito divi-namente aquem remito o Leitor.

## C A P. XIII.

*Quam trabalhoso , e perigoso he o Estado dos que governam.*

*Just.* **O**S peccados do povo muitas vezes , e com muita reza se imputam aos que governam. Os filhos de Israel idolatram , e Aaron foy pela tal culpa reprehendido : *Que te fez este povo pera que tu o deixasses cair em mal tamanho.* (1) Naõ disse Moyfes que fizeste tu , mas que fez elle contra ti , como se fora genero de vingança  
naõ

(1) Exodo. 32. v. 21.

naõ ir o Principe à maõ , nem resistir aos appetites depravados dos que lhe estaõ sobjeitos. O erro do relogio aquem o tempera se atribue , se lhe naõ faltaõ as rodas , pezos , e mais cousas necessarias. Corrupta a cabeça do peixe , todo o corpo se corrompe. Quem quer saber qual he o estado da Republica , veja qual he o Principe cabeça della. Todo o peso do seu Reyno tomou sobre os hombros o Messias. Nam cuidem os Reys que seu Principado lhes daa licença para se entregarem ao descanço , antes os obriga a mōres trabalhos. Polas grandes obrigaçoens , em cargos , e perigos que o governo tras consigo , nam quadra , nem està bem a muitos , e cabe no merito de muy poucos sendo cobiçado de todos. Opiniãõ he de sabios ou faltar o juizo , ou sobejar sandice soberba , e ambiçam aos que se offerecem a tomar cargo de vidas alheas. Claro està que nam sam os homens tam amigos do bem commum que se esqueçam de si mesmos , e fazendo a si da-

no

no procurem o proveito dos outros. Nisto se vee quam grande negocio seja emendar vicios alheos , em serem muy poucos os que emendam os proprios. Clarissimo , e fermosissimo he o nome do Rey ; mas muy duro e difficultoso seu officio se bem o ha de fazer ; e por tanto mais se ha de ter d'elle lastima que enveja. Digo mais que nam cabe em homem vergonhoso desejar , e procurar officio , na serventia do qual para cumprir com todos ha de mostrar o rosto de fora , e hum coraçam no exterior contrario ao interior ; cousa que àquelles sòmente pode ser facil , que tendo de malicia , e fingimento muito , de vergonha e simpleza tem muito pouco , e de consideraçam quasi nada. O que toma à sua conta reger a outros busca cuidados para si , enveja para seus vezinhos , perigo para sua alma , honra , fama , vida , e finalmente occaziam para perder amigos , e cobrar de novo inimigos. Se os que governam caissem nesta conta , sem esperar mais garrochas se

fai-

fairam do corro , e acolheriam às tranqueiras , e palanques mais feguros. Os que vam à praça , e à montaria correr os Touros , porcos monteses , e bestas feras , vem de laa corridos : assi os ambiciosos cuidam que governam , e sam governados , e que tem a muitos debaxo de suas mãos , e elles andam debaxo dos pes de todos , e tudo sofrem , por naõ sei que. Perigoso he tambem o Estado dos Principes , pois haõ de dar conta dos erros que em seus Reynos se fameam , e dos vicios que nelles se introduzem. Ouvindo Herodes falar dos milagres de Christo , teve para si que este Senhor era o grande Baptista que elle avia degolado , e tomou tanta força esta sua opiniam , que se estendeo por diversas partes , e fez cair neste erro a muitos segundo se collige da reposta que os discipulos deram àquella pergunta que lhe fez seu mestre : *Quem dizem os homens ser o filho do homem ?* (1) Tambem he de advertir que corren-

(1) S. Marcos, cap. 6.



'do ja a esta fezaõ o derradeyro anno da pregaçaõ de Christo, e sendo morto o Baptista, e avendo passado dous annos que Christo pregava, e fazia milagres onde reynava Herodes, naõ veyo às orelhas do Rey a fama de seus fermoens e maravilhas, sendo ja espargida naõ sò por Galilea e Judea, e outros lugares propinquos, mas tambem por toda Syria. E o que he mais desejado de ver a Christo, por hum anno inteiro, que andou em Galilea, o naõ vio se naõ em Hierusalem, quando Pilatos lho remitia. (1) Triste he nesta materia a forte dos Reys, e muito para temer seu estado. O que pode aproveitar a suas almas chega a elles tarde, e o que lhes pode danar muito cedo. Foy Jonas pregar aos Ninivitas a destruiçam de sua Cidade, cujos moradores pela pregaçaõ do Propheta fizeram penitencia, vestiraõ-se de sacco desdo mayor ate o menor, jejuaraõ, e fizeraõ jejuar as suas alimarias, e despois de tudo isto diz

(1) Math. 16.

a Escriptura que veio à noticia d'El-Rey , e elle foy o derradeiro a que chegou a nova , porque era para bem feu , e de sua alma. Pelo contrario o que he para mal , a elles chega primeiro. E escassamente tinha entrado Sàra em Egypto , e Judith no exercito de Holóphernes , quando os criados do Rey , e os foldados do General o fiseram saber a seus Senhores , gabando-lhes a fermosura para peccarem com ellas ; e defeito peccaram se a providencia divina nam acodira pela honra de suas servas. Esta he a forte que cabe aos Principes affaz miseravel , e para chorar. Em tanto perigo estam as pessoas poderosas , principalmente os Reys , que nem de si mesmo tem o dar-se à virtude , e deixar os peccados ; nem ha quem se atreva a dar-lhes a mão para que nam cayaõ : antes sendo defacerto ; e illicito o que pretendem , acham mil que digam ser acertado , e que tudo lhes he licito , sem aver hum que lho contradiga. Todos os que os servem daõ em lisonjar , e  
lhes

lhes com prazer. Isto significou a praga das rans de Egypto que contaminaram o Paço d'ElRey Pharão, e sua meza e cama. Rans sam os adu-  
ladores, que na casa, na meza, na cama cantam lisonjas ao Rey. Dese-  
jando ElRey Achab tomar a vinha a Naboth sua propria molher Jesa-  
bel lhe disse coufas com que o veio a effectuar, e deu tal desordem que feu marido ficou com a vinha, e Na-  
both sem ella, e sem vida. Deu El-  
Rey Nabuchodonosor em tamanho desatino que quis ser adorado por Deos em huma estatua; e nam ouve grande, nem valido em sua corte que lhes fosse à mão, antes nam faltaria quem lhes dissesse: *Pois nós os Assirios adoramos a Baal, a Bel, e Beelphegor que sam demonios: e os Gregos adoram a Jupiter adultero, a Saturno homicida e a Venus deshonesta; mais justo he, que pois Vossa Magestade alcançou tantas victorias, sujeitou tantos Reynos, e nos sustenta em paz, e defende de todos nossos inimigos, e he nosso*  
Rey,

*Rey, e Senhor, e Monarcha tam soberano, seja de todos adorado por Deos.* Este voto seguirão os mais do conselho, e se a algum delles pareceo outra cousa, nam ousou de boquejar. Este he hum irremediavel dano em as consultas, e juntas do Conselho Real, que se os Collate-raes, e primeiros votos sam gente defalmada, os outros ou por respeito, ou por vergonha, ou por pusillanimidade se lhes acostaõ, e conchegaõ: donde vem perder-se a causa, e ficar sem remedio o que nella tem justiça, mormente se val, e pode pouco. Bem disse Lampridio na Vida de Severo, que mòr inconveniente he serem mãos os conselheiros, que se-lo o mesmo Rey. Porque huma só pessoa com facilidade se emenda, e muitas com difficuldade. Còstumam pintar os lisonjeiros ao seu Rey todas as cousas com cores, que lhe dem gosto; e daõ ordem que nam faibaõ mais dellas que o que lhe vem bem, e serve a seus intentos. He este hum dos grandes danos, que re-

ce-

cebem os Principes daquelles vassallos , que por nam perderem a sua graça , perdem a de Deos , e cuidaõ que nam tem culpa em o mal que se segue , porque lhes naõ agrada , nem elles aproveitam ; sendo coufa certa , que muitas vezes para com Deos , o nam dizer a verdade he vende-la , e o nam impugnar a falsidade he consenti-la. De mais disto se o Principe quer fazer o que deve , e lhe pertence , nam tem hora de repouso. Deixo as infidias , e enganõs de que se deve sempre temer. Como tem no seu principado o lugar sublime , que o grandissimo Deos tem em todo o mundo , carrega sobre elle o cuydado de governar com prudencia todas suas coufas , e fazer que com verdade se diga , que todos os que estam sob seu governo dormem seguros cos seus olhos. Mormente naõ avendo provincia em que naõ haja tantos escandalos , tantos odios , e bandos que seria melhor viver em a mais aspera , e esquecida soedade , e entre os mais feros

animais , que em qualquer bem governada Cidade entre os homens.

*Ant.* Tudo isto remedeia o bom Principe , que sabe ter os seus povos sob as Leys , e taõ subjeitos que essas perturbaçoens tem nelles pouco lugar.

*Just.* E como se pode acabar isso com huma natureza taõ preversa como he a dos malfeitores , se naõ for com penas gravissimas , e com mortes , e tormentos crueis , que o fazem odiado , e quiçã naõ daõ menos pena a quem os dà , que a quem os soffreu. Nam se pode negar que nos que governam nam sejam mais os cuydados , e enojos , que os prazeres , especialmente se amaõ a faude de seus subditos como convem. Nam valem cem prazeres hum dos seus desgostos. Tem os homens tantos desejos immoderados , e contrarios a seu bem , e proveito , que nam basta a luz da razam , nem a multidaõ das Leys para os arredar e desviar dos vicios com o temordas penas.

*Ant.* Esses sam os roins , e perverfos , mas os bons obrando o que devem per amor da virtude , nem  
tem

tem medo das penas, nem necessidade das Leys.

*Just.* É que tantos foram esses? bem se podem contar sem se replicar muitas vezes o principio do numero, e pelos dedos das mãos.

### C A P. XIII.

*Pagam os Vassallos a pena que seus Reys merecem, os quaes ainda que mãos, devem ser acatados, e suffridos.*

*Ant.* **L**Emos na divina Scriptura que mandando ElRey David a Joab seu general, que posesse, e fezesse lista de todos os varoẽs que avia em o povo de Israel, porque a causa que a isto o move-o foy vangloria (que entre todos os vicios com menos sentimento nos lança em perdição) antes de se acabar a lista, como consta do Paralipomenon, David se arrependeo do que tinha mandado, e Deos lhe

inviou pelo Propheta Gad a dizer , que a culpa lhe perdoava por sua contrição ; mas em castigo e pena della lhe dava a escolher huma de tres coufas , ou sete annos de fome , ou tres mezes de guerra , ou tres dias de peste , que deliberasse qual havia por menos mal. Tomou David tempo para cuidar na resposta , e discorrendo consigo dizia : *Se peço fome pequena parte desta pena me alcançará a mim , que pequei e fui causa de toda ella. Quanto mais que em tempo de fome muitos se avezam a pedir sem necessidade , outros se desavergonham a furtar , fazem-se roubos , e outros graves peccados. Se peço guerra , farse-ão muitas extorsoens e desaforamentos , os meus passaram mal , e eu que tenho a culpa toda me porey no lugar mais seguro. Quero pois pedir peste porque a morte he o menor mal que aos bons pode vir , e em tempo de semelhante trabalho vivem os homens em temor de Deos vendo que a morte lhes bate à porta , e he castigo de que eu nam*  
fi-



*fico exempto , porque igualmente abrange grandes e pequenos. Feito este discurso respondeo David ao Propheta? Em grande confuzam , e angustia me tens posto com tam triste embaxada , mas pois nam posso escapar de algum dos tres males , que poseste em minba escolba , digo que antes seja o da peste ; porque melhor he cair nas maõs de Deos cujas misericordias nam tem conto , cnja indignaçam pela penitencia se aplaca ; que nas maõs dos homens que quando estãm apaixonados , e se sentem afrontados , nam sabem perdoar. Sobreveio logo tanta corrupçaõ no ar que em breve tempo confumio setenta mil homens.*

*Just.* Neste exemplo se deixa ver affaz claro , como às vezes cometendo o Rey a culpa , padecem os Vassallos a pena , que he o que disse o Poeta , e já corre por dito vulgar :

*Quidquid delirant Reges plectuntur  
Achivi.*

*Pagam os povos os desvarios de seus  
Prin-*

*Principes.* Como o Reyno he fazenda do Rey , nelle o castiga Deos. Entendam daqui os povos quanto lhes vay em ser o seu Rey Catholico , servo de Deos ; e quanta necessidade tem de supplicar à divina Magestade , o tenha de sua maõ , pois tanto depende delle o seu bem , e o seu mal : e entendam tambem daqui os Reys que devem aver por suas as offensas que se fazem aos de seu povo , pois he fazenda sua. Na hora de sua morte disse David a seu filho Salamam : *Bem sabes o que me fez Joab , que matou dous Principes do exercito de Israel que andavam em meu serviço.* Nam disse o que fez a Abner e seu irmaõ , mas o que me fez a mim , mostrando que mais fora elle offendido , que os proprios que foram mortos. Como seja officio do Rey guardar sua Republica , e fazer a todos justiça , à sua conta ficam os males que os particulares padecem. Houve tambem no tempo de David grande fome , e geral esterilidade no Reyno de Israel , que

du-

durou por espasso de tres annos , e revelando-lhe a causa , disse que vinha aquelle affoute por hum peccado que feu antecessor havia cometido , negando aos Gabaonitas com perda de suas vidas certo seguro que lhes tinha dado : visto isto mandou-os David chamar , e perguntou-lhes com que se satisfariam ; responderam : *que nam queriam prata nem ouro , se não que pois Saul matara muitos dos seus naturaes , morressem tambem alguns da sua linhagem , com a morte dos quaes perdoariam a offensa , e se averiam por desagravados , e que nisto pediam justiça ; porque era justo fazer-se todo o possivel para que nam ficasse na terra geraçam de tam mão homem , como fora Saul que tanto mal lhes fizera.* Entendido por David que era vontade de Deos comprir-se o que pediam os Gabaonitas , tomou dous filhos de Saul nacidos de Respha sua concubina , e cinco netos do mesino Saul filhos de Micol sua filha mais velha , e mandou-os pôr em  
em

em sete cruces , onde pereceram todos sete , e com isto se applicou Deos e enviou agua à terra com que cessou a fome. (1) Muitos annos aviaõ passado depois que Saul fora cruel com os Gabaonitas , e já Saul era morto , e tinha o Reyno perdido , e Deos nam estava inda applicado , nem se applicou te que seus filhos , e netos foram crucificados. Neste mesmo exemplo vemos como Deos castiga todo hum Reyno por culpa do seu Rey. Saul peccou , e todo Ísrael pagou o seu peccado , e tambem seus filhos , e netos o pagaram. *Do peccado commetido* , diz o Sabio (2) , *naõ perca ninguem o medo , porque inda que o castigo se dilate , em final elle hade vir.* A ira divina he muy vagaroza em acodir com a vingança , mas recompensa o vagar com a grandeza da pena. E toda via os Doutores Hebreos apontam huma couza que deve servir de aviso para dos Vassallos naõ ser o mão Rey defacatado , e he que sendo

Saul

(1) 2. Reg. cap. 21. (2) Eccles. cap. 6.

Saul tam máo Rey , e tendo tanto odio , e enveja a David , tratando de lhe tirar a vida , e andando-lhe negociando tantas vezes a morte , toda via pelo defacato que David avia feito a Saul sendo seu Rey , quando lhe cortou a borda do vestido em a cova onde Saul entrou , e David estava escondido , mereceo David em pena deste atrevimento e descortesia ; que na velhice os seus vestidos por quentes que fossem o nam aquentafsem. Aos Reys , nem na roupa he licito toca-los , devefe-lhes serviço , obediencia , amor , e reverencia. Nem porque nelles aja algumas faltas segundo o parecer de todos , tem os Vassallos licença para lhe tomar aborrecimento , nem para murmurar , e os defacatar , inda que por elles sejam carregados de peitas , e tributos , que he a materia ordinaria de seus queixumes. Desfazer nos superiores , he cortar-lhes as roupas. Quando as cabeças fazem o que nam devem a Deos se ha de deixar o castigo , nem ha para que os inferiores tra-

tem

tem delle, se nam querem que lhes venha o feu do Ceo. Com rogos se ha de procurar a equidade, e misericordia dos Principes: e caso que nam baste sendo o agravo manifesto, remetamo-lo à Deos a quem haõ de dar estreita conta. E se devemos falar verdade, muitas vezes nam ha mais culpa nos superiores, que quanta os agravados lhe querem dar. Amem os Vassallos seus Reys, sejaõ-lhes leaes, e sofram-se em seus desgostos. Couza em que os nossos Portuguezes se aventajaram sempre a todas as outras naçoens, entre as quaes naõ ha alguma, em que se nam ache aver interrupçoens de successores legitimos privados de seus Reais patrimonios, e da Coroa de seus Reynos hora com alguma cauza, hora sem ella, e sempre sem a bastante; inda que com tirar a vida de hum màõ se acrecente a de muitos bons, pois nam he licito fazer males para que nos venham bens. Porèm em Portugal nam ouve Rey antigo, nem moderno que fora de  
ba-

batalha morresse de morte violenta, nem Vassallo que contra seu Rey se levantasse a fim de o privar do Reyno, como lemos de muitos Principes, e Senhores Gregos, e Latinos levantados dos seus a grandes honras, e dignidades para dellas os derribarem, e abaterem com mores afrontas. De certa naçam da India se lee, que teve em tanta veneraçam os seus Reys, que mais parecia adora-los como Deoses, que reverencia-los como a Senhores: porque bastava mandarem dizer a qualquer Vassallo seu que tinhaõ pouco gosto de sua vida, para elle se matar à propria hora, tendo por crime nefando viver contra a vontade do Rey, que elles tinham por sagrado. Nam se ha de criar nos Reynos o leam, e se se criar ha se de affagar. Antigo refraõ he: *Come o que creaste.* Todo o poder he de Deos ou para exercicio dos bons, ou para pena dos màos. Quanto mais que se o Rey he tyranno, quiçà com a obediencia dos seus se amanfarà, que  
nam

nam ha condiçam taõ terrivel que vendo-se obedecida e sofrida naõ se abrande. A impaciencia naõ diminue o que nos he molesto, antes o augmenta. E deve bastar executar-se per via do Rey o justo juyzo de Deos, inda que seja com injustas, e peccadoras mãõs, como se soe executar a justa sentença do juiz pio per meio de hum ministro tyramno. Em o primeyro livro dos Reys se le que chamou David na Scriptura filhos de Belial aos Israelitas que menosprezaram seu Rey Saul, e lhe negaram a cortezia, e vassallagem à sua Real pessoa divida.

### C A P. XV.

*Quam necessario he ao Rey  
aconselhar-se com Deos.*

*Ant.* **A** Prudencia humana falta em muitas causas especialmente nas particulares. Donde he que se os Reys se governarem por ella sòmente passaraõ muitos pe-  
ri-



rigos , e nam acertaraõ em suas em-  
presas. Sam nossos discursos muy cur-  
tos , e nossos juizos muy incertos ,  
e por tanto se nam queremos errar  
nesta vida chea de trevas e enganõs ,  
convem nam nos fiarmos de nossa  
prudencia , se nam consultar a Deos  
que nos alumie em todos os nego-  
cios , e casos urgentes. Que para  
acertar-mos nam ha outro caminho  
que certo seja , se naõ aconselhar-nos  
com elle , e pedir-lhe que seja a  
guia de nossa razaõ. O Sabio diz :

(1) *Poem todo teu coraçam , e con-  
fiança em o Senbor , nam estribes em  
tua prudencia , em todas tuas vias  
e empresas recorre a elle que orde-  
ne teus passos , e te encaminhe. Naõ  
te tenhas por sabio nem te estes em  
o teu saber.* Antiguamente em os

negocios arduos se se avia de ele-  
ger Rey , ou Governador , ou fazer  
guerra , nunca os filhos de Israel a  
faziam sem se aconselhar primeiro com  
Deos. (1) O mesmo guardavam pes-  
soas particulares em negocios de im-

por-

(1) Prov' 3. v. 5. (2) Judic. cap. 2.

portancia , consultavaõ primeyro a Deos , ou por si mesmo , ou tomando por terceiro algum Propheta , como està escripto de David. (1) O mesmo Deos he agora que entam , e tam bom como dantes , e nõs com a mesma necessidade de acertar o caminho de nossa salvaçam , mormente os Principes , aos quaes sobrevem cada dia negocios perplexos , e muito importantes : grande descuydo serà logo nam fazer-mos nõs , e elles o que fizeram os Padres do velho Testamento. Palavra e penhor certo temos , que recorrendo a Deos com fe , e verdade do coraçam nos responderà. Em Salamam se està vendo em que para a sapiencia , e prudencia do mundo desempurada da luz , e conselho de Deos ; o qual chegou a tanta cegueira de entendimento , causada de mãs affeçoens , que como esquecido do verdadeyro Deos , que o fizera mais sabio que todos os de seu tempo , se postrou aos pès dos idolos de suas molheres , e lhe edi-  
fi-

(1) 1. Reg. cap. 23.

ficou templos , levantou altares , e offerenceo incenso , adorando tantos idolos e Demonios , quantas molheres idolatras tinha em sua caza , e o peor he , que sendo avisado por Deos não se guardou de taõ infana e sacrilega impiedade : cousa que deve assombrar os Reys por mais sabios , e prudentes que sejam , e obriga-los a que tratem com Deos muy familiarmente , e se nam deixem cegar de suas affeicoens , nem chegar a estado em que Deos os desempare. *Cousa horrenda he* , diz o Papa Adriano , *ajuntar culpas a culpas , porque incerto he por qual dellas abrirà Deos maõ do peccador.* Necessario he ao Rey em todas suas couzas encomendar-se a Deos , e a seus sanctos muy entranhavelmente , e pedir-lhe que o alumie no mais certo , e seguio para à consciencia. A oraçam com rependimento de peccados , ha de ser o primeyro fundamento de todas suas consultas ; porque se os peccados se atravessarem , e meterem per meio , por ventura permitirà Deos em

em castigo delles , que nam aja quem lhes falle verdade nem elles a entendam. Terrivel dezengano he aquelle do Propheta : (1) *O que estando nas immundicias de suas culpas vier perguntar algum Propheta o que lhe parece segundo Deos , achará a resposta que merecem seus peccados , e errará o que lhe responder , e nam permitirei que o desengane em pena de sua maldade.* Entre outros males a que os Hebreos estavaõ entregues quando Christo lhes pregava , e ja muito antes , era hum , que buscavaõ Prophetas falsos , homens lisonjeiros , letrados cobicçosos , os quaes por interesses particulares lhes aprovassem as coufas illicitas , e obras perversas que faziam. O que avia indignado tanto a Deos que fazia grandes ameaças assi aos que se aconselhavam com pessoas semelhantes , e lhes pediam seu parecer , como àquelles que lho davam. Falando huma vez cos maõs conselheiros lhes dizia pelo Propheta Eze-

(1) Ezech. cap. 14. v. 4.

Ezequiel : (1) *Ay dos que poem almofadas, e travesseiros debaixo dos cotovelos, e cabeças dos homens para os enganarem a elles, e aproveitarem a si, para lhes cassarem as almas, e darem a si mesmos vida.* Se vos encoltaes sobre o cotovello sem ter huma almofada debaixo, ou sem ella reclinaes a cabeça, dormis muito mal, e com ella muito bem: assi os mãos conselheiros aos que vivem inquietos, e andam per mãos caminhos, com seus pareceres, inda que falsos fazem que se aquietem, e em o estado de lya perdiçam durmam a seu prazer, e desta maneira enredando as almas recebem vida, isto he o interesse com que passam a vida. A estes ameaça Deos com aquelle *hay* que denota condemnaçam eterna. E aos que para melhorar seus negocios buscaõ semelhantes conselheiros, se queremos saber o que lhes succederà, ouçamos o que Deos diz pelo mesmo Propheta: (2) *Quando*

Tom. I. Q *er-*

(1) Ezech. cap. 13. v. 18. (2) Ezech. cap. 14. v. 9.

*errar o Propheta aconselhando mal ao que deseja, e pretende ser mal aconselhado, eu ( diz Deos ) permitirei que o tal Propheta se engane, cegue, e aconselhe mal, e lhes diga que sam licitos seus mãos tratos. Castigo terrivel e final de estar Deos delles muy enojado. Naõ tinha Deos mandado que se aborrecessem os inimigos, e toda via consta de S. Matheus que os scribas o tinham introduzido como couza licita e preceito Divino. (1) E permitio Deos que nisto se cegassem os letrados por agradar ao povo, que neste particular desejava ser enganado. Naõ sabiaõ os Judeos perdoar a quem huma vez os offendia, e por tanto desejavaõ que lhes fosse licito ter odio a seus inimigos; o que vendo Deos permitio que ouvesse quem lho aconselhasse e prègasse. Os peccados escureffem nosso entendimento, e por sua cauza famosos Doutores, e zelosos conselheiros dos Principes, nam merecem dizer nem entender a verdade do*  
que

(1) S. Math. cap. 5. v. 43.

que lhes perguntam. E mal pode o Rey ter noticia mais inteira e certa de tudo o que passa em seu Reyno, que a que lhe dà a lingoa conselheira, que convem ser de boa consciencia, e amor sincero dotada, e que nella nam ande a ambiçam encuberta.

## C A P. XVI.

*De que Conselheiros se ha de ajudar o Rey.*

*Just.* **G**Rande infelicidade he a dos Reys, que se nam fervem de ministros pios e officiaes virtuosos, mas de homens astutos que com suas sagacidades, e ardilezas tomaõ a porta aos que lhe haõ de tratar mais verdade, e de Vassallos mal costumados que por mais que zelem seu serviço, e de sejem de acertar no que lhe aconselhaõ; toda via cegos de suas culpas erraõ a barreira, e a fazem errar a quem se governa por elles. Por onde parece que se he temeridade me-

dir o Rey por seu juizo o que he justo, ou injusto, devido ou indevido, licito ou illicito, sem conselho dos doutos; nam carece tambem della confiar no parecer delles sem consultar a Deos e a propria consciencia com oraçaõ e verdadeyra contriçaõ. No mesmo dia em que Saul consultou a Phyttonissa, como se contem no primeiro livro dos Reys, (1) morreo em a guerra. Os que consultam o mundo e seguem os conselhos daquelles, que elle tem por grandes conselheiros, não ajaõ que estam seguros. Se não ouvera tantos Achitopheis, não se perderaõ tantos Abfaloens. Quem não terà por suspeitos os conselhos dos mãos inda que sejam muy perspicaces, vendo que aconselham mal a si mesmo? E quem com razam nam fará mais caso do parecer dos varoens justos e amigos de Deos inda que sejaõ simples? Antes poucas letras com boa consciencia que muitas sem temor de Deos. O Ecclesiastico diz: (2)

*que*

(1) Cap. 28. (2) Cap. 37. v. 18.



*que melhor aconselha e melhor ve às vezes hum sancto, que sete atalaias postas em altos outeiros donde se descobre muita terra.* Convem logo que consultemos o Padre dos lumes, e a lux verdadeyra, e que com frequentes preces e continuas rogativas lhe roguemos que dirija nossos intentos, ordene nossas pretençoens, e actos, e nos mostre o mais certo em nossos negocios, pois taõ cegos sam os intendimentos humanos, e taõ fracos seus discursos, tam rudos seus ingenhos, e tam incertas nossas providencias. Que cousa ha entre as particulares de que cada dia deliberamos taõ firme, que de todo nos se-gure, tam certa que nos succeda sempre à vontade? Que certeza podem ter os acordos, e determinaçõens dos Principes, cujos felices successos muitas vezes pendem de casos fortuitos? *Grande he a afflicçam do homem, diz Salamaõ (1), pois naõ tem noticia das cousas passadas, e das vindouras nam tem certo messageiro.*

Ne-

(1) Eccles. cap. 3. 10.

Nenhum outro remedio tem as trevas de nossa ignorancia, se não o que apontou ElRey Josaphat, o qual falando com Deos dizia (1) *Quando ignoramos o que havemos de fazer, o remedio que nos resta he dirigir a vòs nossos olhos.* São taõ duvidosos os conselhos humanos, que Josue sendo merecedor que o sol estivesse quedo a seu requerimento, errou gravemente em admitir os Gabaonitas à companhia dos filhos de Israel porque se nam aconselhou primeyro com Deos. (2) *Ay de vòs ingratos e desleaes, que vos não aconselhaes comigo* dizia Deos aos Principes de Israel. Deste descuido nasce aos Reys succederem-lhe suas cousas de muy diferentes modos do que cuidam, e ficarem tam vans e enganadas suas esperanças que, pela paz que imaginam lhe vem guerra, pelo ganho perda, pelo proveito dano; e da semente que esperam fer de alegria e contentamento colherem fructo de lagrimas e tristeza.

Nam

(1) 2. Par. 20. (2) Josue, cap. 6.

Nam queremos fazer o Senhor participante de nossos acordos , e queremos contra suas leys interessar o que nam he licito , fazendo nosso estribo na maldade , e por isso desfertamos. Os filhos de Jacob tomados de enveja venderão o innocente Joseph seu irmão a fim de lhe fazer perder a esperança do Principado que seus sonhos lhe prometiaõ : e pelo mesmo caso lhe deram occasiam pera ser Senhor de toda a terra de Egypto , e lhe levantaraõ com suas mãos o throno que lhe enveja-vaõ. Cuydou Pharaõ que com mandar lançar no Nilo os meninos rezem nados dos filhos de Israel , os teria sempre oprimidos com sua tyrannia : mas ganhou com esta diabolica prudencia ver assolado todo seu Reyno , amortalhados os morgados delle , os Hebreos postos em liberdade , e ricos cos despojos de seus Vassallos , e os seus somergidos nas agoas em que pretenderaõ affogar as crianças innocentes dos Hebreos. Daõ com tudo a travez conselhos humanos , que

nam

nam sam conformes aos decretos divinos , e procedem de animos depravados e apassionados. Para se aconselhar o homem e tomar de si , ou doutro bom conselho he necessario ter o juizo da propria vontade livre e insento de perturbaçoens. Nam se pode esperar bom successo do parecer e juizo que primeiro he recebido da vontade que do intendimento. E se o mundo està cheo de mãos conselhos , erros , e injustiças , a causa he porque nos deixamos cegar dos vicios ; e porque os letrados com quem nos aconselhamos tem indifferentemente abertas as portas a qualquer litigio , largas as mãos a toda a peita , e os coraçãoes entregues a perversas inclinaçoens , segundo as quaes sam os seus conselhos. Peça-mos a Deos com David (1) que descredite os conselhos dos impios , e perversos de modo que ninguem os aprove.

*Just.* Tambem nos mete em casa nossa perdiçam o conselho de homens

(1) Psalm. 11.

mens que nam tem peito para sentir, nem boca para falar; os quaes deveram ser lançados no deserto com os animais, e não perguntados nem ouvidos seus votos. He verdade que às vezes falam nescio a proposito, como disse Aeschyllo, mas sam casos raros e de ventura. Socrates conhecia os homens pela fala, e poucas vezes se enganava nesta conta. Toda a imagem da vida, toda a virtude do animo se representa como em hum espelho na pratica do homem, e nelle se conhece per huns rastos secretos até o intimo do coração. E todavia sam alguns destes ouvidos porque ache a desaventura caminho feito para chegar a nós. Mas ja que se ouvem bons, e mãos, doctos, e indoctos, prudentes, e imprudentes, parece abuso no remate seguir-se o parecer dos mais. Plato disse (1) que em determinar negocios, mais se deve de olhar o peso dos votos, que o numero delles. Plinio nas Epistolas se queixou, porque se numeravam  
as

(1) Lib. 1. Legum.

as Sentenças, e nam se ponderavam.

## C A P. XVII.

*Das partes e consideraçoens que se  
requerem em os que consultam,  
e sam consultados.*

*Ant.* **A** Quelle he o primeyro  
varaõ que tem conse-  
lho no que ha de fazer: e aquelle  
he o segundo que obedece a quem  
melhor o aconselha: e o que carece  
destas partes ambas naõ merece ter  
nome, nem lugar entre os homens.  
Suposto isto goardem-se os grandes  
de convocar junta de varoens graves,  
e perguntar nella cousas ridiculas:  
como se conta de Appion, que cha-  
mando a Homero, e fazendo-o vir  
do inferno, nam lhe perguntou, nem  
quis delle saber mais que cujo fi-  
lho era, ou quem eram seus pays.  
Ponham tambem grande cuydado na  
eleiçaõ dos conselheiros, fazendo  
muito exame em sua vida e costumes.  
Se los aquelles acertam que fazem suas

couzas com bom conselho, e se se inquirẽm bons pilotos para governar navios; porque se nam farà diligencia em buscar conselheyros que saibam reger bem nossos animos, e dirigir nossos intentos? e he de advertir que nam ha mister menos prudencia para escolher o conselheiro que para saber dar o conselho. *Sejaõ todos teus amigos*, diz a divina Escripura, (1) *mas hum de mil seja teu conselheiro*. Zeuzes pintor querendo fazer hum fermoso retrato da Deosa Juno, de todas as donzellas Aggrigentinas escolheo cinco samente as mais fermosas cuja fermosura expressou com seu pincel? assi de muitos se haõ de escolher poucos cuja instruçaõ siguamos, e cujo conselho tomemos. Ninguem busca a boa fonte em o lodo, nem a agoa clara em a que està envolta, nem tem por util a outro, o que he inutil para si; nem deve reconhecer por superior no conselho, o que lhe he inferior nos costumes. Melhor

CO N-

(1) Eccl. cap. 6. v. 6.

convem que seja o que dà o conselho, que quem o pede.

*Just.* Soberba Luciferina he nam se quererem os homens aconselhar, e concedendo facilmente huns aos outros a ventajem em muitas cousas, negarem-lha em esta. O diamante nam perde nada do seu valor por estar engastado em fino ouro, antes fica de mayor preço, e estima: assi a prudencia do que governa não se abate nem avilta por se ajudar do conselho dos sabios, e seguir a opiniam dos prudentes, antes se faz mais illustre e excellente. Mas como he indecente engastar-se huma pedra precioza em o ferro, e metal baixo; assi não quadra tomar o conselho de gente de baixos espiritos, e entregue a seus respeitos. Por tanto Roboão filho de Salomaão perdeu dez Reynos de seu Imperio, porque despresado o conselho dos velhos fezudos, seguiu o dos mancebos doudos. Sentença he digna de hum grande Philosopho que as Cidades melhores do mundo são as que tem os muros  
de



de pedras negras, e os governadores de cabeças brancas. No que pede conselho ha de aver diligencia, e no que o dà madureza para considerar o caso, sciencia e prudencia para o rezolver. Plato escrevendo a Orgias lhe dizia: *Pedefme conselho, e das-me pressa que te responda, cousa que tu te atreves pedir, mas eu a nam ouzo fazer: porque muito mais estudo para aconselhar meus amigos, que para ler na Academia aos Philosophos.* Officio he o aconselhar que muitos fazem, e poucos sabem fazer. O que ha de dar conselho, convem que seja sefudo, considerado, de bom intendmento, sabio, muito visto, e taõ Senhor de suas payxoens que nenhuma dellas possa emnevoar seu juizo. E porque naõ ouvesse falta nas Republicas de homens tam qualificados, proveo Deos que os Reys, ministros seus principaes em a terra, se parecessem com elle em alguma maneira, na escolha dos homens de que se servem; e que como elle bafsejando deu espiri-

to

to a hum pouco de barro , e o fez homem ; assi o bafso do Rey tevesse virtude para dar espirito , ser , e animo a quem o nam tem , achando nelle disposiçam para o receber. E se as obras excellentes dos ministros redundam em autoridade , e honra do Rey , que os meteo em sua casa , he porque denotaõ o singular modo de que uzou em os fazer tais , e a prudencia e saber que teve em os eleger. Dai-me hum Rey prudente , e eu volo darei rodeado de Catoens , Fabricios , Scipioens , Ciceroens , Senecas , e Platoens , e sobre tudo acreditado em todo o mundo. Porque como as gentes nam possam conversar familiarmente os Reys , se-guesse disto em tal conta serem tidos dos povos naturaes , e estranhos , quaes sam os Vassallos de que se servem e acompanham. Certo he que os na natureza e inclinaçãõ differentes se nam podem conversar estreitamente por muito tempo. Da conversaçãõ de mancebos loucos se gerou o discredito que no povo de Is-

rael teve Roboaõ seu Rey. Ha peixe que do anzolo pela linha traõ pafsa o seu veneno à mão do que o pesca : assi danaõ os mãos com tacto de seus costumes aos bons. Muitas mais vezes nasce a condiçam dos Principes da dos seus Vassallos , que de sua natureza propria ; e ha cousas que pendem mais do credito e reputaçãõ , que da potencia e possibilidade do Rey , como he a guerra e o governo. Avendo differentes pareceres em Babylonia sobre a succesam do Imperio de Alexandre Magno , ouve muitos dos abalisados de seu conselho a que pareceo que se podia escusar elegerem Rey ; porque bastava porem-se na cadeyra de Alexandre os seus vestidos , a sua Coroa , e Septro para co a vista delles se governarem mores Estados dos que de Alexandre ficaram. Por credito se governa o Mundo ; e faltando este nam avera nelle gofsto , nem vida. Por tanto desviem os Reys de suas conversaçõens e conselhos tençoens zelosas de mal , inclinaçoens dadas

a seus respeitos; porque inda que as suas sejam as que devem, nam feram avidas por taes, e poder-se-aõ perverter. Bem comparado he o Rey co relojõ, porque assi pende a seu acerto ou defacerto das pessoas de seu conselho, como o concerto ou destempero do relojõ pende das rodas, e pesos de que se ajuda. E como estes chegando ao chamõ o nam deixaõ fazer seu officio, assi elles fixando os olhos na terra ( isto he sendo avaros, e cativos de seu interesse ) o faram muitas vezes errar. Digo mais que tam honrado fica aquelle que sabe pedir o conselho, como aquelle que o sabe dar. E provo isto, porque igual he a honra do que bem pergunta, e a do que bem responde. Que nam he obrigado o que argumenta a sustentar e defender o que entende provar, mas basta-lhe duvidar, e arguir bem. Nam sò o que bem responde, mas tambem o que com agudeza, e modestia disputa e recebe a resposta, he digno de louvor. Assi nam he menos de louvar

O que elege bom conselheiro , e toma delle o melhor conselho que aquelle que o bem aconselha. Seja tambem advertido o Principe quando em alguma cousa duvida , que para vencer a ignorancia das cousas que tocaõ ao direyto divino , naõ basta consultar hum homem docto , mas he necessario communica-las com muitos , se sam de grande momento , e nelas nam concordaõ todos. Nem basta aceitar o conselho dos mais , porque se corre fama publica que sam de mã consciencia naõ se deve receber. Ninguem ha de presumir que os maos e desalmados aconselhem melhor os outros , do que aconselhaõ a si. Ninguem busca a fonte em lodo , nem pode beber a agoa turba , nem julga por util em a causa alhea , o que vè inutil em a sua , nem reconhece por superior no conselho o que conhece ser-lhe inferior nos costumes. Nam he idoneo para dar conselho a outro quem naõ o toma para si , nem he melhor que quem lho pede. Inda digo que quando al-

alguns Varoens doctos , e de boa consciencia concordam em hum parecer nam se deve ter logo por seguro , se consta que sam de opiniam contraria outros pios , posto que sejam mais poucos. Mas se acontecer que Doutores iguaes em numero , sapiencia , e bondade tem entre si contrarias sentenças , e he necessario seguir huma dellas , deve-se receber a que for mais segura ! e nam sendo necessario seguir alguma das taes opinioens , em tal caso mais seguro ferà abster de ambas. Alèm disto se a duvida ou ignorancia he em cousas que sam de direito divino para fair della nam basta o conselho de homens doctos , mas somos obrigados recorrer à oraçam devota , e com penitencia , e dor fervente dos peccados nos preparar para que Deos per si , ou pelos Doutores que consultamos nos revele o que mais convem que façamos , e nos ponha no numero daquelles de quem diz David : (1) *Bemaventurado aquelle que vos*

(1) Ps. 93.

*vos ensinaes Senhor, e instruis no intendmento da vossa Ley.* Por mais que sejamos bons e justos, e tratemos com Deos, nam podemos acertar com a boa expediçam dos negocios do mundo, se do mesmo Deos a nam impetramos.

## C A P. XVIII.

*Da mesma materia.*

*Ant.* **G**Entios ouve que se conformaram com essa Theologia muito melhor que alguns dos que se tem por muy estirados Christaõs. Amphiaraõ interprete de sonhos e insigne divinhador em Grecia, naõ dava reposta, se os que o vinhaõ consultar naõ se abstinhaõ primeiro tres dias do vinho, e ao terceiro naõ haviaõ de comer nem beber, a fim de estarem melhor dispostos, e mais promptos para entender as repostas, e resoluçoens de suas duvidas. E se para segurança do que pede conselho he necessario conside-

rar todas as particularidades sobre ditas, e que das opinioens provaveis escolha aquella que elle julga fer mais verdadeyra, e segura para se excusar de peccado, cuido que estaõ muy mal aviados, e vam mal encaminhados os que consultam diversos letrados com animo de se satisfazerem com a primeyra reposta de seu gosto, inda que outros de muitas letras e autoridade a contrariem. Mas hay que vemos fer esta a via trilhada e estrada Real da mayor parte do mundo. Exemplo temos em ElRey Achab, que se perdeu com dar credito a muitos Prophetas enganosos, e o negar a hum verdadeyro, porque buscava sòmente reposta de seu favor. Deraõ atravez com todo o Imperio Judaico os Pontifices e Governadores de Hierusalèm pelo mesmo caso, queriaõ segundo diz Chryfostomo o grande Baptista por seu Messias; e por tanto lhe naõ creraõ quando apontando em Christo lhes mostrou o Redemptor; e avendo de ter o seu testemunho por verdadeyro,



ro, se testemunhara em cauza propria, e dissera que elle era o Messias a elles prometido, ouveraõ-no por suspeito, e falso, quando o deu em causa alhea, porque queriam Messias da sua vontade. Naõ recorerã a Deos, nem seguiraõ em sua consulta a parte mais saã, mas conformaraõ-se com os mais, e naõ cos melhores votos e de melhor consciencia, cousa que muitas vezes desordena ordens, e faz desfatar conselhos. Deve avisar os conselheiros da pouca confiança que em todos os Principes da terra podem e devem ter aquelle verso de David: (1) *Nolite confidere in Principibus*. Naõ faças tanto cabedal de vossas valias que por lisonjar os grandes deixeis de lhe falar verdade, pois por derradeyro sam mortaes como os outros filhos dos homens, que se murchaõ como o feno, e nem a si, nem aos outros podem salvar. Tambem se lhe ha de arrancar a alma das carnes, e resolver o corpo em pò; e quando

if-

(1) Pf. 143.

isto for: *Peribunt cogitationes eorum.* Cairão as esperanças, e amainarão as velas dos pensamentos, assi seus como dos validos que no masto de sua privança tinhaõ arvoradas. Tem o mundo por felices os que valem com seu Rey, e lhe sam muito aceitos, porèm ElRey David os està desfenganando quando diz: (1) *Bemaventurado o povo que tem por especial valedor o Senhor do Universo.* Naõ se tenha a privança por tamanho bem, pois pende da incerteza da vida humana, da inconstancia da fortuna, e mudança da vontade dos Reys. Entenda-se que o lugar da valia com os grandes he muy corredio, he hum precipicio, huma penha, e barranco donde facilmente se lhe vaõ e refvalaõ os pes aos validos, e daõ configo em baixos de grandes desaventuras. Quanto mais que os Reys saõ subjeitos aos tempos, accidentes, casos, e desvairados juizos, mais que os outros homens: e às vezes saõ induzidos a suspeitar, mores males dos

(1) Pf. 143.

dos bons , que dos mãos.

*Just.* Sabida he a paga que hum Emperador Romano deu a Coroliano seu fiel Vassallo e venturoso Capitão , por seu valor proprio , e enveja alhea o trazer em falsa suspeita da ambição do Imperio. Lancemos as orelhas por diante , ponhamos a Deos diante dos olhos ao qual devemos pretender contentar antes que aos homens ; e não se mova nenhum por promessas e interesses , que aos que governaõ se costumaõ offerecer , que tudo acaba com a vida. E cousas mal adquiridas não passaõ a terceira geração , e trazem consigo vituperio , e infamia perpetua , de que sempre nossos antepassados fugiraõ , e porisso alcançaraõ honras dignas de memoria.

*Ant.* Quanto sam melhor pagos os que servem a seu Deos e trataõ de o ter contente e satisfeyto , inda que os Reys da terra lhes trombejem. Aos quaes ordinario he succederem outros que desfavorecem os que elles aviaõ favorecido. Não se tenhaõ os

Vaf-

Vassallos por seguros , quando o ar da privança lhes for favoravel , porque dura pouco sua bonança : fazião colher as vellas , e recolherse a bom porto : cream-me , e não tenham na navegação do mar deste mundo outro norte se não a Ley de Deos , e sua sancta vontade ; nem se conformem co as dos Reys da terra quando della discrepão. Os que não sam conhecidos dos Principes , nam sam delles aborrecidos , e estaõ longe do perigo de sua desprivança. Nam se infunem os validos , por serem delles amados , e lembre-lhes que peor he para as aves o meigo canto do Caçador que às convida , que o estrondo do Lavrador que as espanta. Sejano celebrado por todo mundo que foy eleito em Consul por cinco annos com Tiberio , que sobio a amplissimas dignidades , administraçoens , e cargos gravissimos , que estando Tiberio absente recreando-se na Infula Caprea , se teve a si mesmo por Emperador , a Tiberio por hum Reytor daquella Infula , e chegou a  
fer

fer tam estimado, que se lhe faziaõ sacrificios como a cada qual dos Deoses: e ao seu nome, estar escrito pelo Senado como o de Tyberio em letras publicas, e como Imperador veio a ser levado ao theatro em carro de ouro. Este mesmo homem tam valido e soberano, e favorecido da fortuna, convocado o Senado para nelle se ler huma carta do Imperador, em que se dizia vulgarmente vir-lhe conferido o poder de Tribuno, e da qual elle esperava, e se prometia mor honra e contentamento, a vio e ouvio em presença de todos a seus altos pensamentos, opiniaõ, e esperanza totalmente contraria, e perniciosã à sua vida. Por virtude da continencia da qual foy logo deposto do Consulado, e por mandado de Regulo Consul ( em seu lugar substituido ) de consentimento do Senado foy preso, e em a prisam multado na cabeça, e depois arrastado por barrancos, e finalmente lançado em o Tyber. E huma sua filha que estava prometida ao filho de

de Claudio ( coufa nunca ouvida ) foy corrompida pelo algoz , e acabou com feus irmaõs miseravelmente. Este cafo escreve mais largamente Dion Caffio (1) que nos deve fervir de notavel exemplo da inconstancia , e mobilidade das coufas humanas , para que quando a felicidade dellas fe rir para nõs , e fe nos mostrar branda e fagueira , lhe naõ creamos ; e quando nos correr tudo prospero sejamos modestos , e vivamos recatados. Ha Reys de quem fe nam fa-be entender qual he nelles mais perigoso , fe o amar , fe o aborrecer. Os quaes sam peiores que as serpentes ; porque estas co a peçonha tem de miftura o remedio , e nelles nam ha coufa que nam seja venenosa , hora amem hora defamem : quasi igual he o mal que delles fe pode temer , fe naõ que avorrecendo defenganaõ os feus , e fazem-nos fugir , e amando-os enganaõ , e fazem deter no perigo imminente. Depois de fer Rey naõ ha coufa mais perigosa , nem

me-

(1) Hist. Rom. lib. 58.

menos segura que a amizade do Rey.

C A P. XVIII.

*Quaes sam os verdadeiros sabios ,  
que aos Reys devem ser  
acceptos.*

*Iust.* **M**Uytos fructos percebem os Reys da conversaçam dos doctos e bons varoens, e muito credito se lhes achega per esta via. Como naõ ha cousa que lhes ponha mor labèo e macula de deshonra que a companhia dos màos, assi apenas ha cousa que mais os acredite, e honre que a dos bons. Tal opiniam concebem os homens dos Principes quaes sam as partes dos que com elles cabem, e a suas abas mais chegados andam. De mais a experiencia mostra, que naõ sò se acquire a prudencia com a familiaridade dos prudentes, mas tambem se augmenta. Aconselham os rectos coufas rectas, e os màos com suas fraudes

des roubaõ o fiso aos fezudos. Naõ ha coufa que mais recree, quiete, fegure, defcanfe e aproveite aos Reys, que os fieis, e fabios amigos; em a fapiencia, virtude, e fidelidade nos quaes confifte fua confiança, dignidade, e doçura de fua vida; o alivio, e alegria de feu animo: e naõ na grandefa do Imperio, e copia de muito ouro, e prata. Dion efcrevendo a Dionifio lhe dizia: *Naõ vemos em as Tragedias morrerem os Principes por falta de riquezas, mas pola mingoa de amigos.* Nenhum delles fe queixa que compellido da neceffidade cahio nas maõs dos conjurados, fe naõ que defemparedo do fubfidio de verdadeyros amigos foy morto. Antiguamente entre as Perfes huns fe chamavaõ olhos dos Reys, outros orelhas, outros amigos, e eftes faziaõ os officios dos olhos, e das orelhas; dando a entender que os Reys rodeados de fieis e benevolos Vaffallos vem com muitos olhos as coufas que lhe convem especular, e ouvem com mui-



muitas orelhas as que lhe importa conhecer, e assi não podem cair, nem errar. Como entre os Judeos quando suas cousas floreciam chamavam os Reys a seu conselho Prophetas, e Varoens de Deos: Assi os Principes Christãos, cujos nomes sam immortaes, e cujas proezas foraõ heroicas, convocavam em negocios difficultosos os Varoens doctos, e Philosophos graves que no saber e sanctidade eraõ excellentes; dos avisos, e conselhos dos quaes se ajudavaõ, e co este adjutorio escapavam de muitos perigos. Nam he de homem rico mendigar, nem de sabio estar assentado às portas do Paço, como nam he de bom medico offerer-se, e meter-se em casa do enfermo sem ser chamado; mas he de prudente enfermo chamar os medicos sabios que lhe applicuem saudaveis mezinhas; assi não he officio de homem philosopho, nem està bem à sua autoridade ir onde o não chamam, e com muitas allegaçoes insinuar-se na graça dos Grandes, e  
com

com artificio conquistar suas vontades ; mas he officio de Principe prudente compellir o sabio a que sempre o acompanhe , e se ache com elle , e lhe sirva de instrucão em o governo. Ouçaõ os Reys com atençaõ o que Salamaõ Rey sapientissimo, em nome e pessoa da sabedoria diz : (1) *Meu he o conselho , e a doutrina , minha he a prudencia e a fortaleza : por mi reynaõ os Reys e os legisladores determinaõ o que he justo : per mi governam as Republicas os Principes , e os julgadores as moderaõ e daõ a cada hum o seu em a terra.*

*Ant.* Porém he de advertir que nem todos os doctos , e de agudos engenhos se podem chamar sabios : naõ he sabio o que a si mesmo faz dano , qual he o homem vicioso. E como este se naõ ha de ter por sabio , assi se naõ ha de reputar por ignorante o virtuoso , inda que naõ seja erudito e muito agudo. E se he nescio o que por sua vontade se faz

a

(1) Prov. 8. v. 14

a si grande prejuizo , summa pequi-  
ce he a daquelle que contra o que  
lhe dicta seu entendimento , impellido  
do vehemente impeto da sua concu-  
piscencia , machina e negocea contra  
si algum fim defestrado. Se se haõ  
de julgar por furiosos os que comem  
suas proprias carnes a bocados , e  
co ferro e dentes as despedaçãõ ,  
nam se podem ter em conta de se-  
zudos os que daõ feridas mortaes  
em suas almas e escandalizam suas  
consciencias. Logo se todos aquelles  
cuja defemfreada vontade discrepa  
do juizo de sua mente , saõ infanos  
e furiosos , bem se segue que aquel-  
les devem ser havidos por sábios , cu-  
ja vontade consente co juizo da re-  
cta razaõ , à qual todos os que obe-  
decem a la par se subjeitaõ à Ley de  
Deos. Que a recta rezam he Ley di-  
vina impressa , e esculpida em nossos  
animos. Bem entendem os deshonestos  
e perdidos o que lhe he decente  
e licito ; mas saõ tam miseros que  
movidos da força e corrupçaõ de suas  
concupiscencias , e entregues à occio-  
si-

fidade, e cegos de seus desordenados appetites, confessam que nam podem fazer o que julgam estar-lhe bem, e seguem o que entendem não lhe ser licito. Socrates em Xenophonte diz: que o bom colono se aventaja ao mão em fazer com industria e diligencia tudo o que à arte da agricultura pertence; e o mão he d'elle vencido, porque corrupto da prigiça e descuido deixando-se estar ao sol e ao fogo no inverno, dilata a execução de seu officio de dia em dia, te que se lhe passa o tempo da sementeira. E o peor he que não semeando nem cultivando a terra de modo que lhe possa dar fruto, se queixa no tempo da ceifa, que não tem que segar, nem pão que colher. Semelhante he a differença que ha entre o bom e mão Capitaõ, porque o bom ordena seus Reaes, como se tivera sempre os inimigos ante seus olhos, e se temera de algum subito assalto, explora os conselhos da parte adversa, resguarda-se, e cautela-se dos enganos e ciladas, não deixa pas-

passar occasião nenhuma dalguma boa empresa, não despreza, mas conserva sempre a boa ordem; e tudo o que entende ser conveniente e acertado faz com diligencia e destreza; mas o mão imprudente, e apoucado, vendo o que cumpre fazer logõ, ou o espassa para depois, ou quebrado do medo não ousa nem se atreve emprende-lo. Assi na vida commum cada qual dos que nam carecem de intendmento, entende assaz qual he o seu officio, e a quanto o obriga inda que por alguma temeridade, maldade, ou negligencia o deixe de fazer. Donde se collige que a summa da sapiencia està posta em não recusar nossa vontade o imperio da razãõ, e em effectuar com presteza o que o intendmento lhe propoem e dicta que he recto e honesto, e em nunca querer se não o que a mente julga aver-se de fazer; nem tomar outro conselho se não o da recta razãõ cujo he o regno de nossa alma.

## C A P. XX.

*Em que consiste a verdadeyra  
Sapiencia.*

*Just.* **D**O que tendes razoado com vossa eloquencia parece claramente que em o consentimento suavissimo, e conspiraçõ conforme de duas potencias do animo humano, consiste o ser sabio, e està constituida a sabedoria. Mas visto como muitas vezes queriamos fazer o que he justo, sancto, honesto, e recto, e somos repellidos da força dos maõs desejos, e da fera e indomita concupiscencia, confessemos que o recto estado, e boa composiçã de nossos animos nam se contem so em o fraco conato, e braço da industria, e potencia humana, mas em o soccorro e beneficio da divina, como nos ensina a piedade Christãã. Pouco aproveita obedecer à razaõ, se ella està em trevas; e pouco nos importa o seu imper-

perio, quando a vontade por ser fraqua, e a tentaçam ser rija, o não pode executar. De maneyra que soo Deos he o mestre da verissima sabedoria, e o formador e moderador do bom estado de nosso animo, e desta tamanha felicidade elle so he o feitor, e autor. Na sua noticia, e no estudo ardentissimo da piedade, no amor com que a alma casta e pura se liga, vincula e abraça co a divina Mente se ha de collocar a Sapiencia. Por tanto deve o Rey furtar algum tempo às suas muitas occupaçoens, e livre das turbas, e inquietação dos homens, em seu intimo retrete e secreto oratorio fechado, gastar alguma hora em colloquio familiar e jucundissimo de Deos, e pedir-lhe soccorro e conselho. Se he soberba e temeridade menos prezar o conselho do homem prudente, que moor soberba e desatino pode ser que não ter conta com procurar o de Deos Pay Sapiientissimo? E se nas cousas adversas costumam huns Reys pedir ajuda a outros, sendo seu sa-

ber, e forças fracas, e a fidelidade nam he certa; porque o nam pediram com moor instancia a este supremo Monarcha e Rey potentissimo, cuja sapiencia, fidelidade, determinaçam e potestade, nam so he firme e estável e sempiterna, mas tambem immensa e infinita? Não estima o conselho e presidio de Deos o que em pedir e procurar o dos homens mete mais cabedal; donde lhe vem por seu justo juizo que desemparedado de hum, e do outro, dec atravez co Reyno, e encorra em perpetua infamia. Não deixem todavia os Principes de se ajudar do parecer de homens Letrados, pios, e de boa consciencia, que não sejaõ temerarios, nem mal afeiçãoados. Qua se dermos vista à memoria de toda antiguidade, acharemos que os males que deram davesso com grandes Imperios foraõ pela moor parte causados per homens versados nas letras. Pericles que foy autor daquella guerra que affligio o Imperio dos Athenienses, foy ouvinte de Anaxagoras.

Al-



Alcib'ades foy peste de sua patria. E Critias tyrannizou os seus cidadãos, e hum, e outro foy discipulo de Socrates. A summa temeridade às vezes anda liada com a summa erudiçam, e estremada eloquencia. Nos tempos em que mais floreciam os Oradores e Philosophos fizeraõ naufragio muitos povos imperiosos, e Roma perdeo sua liberdade. Nem devem ser admitidos no serviço e presença do Rey homens de tam tardo e boto engenho, de animo tam baxo e acanhado, que nenhuns estudos liberaes, nem estimulos de louvor e gloria os excitaõ, acendem e habilitaõ a que saibam procurar o bem publico, e dar ordem às cousas a elle tocantes. Os bons estudos não são ornamento de todos os que nas Universidades florentissimas de Mestres doctissimos aprendem Philosophia, e se empregam no estudo das Sciencias, mas fomite daquelles que são dotados de bom engenho para às letras, e boa inclinação para o exercicio das virtudes. Como

as vestes preciosas carregadas de ouro e margaritas, e as joyas de rico fei-  
tio, e singular valor accommodadas  
ao uso, e culto dalguma bella don-  
zella, áfermosentaõ e ornaõ em gran-  
de maneyra; e quando se applicaõ  
ao ornato de huma disforme mulher,  
ficam taõ longe de encobrir, e dar  
cor à sua deformidade, que a fazem  
mais manifesta, e evidente; assi as  
boas, e excellentes artes cultivaõ os  
engenhos çlãros, e ataviaõ o animo  
com seus ornamentos; mas quando  
vaõ dar em mãos vaõs, em peitos  
e animos impuros, e depravados,  
avendo-os de illustrar, e ornar, mos-  
traõ mais claramente aos olhos de  
todos sua torpeza, e indignidade.  
Ha Letrados que nem sabem ter mo-  
do nas cousas, nem com a razaõ  
comprehender o que haõ de seguir,  
e o de que haõ de fugir. E que  
conselho podem dar os que usaõ, pa-  
ra sua perdiçam, do instituido para  
sua faude, e a si mesmos aconselhaõ  
o peor? Ouve Philosophos taõ estu-  
pidos e rudos que saindo de suas  
ca-

casas pelo defuzo que tinhaõ de ver a luz, e conversar os homens, naõ sabiam firmar seus pees, nem atentar o lugar em que estavaõ, e vendo-se entre muita gente assi titubavaõ, reparavaõ, e passavaõ pelos vizinhos, que parecia claramente naõ terem noticia dos costumes, e vidas dos homens, nem dos lugares em que se criaraõ e naceraõ, nem finalmente dos caminhos que hiaõ para às suas praças. De Thales Philosopho se conta que andando cos olhos no Ceo cahio em hum poço, e huma molherinha que o vio, rindo-se alrotou d'elle dizendo: *Oh que agudeza e saber tam estremado de Philosopho, que occupado em ver as regioens do Ceo remotissimas da terra, deu consigo em o poço que tinha ante seus olhos.* Taes sã alguns dos que se dam às Sciencias, que investigando com summo estudo as cousas remotissimas da vista, e noticia humana, nem vem as que andam trilhadas na vida commum, nem os perigos que às suas cousas estam imminentes.

Quem

Quem assi carece de vista em causa propria, que farà em a alhea?

*Ant.* Nam sãem esses os Sabios que nas casas dos Principes, e nos seus Conselhos se haõ de achar, mas os que tem as partes que dantes approvamos, às quaes me reporto. Nem he verdadeira Philosophia a que com emganosas azas se levanta, e com ventosa jactancia de inutiles disputas voa pelo ar; mas a que com certos e honestos passos nos guia e leva ao porto saudavel dos moradores do Ceo. A verdadeyra Sapiencia nam se pode apartar da virtude. Oh se ouvera tantos sabios quantos sãem os mestres da Sabedoria? He para espantar a quem poucos com verdade quadra o titulo de Sabio. O que quer conhecer quanto tem de sabio volva os olhos atras, lembre-se quantas vezes na carreira de sua vida aja tropeçado, quantas caido, quantas errado, quantas cousas vergonhosas, quantas dignas de dor e arrependimento aja cometido; e sobre tudo conheça, e confesse suas

im-

imperfeições e faltas. Poucos são os verdadeiros Letrados, e quasi nenhuns os Sabios; porque huma cousa he sabiamente falar, e outra sabiamente viver; huma he chamar-se sabio, e outra se-lo: como tambem huma cousa he ter nomeada de prudente, e outra se-lo realmente.

## C A P. XXI

*Da Prudencia e da Justiça, e suas partes.*

*Ant.* **P**orque a prudencia e justiça são das principaes partes que devem ter os Principes, e seus officiaes gastarei este apparo em dizer algo dellas. He tão principal virtude a prudencia, que sem ella não pode viver alguém entre os mortaes. Porque não sendo a virtude outra cousa que huma medianeira entre dous extremos, terminada com recta razão, bem se segue sem a prudencia não poder aver virtude alguma, pois a ella pertence de-

demonstrar o meio em que todas consistem. E deve-se advertir que aquelle meio que he virtude, naõ he como o meio arifmetico, que dista igualmente dos seus extremos. Como he ( verbi gratia ) em a quantidade continua o Centro do Circulo, do qual tiradas tantas linhas quantas quizermos atè chegarmos à circumferencia, todas sam iguaes; como o he em a quantidade discreta o numero de seis entre os numeros de dous, e de dez, que tanto dista do hum como do outro. Mas he como o meio Geometrico o qual està distante dos seus extremos por huma semelhança, ou verdadeyramente proporçaõ da razaõ; como o he ( exempli causa ) o numero de seis entre os numeros nove e quatro, que comprehende o numero quatro huma vez e meia, e he conteudo do numero nove outra vez e meia, e por isso se diz ser meio entre hum, e outro segundo a proporçaõ da razaõ. Assi tambem naõ sendo aquelle meo em que consiste a virtude posto entre seus extremos

por

por distancia igual ao modo de meio arifmetico, convem que o determine alguma virtude conforme a huma proporção racionavel dos extremos, à femelhança do meio geometrico. E a virtude a quem pertence determina-lo he a soberana virtude da Prudencia. E assi nam pode sem ella aver alguma virtude, pelo que he reputada por regra e fundamento de todas ellas. Na qual he importantissimo serem excellentes os Principes, Governadores, Confelheiros, e Legisladores, para que as leys, sem as quaes se nam podem governar como convem os povos, sejaõ justas, e executadas com igualdade.

*Just.* Se cada hum fizesse aos outros o que a si queria lhe fizessem, como o quer a ley da natureza, esuzadas foraõ outras leys. A mayor parte das quaes està feita para declaração da ley natural, e se ellas se desviassem daquella não feriaõ justas. Porque como nas cousas especulativas ha algumas como principios que sam notorios a cada hum  
por

por sua propria natureza , e por o lume de seu intendmento , de modo que nenhuma necessidade tem de ser provados ; qual he aquelle principio (Huma mesma cousa não pode no mesmo tempo ser , e nam ser , ) e depois ha outras como Concluzoens que nascem daquellas primeiras , e nellas estão fundadas : assi nas couzas activas ha certas clarezas , e principios naturaes evidentes por huma noticia commum a todos os homens , e a cada qual delles , como he ( Não fazer aos outros o que não queremos se faça a nós ) e destes principios procedem depois as leys escritas sobre elles fundadas , que foraõ feitas para poder interpretar a razaõ natural , nam à nossa vontade , nem para a poder estirar de cà para là segundo nos parece , a fim de mostrar com palavras que he cousa justa , o que he injusto em as obras.

*Ant.* Muitas vezes se experimenta que o que melhor sabe estirar huma ley ao fim que pretende , e deseja , he tido por melhor Letrado.

*Just.*



*Just.* Falo das leys em si, e não do mão uso dellas. E para que se entenda melhor o que vou dizendo, he de notar, que a justiça primeyramente se divide em duas partes, huma das quaes se chama distributiva, e a outra commutativa. A primeyra consiste em a distribuição das honras, cargos, e penas, honrando, e galardoando os bons, e castigando, e inhabilitando os mãos. E a segunda em a commutação das cousas necessarias para o uso humano, observando aquella igualdade, e troca que se requiere para bem das cousas civis, e do viver pacifico dos homens.

*Ant.* Mal se pode achar sinceridade, e igualdade sem respeito naquelles, que em a distribuçam dos officios honrosos, e dos premios, e galardoens que merecem as virtudes e os bõs homens, ou das penas que merecem os vicios e mãos homens nenhuma conta fazem dos virtuosos; antes os perseguem e opprimem deterrando-os, e fazendo-lhes outras mil

mil injurias sem mais causa que por os tirar diante de seus olhos, e os não ver emparelhados consigo, e para que em sua vida e costumes se não venham a conhecer mais claramente seus vicios. Bem se vee hoje nas Republicas o lugar que nellas tem os roins, e a conta que se faz dos bons por culpa do desordenado amor proprio, de que se deixaõ levar aquelles a quem pertence a distribuição dos premios, e penas conforme aos meritos e demeritos de cada hum. Deixam-se corromper em tanta maneyra do interesse, ou da afeição, ou do odio, ou de qualquer outra payxaõ e illicito respeito, que se ha visto algumas vezes por huma mesma obra virtuosa fazer a hum bem, e não fazer caso do outro; e por hum mesmo delicto castigar a hum muy gravemente, e a outro não fomite o não punir, mas prove-lo de algum honrado cargo. Pois no que toca à commutativa mal se pode guardar daquelles que nam cuidaõ em al, se nam em como haõ de

de possuir o alheo , sem ter algum respeito ao que he justo em suas commutaçoens. Naõ pretendem mais nellas que o ganho licito ou illicito , e fazer-se mais prestes ricos , enganando , e cegando os outros de maneyra que nam podem conhecer o que mais lhe convem.

*Just.* Naõ vades mais adiante em contar as injustiças que se achão nas operaçoens humanas , pois se naõ pode negar aver muitos homens , que tirados , e guiados do amor proprio fazem muito ameude naõ somente o que naõ devem , mas o que elles quando naõ estaõ apaixonados naõ queriaõ ja mais aver feito. Quanto mais que sam muitos os que assi em a distributiva , como na commutativa naõ fazem cousa alguma contra as suas leys , de cujos exemplos andaõ os Livros cheos. E quanto menos ha destes , tanto mais se ve a necessidade que tem os Governadores das Cidades de ser prudentes , e justos para dirigir seus Vassallos quando se desviaõ da razaõ , ao que  
na

na verdade he recto, e conforme a ella, e às leys que nella se estribaõ.

*Ant.* Daa a justiça de si a cada hum o que he feu, e primeyramente a Deos dà a honra que lhe he devida, e esta hora seja huma parte della, hora huma especial virtude encaxada, e pegada a ella, he chamada dos sabios *Religiaõ*. E a que se dà à patria, e a nossos progenitores se chama *Piedade*, aos quaes se somos muito obrigados; naõ o somos menos à nossa patria. Desta vemos grande semelhança em a Cegonha, porque segundo escrevem os Philosophos naturaes nos seus Livros dos animaes, quando ve que o pay e may de velhos naõ podem voar, e se deixaõ estar no ninho, os sustenta até com o sangue proprio, e vendo que lhes faltaõ as penas, se pela, e depena a si mesma, e os cobre porque naõ padeçaõ algum detrimeto do frio; o que faz naõ só por regalar aquelles que a geraraõ, mas tambem por seu commodo, que sendo ella muito fria de sua natureza,

za depois de buscar o que lhe he necessario para se manter, folga de estar no ninho juntamente com elles para se aquentar. E tornando ao proposito he a justiça huma congregação de todas as virtudes, e ella as contem todas em si, dando a cada huma a rectidão e regra de que deve usar, mandando ao esforçado que nam tema, nem fuja daquelles perigos que lhe acarretão gloria; e ao temperado que se não dê demasiadamente aos prazeres, ou que não faça cousa desconveniente por fugir os pesares; e ao pacifico que não faça a seu proximo alguma injuria. Ella he a que ordena todas as obras boas dos homens, moderando, e reduzindo a hum meio conveniente todos seus negocios. E por isto lhe chamaõ alguns virtude inteira, e mais perfeita que todas as outras, que fazem bom o que as possue somente em quanto lhe toca, ordenando ella o homem não taõ somente quanto a si, mas tambem quanto aos outros; e respeitando não sò o bem

particular ; mas alapar , e muito mais o Universal. Finalmente ella he a que daa o de Cesar a Cesar , e o de Deos a Deos. Aos Principes devido he o moderado tributo , a fidelidade , e lealdade , a vassallagem , e linagem de cortesia que anda posta e usada por ley ; e a Deos se deve a adoraçam de latria , o sacrificio , e por elle se ha de jurar quando convem que se jure : e elle se hade tomar por testemunha do que affirmamos , e prometemos , pois he a mesma verdade , e naõ pode mentir , nem approvar mentira , nem enganar , nem ser enganado. Acto he de virtude de latria , e Religiaõ *o juris jurando* , e jura que se faz *rite* , isto he com verdade , e com as mais circumstancias e solenidades requiridas. Daqui naceo que querendo o Demonio ser reconhecido dos homens por Deos persuadio aos Gentios que jurassem por elle , e lhe sacrificassem as suas rezes , e seus filhos e filhas , e o adorassem. E chegou a tanto sua pouca vergonha que no deserto

pro-

prometeo a Christo todos os Reynos da terra , como se foraõ seus , se o adorasse e reverenciasse como a Deos. Mas o Senhor lhe respondeo como elle merecia : *Vade retro Satana , scriptum est : Dominum Deum tuum adorabis , et illi soli servies.* A este sò Senhor adoremos , a elle sò sirvamos , a elle offereçamos sacrificio de louvor. Elle sò seja obedecido de todo o mundo , e por todos os seculos glorificado e bendito.

*Just.* Amen. Amen. Naõ me detenho mais por vos naõ cançar , e tende por muito certo que me parto de vossa presença muito contra meu gosto. Deos vos de o descanso , e bem que eu para mim quera , e vos mais desejaes.

*Fim do tom. I.*







# NOTICIA

Dos Livros antigos e modernos que  
tem feito imprimir o Professor Re-  
gio de Filozofia

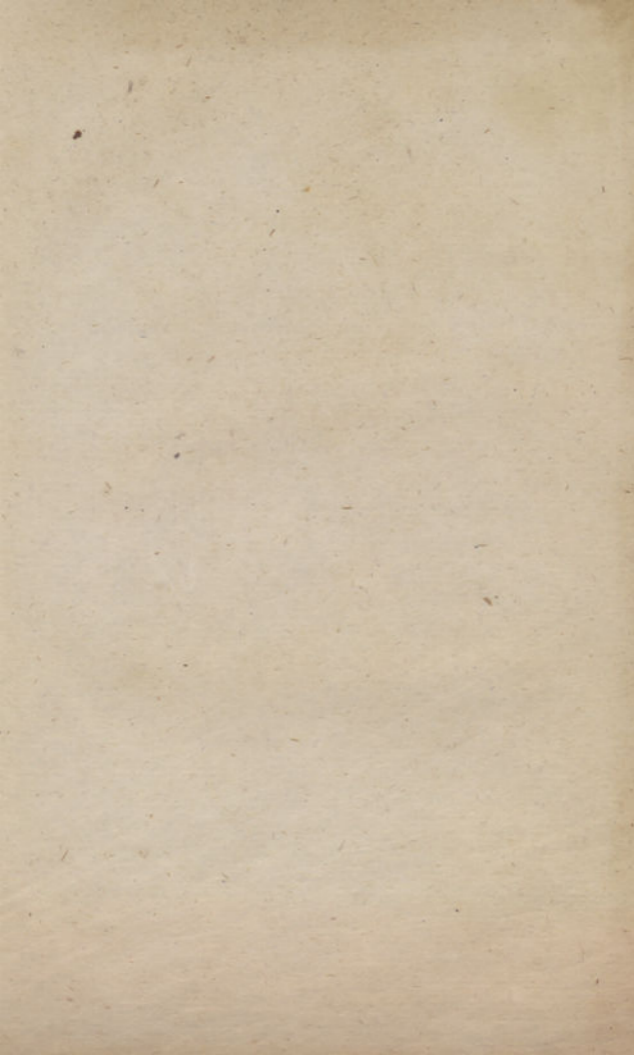
BENTO JOZE' DE SOUZA FARINHA

- J**ERONYMO Corte-Real, *Poe-  
ma do segundo Cerco de Diu.*  
I. tom. 8. - - - - - 480
- Luiz Pereira, *Elegiada, Poema  
da Jornada de Africa.* I.  
tom. 8. - - - - - 480
- Jeronymo de Mendonça, *His-  
toria da Jornada de Africa.*  
I. tom 8. - - - - - 400
- Andrè de Rezende, *Historia  
da antiguidade de Evora,*  
com varias antiguidades mais  
escriptas por Gaspar Estaço,  
Fr. Bernardo de Brito, e  
Gaspar Severim de Faria, e  
Diogo Mendes de Vasconcel-  
los. I. tom. 8. - - - - - 400
- Antonio Ribeiro Chiado, *Colle-  
çam de algumas obras em  
Verso.* I. vol. 8. - - - - - 60
- D. Antonio Pinheiro, *Colleçam  
de*

<i>de suas obras Portuguezas.</i>	
2. tom. 8. - - - - -	800
Francisco Rodrigues Lobo, <i>Poema o Condestabre.</i> 1. tom. 8.	480
Martim Affonso de Miranda, <i>Tempo de Agora em Dialogos.</i> 2. tom. 8. - - - - -	800
<i>Filozofia de Principes extraida das Obras de nossos Authores em Proza e Verso.</i> 5. tom. 8. - - - - -	2000
<i>Summario da Bibliotheca Luzitana.</i> 4. tom. 8. - - - - -	1920
Heineccii <i>Elementa Philosophiae Moralis.</i> 1. tom. 8. -	240
O mesmo em Portugues 1. tom. 8. - - - - -	240
Antonii Genuensis <i>Institutiones Logicae.</i> 1. tom. 8. - - - - -	240
O mesmo em Portugues com suas notas. 1. tom. 8. - - -	300
Antonii Genuensis <i>Institutiones Metaphysicae.</i> 1. tom. 8. -	240

---

Vendem-se na Logea da Viuva Bertrand e filhos junto à Igreja de N. Senhora dos Martyres.



de José de S. Pereira	200
Francisco Rodrigues Lobo, Po- sita à Catedral. 3. tom. 2.	200
Martin Afonso de Miranda, Tempo de rigora em Dina- ria. 1. tom. 3.	200
Fulciana de Rêncipes e outras das Obras de vários Auto- res em Prosa e Verso. 5. tom. 2.	2000
Sumaria de Ghibilões La- tinas. 1. tom. 2.	1920
Heineccii Elementa Philo- sophiae Moralis. 1. tom. 2.	140
O mesmo em Portuguez. 1. tom. 2.	140
Antoni Genesio Institutiones Logicae. 1. tom. 2.	140
O mesmo em Portuguez. 1. tom. 2.	300
Antoni Genesio Institutiones Metaphysicae. 1. tom. 2.	140

---

Vendem-se na Loja de Vinte e  
três e filhas de S. João de N. Se-  
nhora do Alentejo.



